

XCLUSIVE

FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



Ano 19
nº 232
Ago/2026

ESPECIAL
EL NIÑO VOLTA AO
RADAR E ACENDE
ALERTA PARA A
CADEIA DA PROTEÍNA
ANIMAL

COBERTURA
INTENSIFICAÇÃO
SUSTENTÁVEL GANHA
DESTAQUE NO SIMPÓSIO
FEED & FOOD DURANTE
O SIAVS 2026



COMPROMISSO COM A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO ANIMAL

PLASSON AMPLIA ESTRUTURA, FORTALECE ATUAÇÃO TÉCNICA, DIVERSIFICA PORTFÓLIO E APOSTA NA PROXIMIDADE COM O PRODUTOR PARA CONSOLIDAR SUA POSIÇÃO COMO PARCEIRA ESTRATÉGICA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL



SOLUÇÕES AMBIENTALMENTE CORRETAS, ECONOMICAMENTE PERFEITAS.

A GRASP completou **25 anos** no mercado de nutrição animal, se dedicando ao uso da **pesquisa, ciência e tecnologia** para oferecer aditivos e ingredientes rentáveis aos clientes e seguros aos animais e às pessoas.

The "ativo" logo, featuring a stylized leaf icon followed by the word "ativo" in a lowercase, sans-serif font.

The "mastersorb" logo, featuring the word "mastersorb" in a lowercase, sans-serif font.

The "PROTE-N" logo, featuring the word "PROTE-N" in a bold, uppercase, sans-serif font.

The "agmos" logo, featuring the word "agmos" in a bold, lowercase, sans-serif font.



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br | /grasp.ltda





ANO 19 - EDIÇÃO Nº 232 - AGO 26

FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli (MTB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Giovana de Paula
(MTB 39.817)
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER

Kevin Nascimento
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes
(MTB 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO
E RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA

Gustavo Cotrim
gustavo@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

Renan Avelino
renan@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABIEC, ABPA, ABRA, ACNB,
Asbram, Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,
José Luiz Tejon, Mayra Theis,
MBPS, Peixes BR

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br
Revista on-line gratuita:
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



EDITORIAL

UM SETOR QUE SE ENCONTRA PARA AVANÇAR

A gosto começou intenso para a cadeia de proteína animal. Em poucos dias, dois dos principais encontros do setor movimentaram São Paulo e Chapecó, reunindo empresas, especialistas, produtores e lideranças em torno de negócios, conhecimento e dos caminhos que estão moldando o futuro da nossa atividade.

O SIAVS 2026 confirmou, mais uma vez, a força da proteína animal brasileira. Corredores movimentados, lançamentos, debates, negócios e muitos encontros mostraram um setor dinâmico, que continua investindo, inovando e olhando para frente.

Para a plataforma **Feed&Food**, esta edição teve um significado ainda mais especial. Durante o SIAVS, realizamos a **6ª edição do Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade** e a entrega do **Troféu Curuca**. O auditório cheio e a qualidade das discussões reforçaram a importância de criar espaços para debater sustentabilidade de forma prática, conectada à realidade das empresas e da produção.

O **Troféu Curuca** também cumpriu mais uma vez seu propósito: dar palco, voz e reconhecimento às iniciativas sustentáveis do nosso mercado. Mais do que premiar, queremos compartilhar bons exemplos. Mostrar projetos que já estão acontecendo e que podem inspirar novas ideias e iniciativas em toda a cadeia.

Poucos dias depois, foi a vez de Chapecó receber o Simpósio Brasil Sul de Suinocultura. Mais um encontro de grande relevância, marcado pela troca de conhecimento técnico, atualização profissional e discussões sobre os desafios e oportunidades de uma atividade fundamental para o agronegócio brasileiro.

Participar desses dois grandes momentos em sequência deixa uma percepção muito clara: nosso setor continua tendo uma enorme capacidade de se mobilizar, trocar conhecimento e construir caminhos em conjunto.

E talvez esteja justamente aí uma das maiores riquezas desses encontros.

Tecnologia, inovação, eficiência, sustentabilidade e competitividade estão cada vez mais presentes nas discussões. Mas, por trás de cada avanço, continuam existindo pessoas. São elas que compartilham experiências, questionam modelos, apresentam soluções e transformam conhecimento em resultado.

É por isso que a **Feed&Food** faz questão de estar presente nesses ambientes. Não apenas para contar o que aconteceu, mas para ouvir, conectar e ajudar a levar essas discussões para além dos auditórios e corredores dos eventos.

Encerramos esse ciclo com a sensação de dever cumprido e, principalmente, com muitos motivos para agradecer.

A todos que estiveram conosco no SIAVS, no **Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade** e no **Troféu Curuca**, assim como aos profissionais e empresas que encontramos no Simpósio Brasil Sul de Suinocultura, nosso muito obrigado pela confiança, pelas conversas e pela parceria.

Os eventos terminam. As conexões, as ideias e o conhecimento que eles deixam continuam movimentando o setor.

Boa leitura!

Diogo Ciasulli
CEO



18

CAPA

PLASSON ENTRA
EM NOVA FASE DE
CRESCIMENTO E REFORÇA
COMPROMISSO COM
A EVOLUÇÃO DA
PRODUÇÃO ANIMAL



PWC

06 Resiliência do agronegócio sob tensão, oportunidades em movimento

ARIOVALDO ZANI

08 Niño, mientras gigante en el daño!

ENTREVISTA

10 Henrique Carneiro Lobato e Itallo Conrado Sousa Araújo, da Universidade Federal de Minas Gerais: Estresse térmico e epigenética na avicultura

ABPA

14 SIAVS: a evolução de um evento para uma plataforma estratégica do desenvolvimento setorial

AGRONEGÓCIO

16 Ricardo Santin avalia como a ABPA se posiciona em meio ao agronegócio brasileiro

PUBLIEDITORIAL

26 Cobb-Vantress inaugura novo Laboratório de Controle de Qualidade e amplia em 50% a capacidade de análises

ABIEC

28 Beef Report 2026 revela novo patamar da pecuária brasileira

COBERTURA SIAVS 2026

30 Integração entre cadeias e eficiência produtiva pautam os debates do SIAVS 2026

32 Big Dutchman destaca automação, bem-estar e sustentabilidade com novas tecnologias no SIAVS 2026

34 Hendrix Genetics apresenta no SIAVS 2026 integração entre genética e nutrição como caminho para maior eficiência na avicultura

36 Oligo Basics ressalta alternativas aos antibióticos, controle de micotoxinas e nutrição de precisão no SIAVS 2026

38 SIAVS 2026: Sanex consolida sua estratégia de crescimento baseada na inovação em nutrição e saúde animal

40 Vaxxinova reforça no SIAVS 2026 seu foco com a inovação em saúde animal



42

SIMPÓSIO FEED&FOOD

INTENSIFICAÇÃO
SUSTENTÁVEL GANHA
DESTAQUE NO SIMPÓSIO
FEED & FOOD DURANTE
O SIAVS 2026

PUBLIEDITORIAL

48 Produtividade e eficiência: a evolução das baias de maternidade na suinocultura

SUÍNOS

50 Programa Suíno Certificado Frimesa é elo entre sustentabilidade e rendimento

ASBRAM

52 ASBRAM vê tecnologia e nutrição como vetores de produtividade no campo

ESPECIAL

54 El Niño volta ao radar e acende alerta para a cadeia da proteína animal

ABRA

59 Quando sustentabilidade também reduz custos

SUSTENTABILIDADE

60 Movimento Central Mineira: a nova fronteira da agropecuária sustentável do Brasil

PUBLIEDITORIAL

62 Saúde intestinal como fundamento da eficiência e sustentabilidade produtiva

BOVINOS LEITE

64 Projeto inédito em Campo Grande (MS) prevê movimentação de R\$ 24 milhões com inclusão do leite em ações sociais

MESA BRASILEIRA DA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL

65 O fortalecimento da pecuária brasileira passa pela integração de diferentes agendas

BOVINOS

66 Mosca-dos-estábulo volta a preocupar setor sucropecuário no início da safra 2026

ACNB

69 Nelore mostra que produzir com qualidade é o único caminho para a pecuária

PEIXE BR

70 A força da piscicultura brasileira diante de um mercado em transformação

ABCC

72 O papel da aquicultura em contraponto aos riscos associados ao "Super El Niño, 2026"

TEJON

74 Mecanização com biocombustível do Brasil. O agro não pode esperar mais

Mayra Theis e Fabio Pereira

RESILIÊNCIA DO AGRONEGÓCIO SOB TENSÃO, OPORTUNIDADES EM MOVIMENTO

O agronegócio brasileiro inicia a safra de grãos 2026/27 equilibrando confiança e cautela. A estimativa de colheita da safra 2025/26 de 358,6 milhões de toneladas, projeta a maior safra já colhida no país, segundo o 9º Levantamento da Conab, totalizando uma variação positiva de 6,4 milhões de toneladas. A soja se destaca por apresentar o maior crescimento em relação a safra anterior, seguida pelo milho primeira safra e o sorgo. Os fundamentos seguem sólidos e o Brasil é hoje peça central no abastecimento global das principais commodities agrícolas, mas juros altos, um El Niño confirmado e um comércio internacional em reconfiguração impõem disciplina e capacidade de adaptação. Nesse cenário, ganha quem souber transformar risco em valor, num momento em que a demanda por alimentos, fibras e bioenergia abre uma janela de oportunidade global para o país, desde que ele resolva seus gargalos internos.

A 29ª CEO Survey da PwC capta bem o clima do setor: otimismo, mas contido. Entre os líderes do agro, 58% esperavam aceleração da economia brasileira nos próximos 12 meses — acima da média global (50%), porém bem abaixo dos 76% registrados um ano antes. A confiança no crescimento da própria receita em 12 meses também recuou, de 48% para 38%. É o que a pesquisa chama de “tensão no ar”. O pano de fundo macroeconômico ajuda a explicar essa prudência: a Selic segue elevada, em 14,25% ao ano, com IPCA de 4,72% em maio, combinação que mantém o crédito caro e as margens pressionadas. Ainda assim, o agro permanece como um dos motores mais consistentes da economia, respondendo por cerca de metade das exportações brasileiras. A confiança em três anos caiu de 66% (2025) para 55% (2026), mas ainda supera as médias nacional (46%) e global (49%).

O perfil de risco concentra-se em três frentes: inflação (35% dos CEOs com alta exposição), instabilidade macroeconômica (33%) e mudanças climáticas (33%) — esta muito acima das médias brasileira (18%) e global (23%). O clima é o ponto mais agudo: a NOAA confirmou um El Niño com 63% de probabilidade de ser “mui-

to forte” entre novembro e janeiro, ameaçando milho de segunda safra, café, cana, trigo e laranja, com risco de excesso hídrico no Sul e seca severa no MATOPIBA. Somam-se a pressão de custos de fertilizantes e defensivos, influenciada pelos conflitos no Oriente Médio, e a rentabilidade comprimida em diversas cadeias.

O ambiente de juros tem restringido investimentos. A inadimplência rural encerrou 2025 em 8,2%, segundo a Serasa Experian. Em contrapartida, instrumentos como LCA, CPR e Fiagros ganharam protagonismo, ampliando alternativas ao Plano Safra. O movimento acompanha a digitalização do crédito, que tem o monitoramento apoiado em sensoriamento remoto, IA (Inteligência Artificial) e dados territoriais. A gestão de risco deverá ficar mais sofisticada, com hedge e diversificação.

No tabuleiro global, o impacto é duplo. Conflitos e tarifas preocupam 25% dos CEOs do agro. A questão chinesa é o ponto mais sensível: com a finalização da cota de carne bovina por volta de agosto, o mercado deve testar sua adaptação sem a China. Ainda assim, a reconfiguração comercial pode beneficiar fornecedores confiáveis como o Brasil, líder em soja, açúcar, suco de laranja, café, algodão, celulose e carnes.

O setor mantém atratividade diferenciada. Pela CEO Survey, 50% das empresas passaram a competir em novas indústrias nos últimos cinco anos, e 33% reportam aumento de receita atribuído à IA. A agenda climática é o segundo polo de atração: 43% já consideram riscos climáticos no design de produtos. Armazenagem, logística e irrigação concentram demanda crescente. Investidores analisam com atenção a gestão do risco climático (citada por 50%), a disciplina financeira, a conformidade sanitária e a governança.

Há uma transição estrutural com menor dependência do crédito subsidiado e maior protagonismo do mercado de capitais. O balanço da safra que se encerra é de um agronegócio resiliente, mas sob tensão. O mundo demanda os produtos brasileiros; o desafio será equilibrar curto e longo prazo, convertendo clima e tecnologia em fontes de valor e destravando os gargalos que separam o potencial de sua plena realização. ■



Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e Agtech Innovation

Natural por essência. Resultado por ciência.

Essential®, o melhorador de desempenho natural com benefícios multiespécies e respaldo técnico.



Fórmula patenteada
à base de **óleos
funcionais**



Essential® – modo de ação



Acesse o nosso site e saiba mais!
www.oligobasics.com.br



uma empresa do **innovad.group**



Ariovaldo Zani

é médico veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP; Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do Conselho Regional de Medicina Veterinária/CRMV SP.

NIÑO, MIENTRAS GIGANTE EN EL DAÑO!

A possibilidade de ocorrência de um El Niño de forte intensidade coloca em alerta a agropecuária e a indústria brasileira de alimentação animal, já que seus efeitos podem começar com alterações no regime de chuvas e temperaturas, mas tendem a percorrer toda a cadeia produtiva, alcançando a oferta e a qualidade das matérias-primas, o desempenho dos animais, a logística, os custos industriais e a competitividade.

Caracterizado pelo aquecimento anormal das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial, o fenômeno costuma estar associado a estiagens no Norte e Nordeste, chuvas excessivas no Sul e calor intenso no Centro-Oeste e Sudeste, muito embora, a intensidade, a duração e a distribuição regional dessas ocorrências determinarão o alcance dos impactos sobre lavouras, pastagens, disponibilidade de água e infraestrutura.

Milho, sorgo, soja, farelo de soja e trigo e arroz, além de farinhas, gorduras e outros coprodutos de origem animal, estão entre os ingredientes potencialmente mais expostos porque as chuvas irregulares podem comprometer o calendário agrícola e reduzir a produtividade. O excesso de umidade atrasa a colheita, amplia a necessidade de secagem e favorece o desenvolvimento de fungos e micotoxinas, enquanto que as áreas atingidas pela estiagem, tem sua disponibilidade de água comprometida e o potencial produtivo das lavouras diminuído.

É importante ressaltar que os efeitos transcendem as fronteiras do campo, alcançando a fabricação de alimentos para animais que emprega energia em processos como moagem, mistura, extrusão, secagem, refrigeração, climatização, embalagem e armazenagem, já que a eventual combinação de matérias-primas mais caras, maior necessidade de processamento e aumento dos custos energéticos tende pressionar a produção de rações, suplementos, concentrados, premixes e alimentos para animais de companhia.

O hipotético cenário de escassez ou forte elevação dos preços, estabelece a substituição da composição básica por insumos alternativos, contudo, a preservação do equilíbrio nutricional, da digestibilidade, a segurança, da estabilidade, da palatabilidade e do desempenho esperado são mandatórios, a fim de assegurar a qualidade da alimentação e a saúde dos animais.

Na pecuária extensiva, por exemplo, uma estação chuvosa tardia ou irregular reduz a rebrota da forragem e a capacidade de suporte das propriedades, sendo que a menor disponibilidade de alimento desacelera o ganho de peso, prolonga o ciclo produtivo e aumenta a necessidade de suplementação mineral, inclusive a perda de condição corporal provoca menor eficiência produtiva das fêmeas e, consequentemente, diminui a geração de bezerras. No caso das vacas leiteiras, o forte calor reduz o consumo e direciona parte da energia dos animais para a manutenção da temperatura corporal, com possíveis perdas na produção e nos índices reprodutivos. Além disso, as rações e os concentrados também podem ficar mais caros por causa das pastagens e silagem prejudicadas, afora, problemas de casco, mastite e dificuldades de transporte por causa das chuvas persistentes.

Por sua vez, as cadeias produtivas dos não ruminantes tendem sofrer mais rapidamente com a elevação do custo da alimentação porque são bastante dependentes de milho e farelo de soja. Os frangos apresentam consumo reduzido na tentativa de limitar a produção de calor corporal, fenômeno que compromete o ganho de peso, a conversão e, em condições severas, pode levar até a morte, enquanto que na produção de ovos, podem ocorrer perdas de quantidade, peso e qualidade. Os suínos também reduzem a ingestão, tem o crescimento retardado, piora no aproveitamento dos nutrientes (e fertilidade, produção de leite e desempenho das leitegadas no caso das matrizes), quando submetidos às ondas de calor.

Na aquicultura, a intensidade desse evento climático natural pode combinar redução da disponibilidade hídrica, aumento da temperatura da água e queda do oxigênio dissolvido, prejudicando o consumo de ração, o crescimento, a conversão alimentar e a saúde dos peixes, com risco de mortalidade em situações extremas, além da diminuição do nível dos reservatórios também reduzir a renovação da água e limitar a capacidade dos cultivos em tanques-rede. Ao contrário, as chuvas excessivas podem provocar transbordamentos, entrada de sedimentos, alterações na qualidade da água, além do maior gasto com aeração e bombeamento e as dificuldades no transporte dos insumos (pós-larvas, alevinos, rações, etc.) e pescado.

Cabe frisar que a disputa por milho, soja e seus derivados tem acirrado cada vez mais, por conta da concorrência simultânea travada pela alimentação animal e humana, pelos biocombustíveis e as exportações. Os impactos dos eventos climáticos severos acabam por modular também o custo e a disponibilidade das farinhas e gorduras oriundas do processamento dos animais supramencionados, ou seja, as rações e os concentrados sofrem a influência, tanto da valorização dos grãos, quanto das mudanças nas cadeias fornecedoras de proteína animal.

As chuvas intensas costumam danificar rodovias, interromper acessos e afetar portos e unidades industriais, enquanto a estiagem tende reduzir o nível de rios e reservatórios, encarecer a energia e dificultar o transporte hidroviário. Resumidamente, os atrasos na chegada dos insumos ou na entrega dos produtos elevam custos, reduzem a eficiência e ampliam a necessidade de estoques de segurança, caracterizando a logística como outra fonte de risco.

Mais do que reagir a um episódio específico, empresas e produtores precisarão incorporar a variabilidade climática ao planejamento permanente, a saber, a diversificação regional de fornecedores, o planejamento antecipado das compras e os contratos de médio e longo prazo, a formação criteriosa de estoques e os mecanismos de proteção contra oscilações de commodities e câmbio, já que informação, tecnologia, modelagem nutricional das formulações e gestão de riscos serão decisivas para preservar a produtividade, a segurança das rações, concentrados e suplementos, o abastecimento e a competitividade. ■



Há três décadas, transformamos
ciência e tecnologia em soluções para
alcançar a excelência da produção
animal na América Latina.



Celebremos esse marco da nossa história!

ESTRESSE TÉRMICO E EPIGENÉTICA NA AVICULTURA

O ESTRESSE TÉRMICO **PODE AFETAR** MAIS DE UMA GERAÇÃO AVÍCOLA?

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

Existe plausibilidade biológica para que o estresse térmico afete não apenas a ave diretamente exposta, mas também sua progênie? O médico veterinário e pesquisador Henrique Carneiro Lobato, da Universidade Federal de Minas Gerais, recentemente teve a oportunidade de discutir em um artigo (um dos únicos encontrados relacionados a essa temática) que demonstrou que o estresse térmico em matrizes pode alterar a composição hormonal e nutricional dos ovos, impactando o desenvolvimento embrionário e características dos pintos ao nascimento.

Ele aponta que, além disso, mecanismos epigenéticos, especialmente relacionados à metilação do DNA e à regulação da expressão gênica, vêm sendo apontados como possíveis mediadores desses efeitos. “O estudo recente de Wang et al. (2025), orientado pelo professor Henry van den Brand da Wageningen University, demonstrou que matrizes de frango de corte submetidas a estresse térmico crônico (32°C por oito semanas) produziram ovos de menor qualidade e originaram pintinhos com menor peso corporal e menor desenvolvimento muscular já na fase embrionária e ao nascimento”, explicou. “Nós entendemos, portanto, que essas alterações podem estar associadas não apenas à menor disponibilidade de nutrientes no ovo, mas também a mecanismos epigenéticos induzidos pelo estresse térmico ma-

terno, capazes de alterar genes relacionados ao crescimento, metabolismo e desenvolvimento muscular”, avalia.

A análise foi coordenada pelo Professor Itallo Conrado Sousa Araújo (UFMG), que explica que apesar da forte plausibilidade biológica e dos avanços na área de epigenética, ainda não existem evidências robustas e consistentes que permitam afirmar, em condições comerciais, que o estresse térmico provoque efeitos previsíveis e duradouros ao longo de múltiplas gerações em aves. “Dessa forma, trata-se de uma área extremamente promissora, mas que ainda necessita de maior validação experimental, especialmente em estudos de longa duração e em escala produtiva”, pontua.

A **Feed & Food** foi conversar com Henrique Carneiro Lobato para saber mais detalhes da sua pesquisa.

A epigenética já é aplicável comercialmente ou ainda é campo experimental? O uso da epigenética na avicultura é variável e ainda não está consolidado de forma direta e estruturada no campo. No entanto, alguns de seus princípios já são explorados de maneira indireta, especialmente por meio da nutrição, que pode ser considerada um braço mais aplicado da epigenética. Estratégias nutricionais como o uso de metionina, colina, betaina, vitaminas do complexo B e outros doadores de grupos metil são exemplos clássicos, pois influenciam vias metabólicas e a expressão gênica, principalmente



em fases iniciais de desenvolvimento.

Apesar disso, aplicações mais diretas e controladas da epigenética, como a manipulação térmica durante a incubação, ainda não são utilizadas de forma rotineira ou padronizada no campo. Essa técnica apresenta forte embasamento científico e potencial para modular características como termotolerância e desenvolvimento muscular, mas sua adoção prática ainda é limitada, reforçando que a epigenética possui grande potencial, porém ainda não foi plenamente traduzida em aplicações consistentes no setor produtivo.

É possível “programar” aves mais resistentes ao calor desde o embrião? Sim, por meio da manipulação térmica embrionária (TM). Ajustes controlados de temperatura em períodos críticos da incubação podem modular mecanismos fisiológicos relacionados ao eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, à expressão de genes ligados ao desenvolvimento muscular e à resposta ao estresse térmico, resultando em aves mais adaptadas ao calor ao longo da vida”, destaca o pesquisador. Atualmente, já existem evidências consistentes de que a TM pode aumentar a termotolerância em frangos de corte, embora sua aplicação prática exija elevado nível de controle e padronização dos protocolos. Nosso grupo de pesquisa recentemente defendeu uma dissertação de mestrado na qual foram estudadas diferentes temperaturas de casca de ovos e tempos de exposição durante o desenvolvimento embrionário. Foram avaliados protocolos de 39,5°C por 6 ou 12 horas e 40,5°C por 6 ou 12 horas, entre o 7º e o 16º dia de incubação, comparados ao padrão comercial de 37,5°C. Posteriormente, as aves foram submetidas a um desafio térmico cíclico de 32°C por 8 horas diárias entre 21 e 35 dias de idade. Os resultados demonstraram que, nas primeiras 48 horas de aplicação do estresse térmico, o grupo não submetido à manipulação térmica apresentou mortalidade superior a 10%, enquanto os grupos submetidos à TM apresentaram mortalidade relativamente baixa, entre 2 e 4%. Além disso, o protocolo de 39,5°C por 6 horas apresentou desempenho zootécnico superior ao grupo não manipulado sob condição de estresse térmico.

Esses resultados reforçam que a

termotolerância pode, sim, ser parcialmente “programada” ainda na fase embrionária. Entretanto, os efeitos da manipulação térmica são altamente dependentes de diversos fatores, como temperatura utilizada, tempo de exposição, período do desenvolvimento embrionário em que o estímulo é aplicado, linhagem genética e intensidade do desafio térmico posterior. Dessa forma, embora seja uma estratégia extremamente promissora para a avicultura em cenários de aquecimento global, ainda requer ajustes finos para garantir segurança e repetibilidade em escala comercial.

Quais riscos existem ao tentar manipular respostas epigenéticas durante a incubação? Os riscos são elevados quando não há controle rigoroso dos protocolos. A janela entre um estímulo benéfico e um efeito deletério é estreita. Erros na amplitude térmica, duração da exposição ou momento do desenvolvimento embrionário podem resultar em prejuízos significativos, como queda na eclodibilidade, má formação embrionária, problemas de fechamento de umbigo e alterações fisiológicas permanentes.

Por isso, a aplicação da manipulação térmica embrionária exige elevado nível de precisão técnica e controle de processo. Possivelmente devido a esses riscos, as próprias empresas produtoras de frangos de corte ainda apresentam certo receio em modificar protocolos comerciais de incubação já consolidados. Em escala industrial, pequenos erros podem representar perdas econômicas expressivas, principalmente em função da elevada quantidade de ovos incubados simultaneamente. Além disso, mesmo nos protocolos convencionais, as máquinas de incubação já enfrentam dificuldades para manter total uniformidade térmica entre diferentes regiões da máquina, ovos e bandejas. Ainda, o resfriamento das máquinas também é um desafio para o setor. Outro fator importante é o tipo de incubadora utilizada. Em máquinas de estágio múltiplo, onde ovos em diferentes idades embrionárias compartilham o mesmo ambiente, torna-se inviável aplicar protocolos específicos de manipulação térmica, já que cada fase do desenvolvimento embrionário possui exigências térmicas

distintas. Dessa forma, estratégias de manipulação térmica embrionária seriam viáveis em incubadoras de estágio único, que permitem maior controle individualizado da temperatura, ventilação e umidade ao longo do desenvolvimento dos embriões. Portanto, embora exista grande potencial biológico e científico na programação térmica embrionária, sua aplicação comercial ainda depende de avanços importantes em automação, controle ambiental e padronização dos protocolos para garantir segurança, repetibilidade e viabilidade econômica.

O setor produtivo já utiliza esse conhecimento ou ainda está distante da prática?

O setor produtivo ainda está distante da aplicação prática de alguns segmentos da epigenética de forma direcionada ao campo. Até o momento, não há uso consolidado ou rotineiro de estratégias de manipulação térmica com foco em objetivos produtivos específicos, como melhoria de desempenho, redução de miopatias ou otimização de conversão alimentar. Existem, no máximo, alguns protocolos relacionados à idade das matrizes ou à linhagem, mas não voltados para demandas práticas e direcionadas do campo. Por outro lado, a nutrigenômica, como um braço mais aplicado da epigenética, já está mais presente na prática, por meio do uso de nutrientes e aditivos que modulam vias metabólicas e a expressão gênica, como doadores de grupos metil (metionina, colina, betaina) e vitaminas do complexo B. Ainda assim, o conhecimento científico mais amplo em epigenética vem avançando, porém sua tradução em aplicações padronizadas, validadas em larga escala e economicamente viáveis ainda não ocorreu. Trata-se de uma área com grande potencial, mas que permanece majoritariamente no âmbito experimental.

Manipular temperatura na incubação é inovação ou risco desnecessário? A manipulação térmica não pode ser considerada uma inovação em si, uma vez que seus primeiros estudos datam da década de 1960. No entanto, as adaptações tecnológicas recentes, associadas ao controle preciso de incubadoras modernas, representam um avanço significativo e tornam a técnica mais aplicável e eficiente. Trata- ►

-se de uma ferramenta com alto potencial, mas que exige ajustes finos e rigor técnico. Protocolos mal aplicados podem gerar perdas importantes, como redução de eclodibilidade, aumento de mortalidade embrionária, piora na qualidade do pintinho e impactos negativos no desempenho posterior. Por outro lado, quando bem conduzida, a manipulação térmica atua na modulação do eixo hipotálamo-hipófise e na expressão de genes relacionados ao desenvolvimento muscular e à termotolerância, demonstrando potencial consistente para melhorar a resiliência e o desempenho da ave adulta.

Quais resultados são comprovados em campo e quais ainda são teóricos? No caso da manipulação térmica, poucos estudos foram conduzidos em condições próximas da realidade produtiva utilizando máquinas com um elevado número de ovos, uma vez que exigem o uso de incubadoras industriais. No entanto, o termo “campo” deve ser interpretado com cautela: para que um resultado seja considerado robusto, é necessário que haja repetibilidade experimental. Caso contrário, trata-se apenas de observações pontuais com baixo nível de evidência. A associação entre a repetibilidade experimental e a repetibilidade em campo tornam sólido o uso de qualquer inovação na avicultura.

Quanto a manipulação térmica, protocolos bem descritos na literatura, como a aplicação de 39,5°C por 6 horas diárias entre o 7º e o 16º dia de incubação, possuem bom embasamento científico e são considerados consistentes o suficiente para testes aplicados pensando em termo tolerância sem impacto negativo sobre desempenho. Ainda assim, a variabilidade de respostas reforça a necessidade de validação dentro de cada sistema produtivo. Entretanto, há bastante resistência por parte das indústrias em utilizar esses protocolos uma vez que é difícil que as incubadoras controlem a temperatura na zona de TM e a própria geração de calor dos embriões pode causar problemas como a perda da faixa de TM controlada o que pode gerar prejuízos na eclodibilidade e qualidade física dos pintos neonatos.

Existe padronização ou cada empresa usa protocolos próprios? Atualmente, não há padronização consoli-

da nem aplicação ampla na prática produtiva. A manipulação térmica ainda não é utilizada de forma rotineira pelas empresas, principalmente pela ausência de protocolos validados em larga escala e adaptados às diferentes realidades de campo. Existe um corpo científico relevante, mas ainda é necessário maior disseminação do conhecimento.

O manejo incorreto pode causar mais prejuízo do que benefício? Sem dúvida. A manipulação térmica é altamente sensível a variações de temperatura, tempo de exposição e fase do desenvolvimento embrionário. Pequenos desvios podem resultar em efeitos negativos significativos. Estudos recentes do nosso grupo demonstraram que temperaturas superiores a 40,5°C, mesmo por períodos curtos, podem impactar negativamente indicadores como a eclosão, qualidade dos pintos e desempenho até a idade de abate, reforçando que a técnica exige alto nível de controle e precisão.

Por que a qualidade do pinto ainda é um gargalo em algumas operações? O primeiro ponto é definir corretamente o que se entende por “qualidade de pinto”, já que existem diferentes metodologias de avaliação, desde abordagens mais subjetivas até critérios técnicos padronizados. Aqui temos de separar problemas como bico cruzado, malformações e outras características que classificam os pintos como não vendáveis. A qualidade física dos pintos neonatos deve ser mensurada visando principalmente avaliar o processo de incubação e não deve ser utilizada como um preditor de desempenho zootécnico no campo. Nem sempre pintos classificados como de menor qualidade, dependendo da técnica utilizada, apresentam pior desempenho. Os fatores que definem a qualidade dos pintos são diversos e podem estar relacionados às matrizes, ao processo de manejo dos ovos incubáveis e ao processo de incubação em si. Controlar esses fatores pode contribuir muito para eclosão de pintos com maior qualidade física. As empresas geralmente têm suas próprias formas de avaliar a qualidade dos pintos e a maioria usa métodos não invasivos para fazer isso como por exemplo o peso dos pintos em relação

ao peso dos ovos incubados, a atividade e qualidade do umbigo. Portanto, não consideramos que a qualidade dos pintos seja um gargalo mas sim um aspecto do processo de incubação que precisa ser melhor compreendido e que vale a pena enviar para o campo pintos considerados de segunda qualidade a depender claro dos métodos de avaliação dessa qualidade inicial.

O produtor valoriza corretamente esse indicador? De modo geral, sim, o produtor valoriza a qualidade do pinto quando a ave chega a granja de produção, mas muitas vezes sem critério técnico adequado sobre como essa avaliação é feita. Conforme descrito anteriormente alguns parâmetros tradicionalmente utilizados na avaliação visual ou empírica possuem baixa correlação com desempenho produtivo. O produtor consegue verificar quando os pintos chegam com baixo peso (aves menores, principalmente quando são oriundas de lote de matrizes mais jovens), pintos desidratados com observação das canelas e essas características são facilmente detectadas e valorizadas pelos granjeiros/produtores. Contudo a avaliação de qualidade de pinto é muito mais um método de diagnóstico sobre erros de incubação e informativa sobre a qualidade desta incubação do que preditiva sobre a qualidade futura do lote.

Qual fator pesa mais: genética, incubação ou nutrição da matriz? Todos são fundamentais e interdependentes, mas a incubação, quando mal-conduzida, tem maior potencial de causar impactos negativos severos e imediatos. Problemas nessa fase podem comprometer eclodibilidade, qualidade do pinto e desenvolvimento inicial, afetando diretamente o desempenho nas primeiras semanas de vida. Enquanto genética e nutrição da matriz constroem a base ou seja o fornecimento de um ovo fértil e incubável, a incubação é o ponto crítico onde erros operacionais podem amplificar perdas de forma mais rápida e intensa.

É possível recuperar um pinto de baixa qualidade ao longo do ciclo? Sim, é totalmente possível, em um dos experimentos de nosso grupo de pesquisa foi possível comparar pintos de qua-

lidade 1 e qualidade 2 oriundos de um mesmo lote de matrizes de corte baseado principalmente no escore de umbigo. Nesse estudo, o desempenho final dos frangos de corte aos 35 dias não diferiu entre os grupos, incluindo a mortalidade das aves. Isso demonstra que em condições favoráveis de criação com temperatura de conforto, nutrição de qualidade e manejos adequadamente realizados os pintos de umbigo com presença de botão negro conseguem ter o mesmo desempenho final que aves com umbigo íntegro. Entretanto, em outro experimento também desenvolvido pelo nosso grupo de pesquisa foi possível verificar que diante de uma contaminação com *E. coli* e *Enterococcus* spp. ambos os grupos de qualidade física baseada no umbigo tiveram grandes perdas em relação a mortalidade inicial e queda no desempenho zootécnico. Ou seja, desde que não haja desafios sanitários precoces, como infecções ambientais logo após o alojamento, e que o manejo inicial seja adequado pintos de baixa qualidade conseguem ser recuperados. Um ambiente bem preparado, com controle de temperatura, acesso rápido à água e ração e baixa pressão sanitária, permite que aves inicialmente classificadas como de menor qualidade recuperem desempenho ao longo do ciclo. Isso reforça que o ambiente pós-eclosão é determinante na expressão do potencial dessas aves.

Quais indicadores são realmente confiáveis na avaliação de qualidade? Os indicadores mais confiáveis de qualidade de pintos de um dia são aqueles que refletem o desenvolvimento fisiológico, imunológico e microbiológico do animal, e não apenas sua aparência externa. Entre os parâmetros físicos, o peso corporal livre de saco da gema é considerado um dos melhores indicadores, pois demonstra o quanto o embrião utilizou adequadamente os nutrientes do vitelo. Entretanto esse parâmetro não é utilizado em escala industrial pois exige a eutanásia da ave. Já o peso ao nascer isoladamente é pouco confiável, porque inclui diferentes quantidades de saco da gema. Baseado em nossos estudos também podemos afirmar que os escores visuais, como Pasgar e To-

na, são úteis para avaliar a qualidade da incubação e identificar problemas no incubatório, mas apresentam baixa capacidade de prever desempenho futuro, saúde ou bem-estar. Do ponto de vista imunológico, os níveis de IgY materna são importantes indicadores da capacidade inicial de defesa do pinto nas primeiras semanas de vida. Além disso, a qualidade microbiológica é fundamental. Pintos aparentemente normais podem apresentar contaminações bacterianas ou fúngicas que comprometem saúde, sobrevivência e desempenho. Assim, a avaliação mais confiável da qualidade do pinto deve ser multifatorial, combinando indicadores físicos, imunológicos e microbiológicos.

Entre os indicadores mais consistentes, a qualidade do umbigo se destaca como um dos parâmetros mais confiáveis e com melhor correlação com saúde inicial. Pintos de primeira qualidade apresentam umbigo totalmente cicatrizado, seco, limpo e sem presença de membrana vitelínica residual. Já pintos de segunda categoria frequentemente apresentam alterações como presença de membrana vitelínica residual, estruturas escuras (“botão negro”) ou fechamento incompleto do umbigo, indicando falhas no processo de incubação. Além disso, outros indicadores relevantes incluem a presença de jarretes avermelhados ou inchados (red hocks) que demonstram dificuldade para sair da casca dos ovos, alterações de bico como coloração avermelhada ou narinas contaminadas com albúmen, e baixo nível de alerta do pinto. Esses parâmetros, quando avaliados em conjunto, fornecem uma visão mais robusta da qualidade inicial e do potencial de adaptação da ave. Entretanto a análise da qualidade microbiológica e imunológica ainda está distante de ser amplamente utilizada pelos incubatórios industriais.

Qual desses fatores tem maior impacto econômico hoje: nutrição inicial ou estresse térmico? A avicultura está mais limitada pela nutrição ou pelo ambiente? O estresse térmico é, sem dúvida, o fator de maior impacto econômico atualmente. Em países tropicais, como o Brasil, as altas temperaturas representam um dos principais garga-

los produtivos, exigindo investimentos elevados em ambiência e ainda assim com limitações na mitigação total dos efeitos. Além disso, há maior dificuldade técnica em campo para lidar com esse desafio, o que amplifica perdas em desempenho, mortalidade e eficiência produtiva. Não adiante o produtor/empresa investir em nutrição inicial se não possui um ambiente de criação das aves que apresente uma zona de conforto térmico para o correto aproveitamento dos nutrientes. Não é possível corrigir erros de manejo e estresse térmico com nutrição. Hoje, o principal limitante é o ambiente. Embora a nutrição tenha evoluído significativamente e esteja cada vez mais precisa, o potencial genético das aves só é plenamente expresso quando as condições ambientais são adequadas. Problemas de ambiência, especialmente relacionados ao calor, continuam sendo o principal fator que limita o desempenho produtivo nas granjas.

O futuro da nutrição avícola será mais baseado em precisão ou em adaptação ao clima? O futuro tende a integrar ambos, mas com forte direcionamento para adaptação ao clima. A nutrição de precisão continuará evoluindo, porém será cada vez mais dependente da capacidade de ajustar dietas em tempo real às condições ambientais. Estratégias nutricionais dinâmicas, associadas a monitoramento ambiental e resposta fisiológica das aves, devem ganhar espaço, tornando a nutrição uma ferramenta adaptativa frente às variações climáticas.

O que ainda está sendo negligenciado nas granjas modernas? Essa questão é muito interessante, pois podemos afirmar com certeza que praticamente todo o processo produtivo de frangos de corte ainda é negligenciado em algum grau pelas empresas de produção. Pode-se destacar por exemplo as estruturas eficientes de mitigação de calor, manejo adequado da cama de frango e programas de iluminação que respeitem o bem-estar animal, como a garantia de períodos adequados de escuro (mínimo de 8 horas). Esses fatores, muitas vezes subestimados, têm impacto direto sobre desempenho, saúde e bem-estar das aves. ■

SIAVS: A EVOLUÇÃO DE UM EVENTO PARA UMA PLATAFORMA ESTRATÉGICA DO DESENVOLVIMENTO SETORIAL

POR ABPA

O crescimento da proteína animal brasileira nunca foi obra do acaso. A liderança construída pelo Brasil nos mercados nacional e internacional é resultado de décadas de investimentos em tecnologia, sanidade, biossegurança, pesquisa, genética, gestão e abertura comercial. Ao longo dessa trajetória, o setor também precisou criar espaços capazes de acompanhar essa evolução.

Foi exatamente esse o caminho percorrido pelo Salão Internacional de Proteína Animal - SIAVS. Em suas primeiras edições, o evento cumpria, como os grandes encontros setoriais, o papel de reunir empresas, apresentar tecnologias e promover relacionamentos. Era um retrato de um segmento em franca expansão. Com o tempo, porém, o próprio ambiente de negócios tornou-se mais complexo.

Hoje, competitividade não depende apenas da eficiência dentro da planta industrial ou da produtividade no campo. Ela é construída pela integração entre fornecedores, agroindústrias, pesquisadores, entidades, governos, compradores internacionais e centros de inovação. Exige atualização permanente, capacidade de antecipar tendências, velocidade na adoção de novas tecnologias e alinhamento institucional diante dos desafios globais.

O SIAVS evoluiu exatamente na mesma direção. Deixou de ser apenas um espaço onde o setor se encontrava para se tornar um ambiente onde o setor se desenvolve. Mais do que refletir a realidade da cadeia produtiva, passou a influenciar sua evolução, aproximando os diferentes elos que susten-

tam a produção brasileira de proteína animal - agora com bovinos, leite e pescados, juntamente com aves, suínos, ovos e suas cadeias produtivas.

Esse movimento aconteceu naturalmente porque o próprio setor passou a demandar algo maior do que uma feira de negócios ou um congresso técnico. Precisava de um ambiente capaz de concentrar conhecimento, gerar conexões qualificadas, acelerar investimentos, aproximar mercados e estimular soluções para desafios comuns.

Hoje, uma inovação apresentada por um fornecedor pode chegar

HOJE, COMPETITIVIDADE É CONSTRUÍDA PELA INTEGRAÇÃO ENTRE FORNECEDORES, AGROINDÚSTRIAS, PESQUISADORES, ENTIDADES, GOVERNOS, COMPRADORES INTERNACIONAIS E CENTROS DE INOVAÇÃO

rapidamente às agroindústrias. Um debate regulatório reúne autoridades e setor produtivo antes que desafios se transformem em barreiras. Tendências internacionais passam a ser discutidas antes de impactarem a competitividade brasileira. Pesquisas acadêmicas encontram aplicação prática. Compradores internacionais conseguem visualizar, em um único ambiente, toda a estrutura que sustenta a produção nacional.

Esse efeito multiplicador talvez

seja o maior patrimônio construído pelo SIAVS. A evolução do evento também acompanha a transformação da própria cadeia produtiva. Se antes os debates estavam concentrados em produtividade, hoje incluem inteligência artificial, automação, sustentabilidade, bem-estar animal, segurança dos alimentos, economia circular, transição energética, rastreabilidade, mercados internacionais e gestão de riscos. São temas que definem a competitividade dos próximos anos e que exigem decisões cada vez mais integradas.

Ao reunir esses debates ao lado de uma das maiores vitrines de tecnologia e negócios da proteína animal mundial, o SIAVS reduz distâncias entre conhecimento e aplicação prática. Isso acelera investimentos, fortalece a inovação e amplia a capacidade de resposta do setor diante das constantes mudanças do mercado global.

Os resultados aparecem dentro e fora do evento. Novos negócios são iniciados, parcerias são consolidadas, tecnologias são incorporadas e agendas estratégicas ganham velocidade. O impacto permanece muito além dos três dias de realização.

É por isso que o SIAVS deixou de ser apenas um reflexo da força da proteína animal brasileira. Tornou-se uma ferramenta de desenvolvimento da cadeia produtiva, fortalecendo a competitividade, estimulando a inovação e contribuindo para que o Brasil continue ampliando seu protagonismo como um dos maiores produtores e fornecedores de alimentos do mundo. ■

**A FORÇA DE
NOVÉ DÉCADAS.**

**A SOLIDEZ
DE QUEM
CONSTRÓI
O AMANHÃ.**

Chegar aos 90 anos é muito mais do que celebrar o tempo, é honrar uma trajetória moldada pelo compromisso inabalável com quem produz.

Olhamos para o horizonte com a experiência de quem conhece o campo e a responsabilidade de continuar evoluindo para atender o que o seu negócio precisa.



90
anos

Tradição que **ALIMENTA O FUTURO**

RICARDO SANTIN AVALIA COMO A ABPA SE POSICIONA EM MEIO AO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL APONTA OS FATORES DECISÓRIOS PARA EXPORTAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO INTERNA

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A proteína animal é um dos segmentos mais internacionalizados do agronegócio brasileiro. No caso da carne de frango, mais de um terço da produção nacional é destinada ao mercado externo, enquanto a carne suína, com 25% da produção destinada ao mercado internacional, amplia continuamente sua presença no globo.

Quem explica com exclusividade à **Feed & Food** é o Presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal, Ricardo Santin. Ele aponta que isso faz com que qualquer decisão envolvendo comércio exterior, sanidade, logística, relações diplomáticas ou acordos comerciais tenha reflexos imediatos sobre toda a cadeia produtiva, inclusive no abastecimento interno. “Nesse contexto, a ABPA atua como um elo de coordenação entre indústria, cooperativas, produtores integrados, governo e mercados internacionais”, afirma. “Nosso trabalho vai muito além da representação institucional. Produzimos inteligência de mercado, acompanhamos negociações internacionais, apoiamos processos de abertura e manutenção de mercados, participamos da construção de protocolos sanitários e buscamos antecipar tendências que permitam ao setor tomar decisões com maior previsibilidade”, avalia.

Ainda segundo ele, hoje, competitividade não depende apenas de produzir bem. Depende da capacidade de compreender movimentos globais e transformar essas informações em estratégia para toda a cadeia. Leia a entrevista completa na sequência.

Como a entidade avalia o papel da estrutura de suporte mercadológico para o sistema de produção de proteína animal? A produção animal trabalha com planejamento de longo prazo. Uma decisão tomada hoje na granja ou na indústria terá reflexos muitos meses depois. Por isso, informação de mercado passou a ser um insumo tão importante quanto genética, nutrição ou biossegurança.

Essa inteligência é ainda mais importante em um país que exporta para mais de 150 mercados, cada um com exigências específicas. O diferencial competitivo está cada vez mais na capacidade de antecipação.

Sobre o cooperativismo: como a ABPA identifica a importância do sistema para a evolução do setor? É impossível contar a história da proteína animal brasileira sem falar do cooperativismo e do sistema integrado de produção. Boa parte da transformação econômica do Sul do Brasil, por exemplo, está diretamente ligada à organização cooperativista e da integração.

As cooperativas criaram um ambiente capaz de integrar milhares de produtores familiares a cadeias altamente tecnificadas, garantindo assistência técnica, genética, sanidade, acesso a crédito, industrialização e comercialização internacional.

Esse modelo permitiu democratizar tecnologia, aumentar produtividade e distribuir renda de forma regionalizada. Hoje, muitas das maiores exportadoras brasileiras nasceram ou cresceram dentro desse sistema.

O cooperativismo continua sendo





um dos grandes diferenciais competitivos do Brasil porque combina escala industrial com capilaridade produtiva.

Quais mercados apresentam maior potencial de crescimento para os produtos brasileiros? A Ásia continuará sendo o principal vetor de crescimento da demanda mundial por proteína animal nas próximas décadas. O aumento da renda, da urbanização e da classe média continuará impulsionando o consumo.

África também merece atenção especial. É o continente com maior crescimento populacional projetado e deverá ampliar significativamente sua necessidade de alimentos.

O Oriente Médio permanece estratégico, especialmente para produtos halal, segmento no qual o Brasil ocupa posição de liderança mundial.

Também existem oportunidades relevantes na América Latina, impulsionadas pela integração regional e pela complementaridade dos mercados. Mais importante do que depender de um único destino é manter uma carteira diversificada de compradores. Essa é uma das maiores fortalezas brasileiras.

Como as tensões comerciais e geopolíticas têm impactado o setor? Vivemos um período em que geopolítica passou a influenciar diretamente o comércio internacional de alimentos.

Conflitos armados, restrições logísticas, mudanças tarifárias, sanções econômicas e disputas comerciais alteram rapidamente fluxos globais de abastecimento. Nesses momentos, ganha importância quem consegue oferecer previsibilidade.

O Brasil construiu ao longo de décadas uma reputação baseada justamente na capacidade de abastecer mercados de forma contínua, mesmo em cenários adversos. Essa credibilidade se tornou um ativo estratégico da cadeia brasileira. Ao mesmo tempo, essas tensões reforçam a necessidade de ampliar mercados, fortalecer relações diplomáticas e defender o princípio de que medidas sanitárias devem estar sempre fundamentadas em critérios científicos.

Quais avanços a cadeia de proteína animal brasileira alcançou em sustentabilidade nos últimos cinco anos? Talvez o principal avanço tenha sido compreender que sustentabilidade não é um proje-

to paralelo; ela passou a fazer parte da estratégia de competitividade.

A cadeia avançou na redução do consumo de água e energia, no aproveitamento de resíduos, na geração de biogás, utilização de energia solar, na economia circular, no monitoramento ambiental, na eficiência alimentar e na redução das emissões por unidade produzida. O setor também evoluiu significativamente em governança, rastreabilidade e transparência. Produzir mais utilizando menos recursos é, ao mesmo tempo, um ganho ambiental e econômico.

Como o setor está respondendo às exigências ambientais dos mercados importadores? A resposta tem sido baseada em evidências técnicas. O mais importante é que praticamos a sustentabilidade para nós mesmos, por convicção. O Brasil tem uma das legislações ambientais mais severas do mundo, construída para o nosso país – mas que, ao mesmo tempo, responde às exigências dos diversos mercados.

Os mercados querem informações sobre origem, rastreabilidade, conformidade ambiental, bem-estar animal e gestão da cadeia de fornecedores.

O Brasil possui sistemas robustos de controle oficial e programas privados de certificação que permitem demonstrar conformidade com diferentes protocolos internacionais. Mais do que atender exigências, o desafio é evitar que critérios ambientais sejam utilizados como barreiras comerciais disfarçadas. Por isso, defendemos que toda discussão seja conduzida com base em indicadores técnicos e científicos.

Como inteligência artificial e automação estão sendo incorporadas à cadeia produtiva? A inteligência artificial já está deixando de ser uma tecnologia experimental para se tornar ferramenta operacional.

Ela pode apoiar desde previsão de demanda até manutenção preditiva de equipamentos, planejamento logístico, inspeção automatizada, monitoramento ambiental, controle de processos industriais e análise de indicadores sanitários. Na produção, a IA permitirá decisões cada vez mais precisas, reduzindo perdas e aumentando eficiência.

O fator humano continuará sendo essencial, mas apoiado por sistemas capazes de processar um volume de informações impossível de ser analisado manualmente.

Onde o Brasil pode liderar globalmente em inovação no setor de proteína animal? O Brasil reúne características difíceis de encontrar simultaneamente em outros países. Temos disponibilidade de grãos, clima favorável, sistema de integração consolidado, competência sanitária, capacidade industrial, pesquisa agropecuária reconhecida e forte presença internacional.

Essa combinação nos coloca em posição privilegiada para liderar soluções em biossegurança, sustentabilidade tropical, rastreabilidade, produção integrada, eficiência zootécnica e segurança alimentar. Umindo academia com produção e indústria, sendo protagonista em inovação.

Nossa maior inovação talvez seja justamente transformar eficiência produtiva em acesso democrático à proteína animal, com sustentabilidade e responsabilidade de quem é o maior exportador mundial de proteínas animais.

O que mais preocupa o setor hoje e o que mais gera otimismo? A maior preocupação continua sendo a imprevisibilidade. Questões sanitárias, tensões geopolíticas, mudanças regulatórias, custos logísticos e barreiras comerciais podem alterar rapidamente o ambiente de negócios. Por outro lado, poucas cadeias produtivas no mundo reúnem tantos fatores positivos quanto a brasileira.

Temos produtividade crescente, empresas altamente competitivas, integração eficiente, excelência sanitária, forte mercado interno e reconhecimento internacional. Isso gera confiança para continuar investindo.

Qual legado a ABPA pretende deixar para a próxima geração de produtores? O maior legado não será apenas econômico. Queremos deixar uma cadeia ainda mais preparada para competir globalmente, baseada em ciência, inovação, sustentabilidade, biossegurança e cooperação. Também queremos fortalecer o reconhecimento da proteína animal como elemento estratégico para a segurança alimentar, para o desenvolvimento regional e para a geração de oportunidades.

Mais do que defender um setor, a missão da ABPA é contribuir para que as próximas gerações encontrem uma cadeia produtiva capaz de continuar alimentando milhões de pessoas com eficiência, responsabilidade e competitividade. ■

PLASSON ENTRA EM NOVA FASE DE CRESCIMENTO E REFORÇA COMPROMISSO COM A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO ANIMAL



EMPRESA AMPLIA ESTRUTURA, FORTALECE ATUAÇÃO TÉCNICA, DIVERSIFICA PORTFÓLIO E APOSTA NA PROXIMIDADE COM O PRODUTOR **PARA CONSOLIDAR SUA POSIÇÃO** COMO PARCEIRA ESTRATÉGICA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

ÀS

vésperas de completar 30 anos de atuação no Brasil, a Plasson inicia um dos momentos mais relevantes de sua história. Mais do que celebrar uma trajetória consolidada como fornecedora de equipamentos para avicultura, suinocultura e postura comercial, a empresa ingressa em um novo ciclo de crescimento, sustentado por investimentos em infraestrutura, pessoas, tecnologia, assistência técnica e diversificação do portfólio. O objetivo é claro: ampliar sua atuação como parceira estratégica da cadeia de proteína animal, em um cenário no qual eficiência, automação, biossegurança e sustentabilidade se tornaram fatores decisivos para a competitividade das granjas.

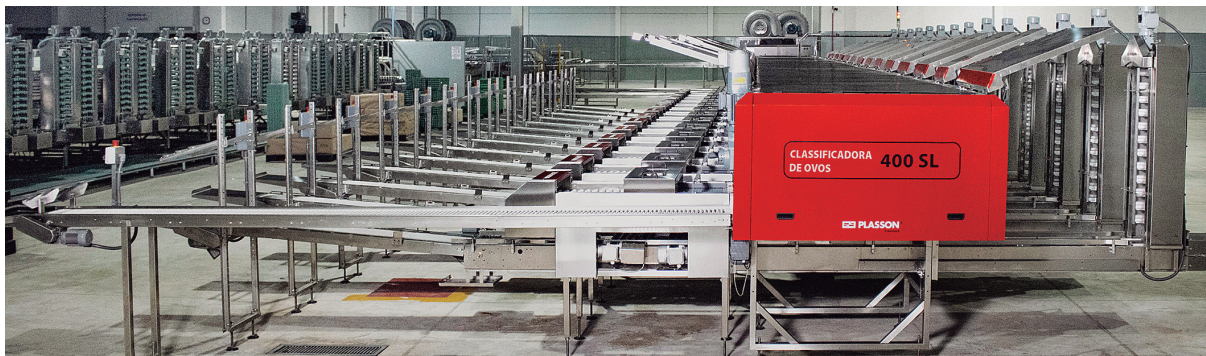
Nas últimas três décadas, a produção animal passou por uma transformação profunda. A intensificação dos sistemas produtivos, a evolução genética, a pressão por redução de custos, as exigências relacionadas ao bem-estar animal e a crescente valorização da sustentabilidade mudaram o perfil das granjas. Nesse contexto, empresas fornecedoras de tecnologia deixaram de ocupar apenas a posição de fabricantes de equipamentos e passaram a assumir um papel mais amplo: o de parceiras do produtor na busca por desempenho, rentabilidade e segurança operacional.

É essa mudança de posicionamento que marca a nova fase da Plasson. Segundo o diretor-geral da empresa no Brasil, Franke Hobold, há uma palavra capaz de resumir este momento: compromisso. "Estamos chegando aos 30 anos da Plasson no Brasil, e este é um momento de reafirmar nosso compromisso com clientes, colaboradores, parceiros e todos aqueles que fizeram parte dessa trajetória. Sempre buscamos ser inovadores, audaciosos e resilientes, mas sem renunciar aquilo que sempre nos caracterizou: honrar compromissos e permanecer próximos dos nossos parceiros", afirma.

Mais do que um discurso institucional, essa visão se materializa em investimentos que vão além da expansão física da empresa. O crescimento contempla novas áreas de atuação, automação dos processos internos, desenvolvimento de pessoas, fortalecimento da assistência técnica, ampliação do portfólio e incorporação de tecnologias capazes de atender às novas demandas da produção animal.

TRINTA ANOS CONSTRUINDO CREDIBILIDADE. Ao olhar para a trajetória da Plasson, Franke destaca que o crescimento da empresa nunca esteve baseado apenas na evolução tecnológica. Segundo ele, os principais ativos construídos ao longo dessas três décadas foram a credibilidade e a confiança conquistadas junto ao mercado.

Em um setor fortemente in- ►



fluenciado por oscilações econômicas, mudanças políticas, crises sanitárias e transformações constantes na cadeia produtiva, manter relações sólidas exige coerência entre discurso e prática. "Somos desafiados diariamente pelas mudanças do mercado. Mesmo assim, nunca deixamos de cumprir aquilo que foi acordado. Valorizar as pessoas, investir em inovação e acreditar no relacionamento de longo prazo sempre fizeram parte da nossa cultura", diz.

Esse posicionamento ajuda a explicar por que a empresa conseguiu ampliar sua presença na América Latina, consolidando participação relevante em diferentes segmentos da produção animal. Mais do que conquistar mercado, a estratégia sempre esteve voltada à construção de relações duradouras com produtores, cooperativas, integradoras e distribuidores.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GANHA PAPEL ESTRATÉGICO NA NOVA FASE DA EMPRESA.

A decisão de estruturar um Departamento Técnico próprio reflete uma mudança importante no posicionamento da Plasson. Se, durante muitos anos, o mercado reconheceu a empresa principalmente pela qualidade dos equipamentos, agora o objetivo é ampliar a entrega de valor por meio do

conhecimento técnico e do acompanhamento contínuo das operações.

Segundo a gerente técnica Gabriela Pereira, a iniciativa nasceu da própria evolução da produção animal. A crescente adoção de sistemas automatizados, aliada às exigências por maior eficiência produtiva, biossegurança e bem-estar animal, tornou indispensável uma estrutura especializada para apoiar o produtor no uso correto das tecnologias. "A principal necessidade foi aproximar ainda mais a Plasson da realidade de campo. Hoje, o produtor não busca apenas equipamentos de qualidade. Ele precisa de orientação técnica para garantir que toda essa tecnologia seja utilizada da melhor forma possível e entregue o desempenho esperado", afirma.

Na prática, o Departamento Técnico atua como uma ponte entre o desenvolvimento tecnológico da empresa e a rotina das granjas. A equipe acompanha projetos desde o dimensionamento das instalações até a operação dos equipamentos, oferecendo suporte na regulagem dos sistemas, na interpretação de indicadores produtivos e nas recomendações de manejo. Essa atuação também gera um ciclo permanente de aprendizado.

As informações coletadas durante visitas técnicas, treinamen-

tos e acompanhamentos de campo retornam para a empresa na forma de sugestões de melhoria, novos protocolos operacionais e desenvolvimento de produtos alinhados às necessidades reais do mercado.

Segundo Gabriela, essa troca constante reduz a distância entre fabricante e usuário final, permitindo que as soluções evoluam de forma mais rápida e assertiva. "Nosso papel não é apenas resolver problemas. Queremos contribuir para que o cliente obtenha o máximo desempenho possível de cada investimento realizado", pontua.

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO COMO FERRAMENTA DE PRODUTIVIDADE.

Outro pilar da estratégia da Plasson está na capacitação. A empresa entende que tecnologia de ponta só produz resultados quando operadores, técnicos e gestores dominam plenamente sua utilização.

Por isso, o Departamento Técnico desenvolve programas permanentes de treinamento voltados tanto às equipes internas quanto aos clientes. Os formatos incluem cursos presenciais, treinamentos on-line, workshops, dias de campo e palestras técnicas.

Cada conteúdo é adaptado à realidade operacional das granjas, permitindo que gestores e colaboradores

compreendam desde conceitos básicos de manejo até aspectos avançados relacionados à automação ambiental. Atualmente, os temas mais procurados pelos produtores envolvem ventilação mínima, resfriamento evaporativo, eficiência energética, automação dos sistemas produtivos, qualidade da água, biossegurança, bem-estar animal e manejo de equipamentos.

São assuntos diretamente relacionados aos desafios enfrentados pela cadeia de proteína animal. Com margens cada vez mais apertadas, pequenos ajustes operacionais podem representar ganhos significativos em conversão alimentar, uniformidade dos lotes, redução de mortalidade e consumo de energia.

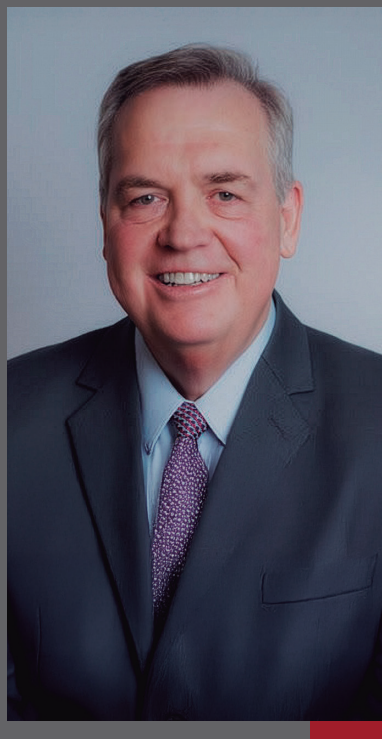
UM NOVO PERFIL DE FORNECEDOR. Ao longo dos últimos anos, o relacionamento entre fornecedores e produtores mudou significativamente. Antes, a decisão de compra estava fortemente concentrada na qualidade do equipamento. Hoje, diversos outros fatores influenciam esse processo.

Suporte técnico, disponibilidade de peças, velocidade de atendimento, treinamento das equipes, integração dos sistemas, conectividade e acompanhamento pós-venda passaram a compor a proposta de valor das empresas fornecedoras.

Na avaliação do gerente comercial Andrey Citadin, esse movimento explica a transformação vivida pela própria Plasson. "O mercado exige muito mais do que bons equipamentos. O produtor quer um parceiro capaz de compreender seu negócio e contribuir para melhorar seus resultados", diz.

Segundo ele, essa mudança levou a empresa a reorganizar sua atuação comercial. A proximidade entre equipes técnicas e comerciais tornou-se uma das principais características do modelo de atendimento. Em vez de atuarem de forma independente, as duas áreas participam conjuntamente da construção das soluções oferecidas aos clientes.

Enquanto a equipe comercial identifica os desafios e objetivos de cada operação, o time técnico contribui para a definição das tecnologias mais adequadas a cada projeto. Essa integração permite desenvolver soluções personalizadas, considerando clima,



densidade animal, fluxo operacional, biossegurança, eficiência energética e metas produtivas. "O cliente deixa de comprar apenas equipamentos para adquirir uma solução completa", afirma.

Esse modelo também fortalece o relacionamento de longo prazo. De acordo com Citadin, a presença contínua nas propriedades cria uma relação de confiança que permite acompanhar a evolução das granjas e identificar oportunidades de melhoria ao longo do tempo.

AVICULTURA ACELERA DEMANDA POR TECNOLOGIA, AUTOMAÇÃO E INTELIGÊNCIA DE DADOS. Poucos segmentos evoluíram tão rapidamente nas últimas décadas quanto a avicultura. A combinação entre avanços genéticos, melhoria nutricional, aperfeiçoamento do manejo e desenvolvimento tecnológico elevou os índices produtivos a patamares antes considerados improváveis. Ao mesmo tempo, aumentou significativamente a responsabilidade dos produtores na gestão do ambiente de criação.

Franke Hobold, diretor geral da Plasson no Brasil: "Estamos chegando aos 30 anos da Plasson no país e esse é um momento de reafirmar nosso compromisso com clientes".



Gabriela Pereira, gerente técnica da Plasson: "Hoje, o produtor precisa de orientação técnica para garantir que toda essa tecnologia seja utilizada da melhor forma possível e entregue o desempenho esperado".

Hoje, pequenas variações de temperatura, ventilação, consumo de água ou disponibilidade de ração podem comprometer o desempenho de milhares de aves em poucas horas. Nesse cenário, os equipamentos deixaram de exercer apenas funções operacionais e passaram a atuar como ferramentas de gestão.

Segundo Deivid Machado, gerente do segmento de avicultura da Plasson, essa transformação vem redefinindo o papel das empresas fornecedoras de tecnologia. "A avicultura brasileira e mundial vive um processo permanente de evolução. A necessidade de produzir mais alimentos, com maior eficiência, qualidade e sustentabilidade, exige soluções cada vez mais inteligentes. Nosso papel é acompanhar essa transformação por meio da inovação e da proximidade com o mercado", diz.

Para ele, compreender a realidade das granjas é tão importante quanto desenvolver novos produtos. Por isso, a empresa man-

têm contato constante com produtores, integradoras, distribuidores, universidades e centros de pesquisa, utilizando as informações obtidas em campo para orientar o desenvolvimento de novas tecnologias.

EFICIÊNCIA PASSA PELO CONTROLE DO AMBIENTE. Entre os principais desafios enfrentados pelos avicultores atualmente estão o aumento dos custos de produção, a escassez de mão de obra qualificada, a necessidade de reduzir o consumo de energia, as exigências sanitárias e a busca permanente por maior produtividade.

Todos esses fatores têm um ponto em comum: dependem diretamente da qualidade da ambiência. Segundo Deivid Machado, garantir condições ambientais adequadas significa permitir que as aves expressem todo o seu potencial genético. "Quando o ambiente é corretamente controlado, reduzimos o estresse térmico, melhoramos o consumo de ração, aumentamos o ganho de peso, favorecemos a conversão alimentar e diminuímos a mortalidade", afirma.

Por isso, a climatização deixou de ser um diferencial para se tornar um requisito básico da produção moderna. A Plasson desenvolve sistemas integrados de alimentação, ventilação, aquecimento, resfriamento evaporativo, distribuição de água e automação, capazes de atuar de forma coordenada ao longo de todo o ciclo produtivo.

Em vez de operar equipamentos de maneira isolada, a granja passa a funcionar como um sistema integrado, no qual cada componente influencia diretamente o desempenho dos demais. Essa integração permite respostas mais rápidas às variações climáticas, reduz desperdícios e aumenta a uniformidade dos lotes.

A ERA DAS GRANJAS CONECTADAS. Outro movimento que ganha força na avicultura é a digitalização da produção. A utilização de controladores ambientais, sensores, monitoramento remoto e análise de dados em tempo real vem transformando a forma como as decisões são tomadas dentro das granjas.

Segundo Machado, essa tendência tende a se intensificar nos próximos anos. "O produtor busca cada vez mais informações confiáveis para agir



preventivamente. Quanto maior a disponibilidade de dados, maior a

capacidade de antecipar problemas e corrigir desvios antes que eles afetem o desempenho dos animais", diz.

Além disso, cresce a demanda por equipamentos energeticamente mais eficientes e por soluções que reduzam a dependência de mão de obra especializada. Esse cenário acompanha uma realidade enfrentada por praticamente toda a agropecuária brasileira: encontrar profissionais qualificados tornou-se um desafio crescente.

Nesse contexto, a automação assume papel estratégico ao simplificar processos operacionais e ampliar a previsibilidade dos resultados.

A Plasson também se posiciona na vanguarda do setor de postura comercial ao antecipar tendências globais de automação, climatização e bem-estar animal, desenvolvendo soluções integradas que vão muito além do fornecimento de equipamentos. Segundo Rafael Pinto, gerente de Postura Comercial da Plasson, com engenharia global, sistemas CAD e certificações ISO, o setor de pesquisa e desenvolvimento trabalha continuamente para adaptar as tecnologias mais modernas do mun-

Andrei Citadin, gerente comercial da Plasson: "O mercado exige muito mais do que bons equipamentos".



Deivid Machado, gerente do segmento de avicultura da Plasson: "Nosso papel é acompanhar a transformação da avicultura por meio da inovação e da proximidade com o mercado".

do à realidade do clima e do manejo brasileiro. "Acompanhar essa evolução e honrar nossa Missão e Visão significa estar presente no dia a dia do produtor, entregando ecossistemas tecnológicos completos de alta precisão que se traduzem em conversão alimentar, produtividade, eficiência e confiabilidade no campo", diz.

Ele explica que o produtor de postura comercial enfrenta um cenário complexo e interligado no campo. "A escassez crítica de mão de obra torna a dependência de processos manuais um risco operacional crescente. Somado a isso, há a urgência de incorporar novas tecnologias que aumentem a eficiência produtiva, a precisão dos processos e a capacidade de gestão orientada por dados — sem as quais a competitividade se deteriora", aponta. "Para completar, as exigências de sanidade e biossegurança rigorosas demandam monitoramento contínuo, rastreabilidade e infraestrutura adequada para proteger o plantel e atender às normas regulatórias e de mercado. O grande gargalo do setor é conciliar essas frentes simultaneamente: operar com

menos mão de obra, modernizar-se tecnologicamente e manter padrões sanitários elevados, em um ambiente de margens pressionadas e exigências crescentes por sustentabilidade e bem-estar animal”, pontua.

SUINOCULTURA EVOLUI PARA UMA PRODUÇÃO ORIENTADA POR DADOS. Se a avicultura passou por profundas transformações nas últimas décadas, a suinocultura vive atualmente um processo semelhante. O aumento da tecnificação das granjas alterou completamente a forma de administrar a produção.

Segundo Diego Palombo, gerente do segmento de suinocultura da Plasson, os produtores passaram a conviver com novos desafios relacionados ao aumento dos custos operacionais, à escassez de mão de obra, às exigências sanitárias, ao bem-estar animal e à sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, cresce a necessidade de produzir mais utilizando menos recursos. “Hoje, os equipamentos deixaram de ser apenas estruturas físicas. Eles passaram a fazer parte da estratégia produtiva da granja”, afirma. Isso significa que sistemas de alimentação, climatização, ventilação, aquecimento e monitoramento precisam trabalhar de forma integrada para proporcionar melhores índices zootécnicos.

AMBIÊNCIA INFLUENCIA DIRETAMENTE OS RESULTADOS. Na avaliação de Palombo, eficiência produtiva e conforto animal caminham juntos. Projetos bem dimensionados permitem melhorar a circulação de ar, reduzir perdas, facilitar o acesso dos animais à água e à alimentação e criar melhores condições de trabalho para as equipes.

Esses fatores se refletem diretamente em indicadores como ganho de peso, conversão alimentar, mortalidade e retorno sobre o investimento. “A relação entre ambiência adequada, conforto térmico e produtividade é um dos principais pilares da suinocultura moderna”, detalha.

Segundo ele, esse conceito tem orientado o desenvolvimento das soluções oferecidas pela Plasson. A empresa investe em equipamentos duráveis, confiáveis e concebidos para atender às exigências das diferentes fases da produ-



“Nossas soluções atuam diretamente nos gargalos da operação ao combinar automação de alto impacto na coleta de ovos, no manejo de esterco e na climatização, reduzindo perdas e a dependência de mão de obra. Nossos sistemas de água e alimentação garantem o suprimento exato para máxima conversão alimentar, e controladores ambientais em tempo real sustentados pelos padrões de qualidade e sustentabilidade ISO 9001 e ISO 14001”.

Rafael Pinto, Gerente de Postura Comercial da Plasson

ção. O objetivo não é apenas fornecer tecnologia, mas contribuir para que o produtor alcance desempenho consistente ao longo do tempo.

AUTOMAÇÃO AMPLIA EFICIÊNCIA OPERACIONAL. Outro aspecto destacado pelo gerente é o avanço da automação. Atualmente, sistemas inteligentes permitem acompanhar indicadores produtivos praticamente em tempo real.

Temperatura, ventilação, consumo de água, alimentação e diversos parâmetros operacionais podem ser monitorados continuamente. Essa disponibilidade de informações melhora significativamente a tomada de decisão.

Problemas são identificados com



Diego Palombo, gerente do segmento de suinocultura da Plasson: “Os equipamentos deixaram de ser apenas estruturas físicas. Eles passaram a fazer parte da estratégia produtiva da granja”.

maior rapidez, ajustes podem ser realizados imediatamente e desperdícios tendem a diminuir. Além disso, cresce o uso da alimentação de precisão e da análise de dados como ferramentas para otimizar o desempenho dos animais.

Segundo Palombo, a utilização dessas tecnologias continuará aumentando nos próximos anos. A tendência é que inteligência artificial, automação, conectividade e monitoramento remoto passem a fazer parte da rotina de um número cada vez maior de granjas brasileiras.

MODERNIZAÇÃO DAS GRANJAS DEVE IMPULSIONAR INVESTIMENTOS NOS PRÓXIMOS ANOS. A avaliação da Plasson é de que a próxima década será marcada menos pela expansão do número de granjas e mais pela modernização das estruturas já existentes. Boa parte das instalações em operação foi construída para atender a uma realidade produtiva bastante diferente da atual. Hoje, o aumento da densidade animal, a evolução genética, as exigências sanitárias e a necessidade de maior eficiência energética exigem ambientes ►

mais tecnológicos, conectados e preparados para responder rapidamente às variações do processo produtivo.

Para Andrey Citadin, esse cenário representa uma das principais oportunidades para o setor. "Os investimentos dos produtores serão cada vez mais direcionados para tecnologias que aumentem a eficiência produtiva, reduzam custos operacionais e proporcionem maior previsibilidade dos resultados. Em um ambiente de margens mais apertadas, produzir mais já não basta. Será preciso produzir melhor", pontua.

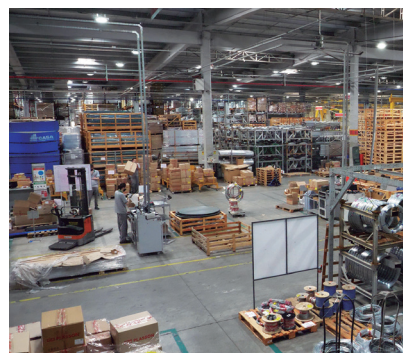
A tendência, segundo ele, é de crescimento da demanda por automação, conectividade, monitoramento remoto, análise de dados e inteligência aplicada à gestão das granjas. Equipamentos capazes de se comunicar entre si e gerar informações para apoiar a tomada de decisão tendem a se tornar padrão nos sistemas produtivos.

Ao mesmo tempo, aspectos como biossegurança, bem-estar animal, rastreabilidade, eficiência energética e sustentabilidade continuarão influenciando os investimentos realizados pelos produtores, impulsionados tanto pelas exigências das agroindústrias quanto pelos mercados consumidores.

Nesse contexto, a modernização das instalações existentes surge como alternativa para aumentar a produtividade sem a necessidade de grandes expansões físicas. "A atualização das estruturas permite elevar o desempenho das granjas, prolongar a vida útil dos ativos e aumentar o retorno sobre os investimentos realizados", destaca Citadin.

EXPANSÃO ACOMPANHA NOVAS OPORTUNIDADES DE MERCADO. Além do fortalecimento da atuação na avicultura e na suinocultura, a Plasson também observa oportunidades em outros segmentos da produção animal.

Segundo Franke Hobold, embora a empresa ocupe posição relevante em participação de mercado na América Latina, ainda existe amplo espaço para crescer. Esse avanço poderá ocorrer tanto pela ampliação dos negócios nos segmentos em que a empresa já atua quanto pela incorporação de novas tecnologias e pela entrada em áreas nas quais sua presença ainda é limitada.



Entre essas oportunidades está a aquicultura, segmento que vem registrando crescimento em diferentes regiões do mundo e passa a integrar o radar estratégico da companhia. "O mercado de proteína animal é extremamente amplo e continuará demandando fornecedores capazes de entregar tecnologia, inovação e suporte técnico. Queremos participar desse movimento de expansão", afirma Hobold.

Para a empresa, a diversificação representa uma evolução natural de uma organização que construiu sua trajetória com base na inovação e na adaptação constante às mudanças do mercado.

O LEGADO CONSTRUÍDO DIARIAMENTE.

Ao se aproximar dos 30 anos de atuação no Brasil, a empresa evita tratar legado como um objetivo distante.

Para Franke Hobold, ele é construído diariamente, por meio das decisões tomadas, dos compromissos assumidos e da forma como a organização se relaciona com clientes, colaborado-

res e parceiros. "Legado não se constrói da noite para o dia. Ele nasce da capacidade de cumprir compromissos ao longo de anos e décadas, gerando credibilidade e solidez", afirma.

Na visão do executivo, continuar crescendo significa manter viva a essência que acompanhou a empresa desde o início de sua trajetória. Isso implica preservar a proximidade com o mercado, investir continuamente em inovação, manter abertura para corrigir rotas e nunca perder a capacidade de ouvir quem está no campo.

Ao deixar uma mensagem para clientes, parceiros e profissionais do setor, Hobold resume a filosofia que orienta a empresa. "Na vida existem valores que não podem ser perdidos. Os dois principais são a humildade e a perseverança. A humildade nos faz reconhecer nossos erros e buscar soluções. A perseverança impede que desistamos diante das dificuldades e nos mantém em constante evolução", detalha. ■

Vacinação no controle do Reovírus Aviário

Desenvolvida com isolados brasileiros, a Vaxxon® REO 4 reúne as cepas de maior prevalência no país. Com alto potencial imunogênico, a vacina proporciona imunidade robusta à prole, reduz a pressão de infecção e contribui para a diminuição das condenações articulares.



Bem-estar animal



Imunidade adequada



Amplo espectro de proteção



Melhores índices zootécnicos



Vaxxon® REO 4



vaxxinova
Mais soluções, mais confiança.

COBB-VANTRESS INAUGURA NOVO LABORATÓRIO DE CONTROLE DE QUALIDADE E AMPLIA EM 50% A CAPACIDADE DE ANÁLISES

UNIDADE DE 1.100 M², INSTALADA EM GUAPIAÇU (SP), CONSOLIDA A COMPANHIA COMO HUB DE EXPORTAÇÃO DE MATERIAL GENÉTICO AVÍCOLA PARA TODA AMÉRICA DO SUL

POR COBB-VANTRESS

A Cobb-Vantress, uma das maiores empresas de genética avícola do mundo, inaugurou, no dia 17 de agosto, um novo Laboratório de Controle de Qualidade destinado à realização de análises de material avícola de suas unidades. Instalado ao lado da sede administrativa da companhia, em Guapiaçu (SP), o laboratório conta com 1.100 m² de área construída e amplia em 50% a capacidade mensal de análises da empresa, consolidando-se como uma das principais referências do segmento na avicultura latino-americana. O investimento na construção da nova unidade foi de quase R\$ 10 milhões.

“O investimento em um novo laboratório sinaliza nosso compromisso com a excelência no monitoramento de enfermidades e controle de qualidade. Entendemos que esse posicionamento é um diferencial para a Cobb e para os nossos clientes. Estamos preparados para o futuro”, avalia Rafael Bampi, diretor-associado de Qualidade e Sanidade da Cobb.

A ampliação foi planejada para atender às oportunidades de crescimento identificadas pela companhia. A estrutura foi projetada para dar suporte à expansão da Cobb e da avicultura brasileira pelos próximos 15 anos. Além disso, a nova unidade foi construída sobre uma plataforma que permite futuras ampliações, acompanhando o desenvolvimento contínuo do setor.

“O laboratório da Cobb completou 18 anos no mês de julho. Ao longo desse período, evoluiu para atender às demandas fundamentais da avicultura moderna e agora está preparado para acompanhar a consolidação da Cobb Brasil como hub de exportação de material genético avi-



cola. O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango e precisa contar com um controle de qualidade compatível com essa posição, funcionando como uma importante ferramenta de monitoramento e controle da qualidade da produção”, afirma Marcio Gereti, Gerente de Laboratório e Bem-Estar Animal para a América do Sul da Cobb.

O laboratório realiza serviços de controle sanitário e análises de conformidade, incluindo testes para Salmonella, Micoplasma e de linhagem genética, atendendo exclusivamente às unidades da Cobb no Brasil. A unidade executa análises microbiológicas, sorológicas e moleculares (PCR), processando amostras enviadas pelas operações da empresa em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Para se ter uma ideia da escala da operação, cerca de 7 mil amostras são analisadas mensalmente apenas para o monitoramento de Salmonella.

Inspirado no laboratório da matriz

da Cobb, nos Estados Unidos, o novo espaço foi projetado para a realização de testes moleculares de alta sensibilidade, como PCR, e equipado com tecnologia de última geração. Essa estrutura permite executar os testes com maior agilidade, precisão e custo competitivo. Os resultados são respaldados por rigorosos controles internos, que garantem a integridade das amostras em todas as etapas do processo analítico.

Para o vice-presidente da Cobb, Bernardo Gallo, o novo laboratório está preparado para atender às demandas da Cobb do futuro. “Estamos preparados, com soluções de ponta, para atuar com confiabilidade e agilidade, oferecendo ainda mais segurança aos nossos clientes quanto à sanidade das aves que entregamos. A Cobb do Brasil já é reconhecida por seu alto nível de confiabilidade em sanidade e, neste momento, estamos prontos para elevar esse padrão a um patamar ainda mais alto”, conclui Gallo.

CobbMX™

Evoluiu.

Voltou ao trono da
alta performance!

**MAIOR
ECLOSÃO**

O mercado ficou mais exigente, e a Cobb também.

O retorno do **Macho MX** marca uma nova fase de performance.
Não é só relançamento. É avanço para quem quer **maior eficiência
reprodutiva e desempenho** no frango de corte.



**MAIOR
ECLOSÃO**



**MAIOR NÚMERO
DE PINTOS**



**MAIOR
VIABILIDADE**



Consulte os manuais técnicos da Cobb para condições e parâmetros. Os resultados podem variar conforme as condições de manejo, ambiente, nutrição, sanidade e demais fatores de produção. Baseado em dados e análises Cobb.

Excelência em Genética
Alimentando o Mundo

BEEF REPORT 2026 REVELA NOVO PATAMAR DA PECUÁRIA BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO DA ABIEC DESTACA PRODUÇÃO RECORDE, MOVIMENTAÇÃO DE R\$ 1,15 TRILHÃO E EXPORTAÇÕES QUE PODEM CHEGAR A 7,1 MILHÕES DE TONELADAS ATÉ 2035

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) apresentou a 11ª edição do *Beef Report*, publicação que reúne os principais indicadores da pecuária de corte brasileira. O lançamento foi conduzido pelo presidente da entidade, Roberto Perosa, acompanhado pelos diretores da ABIEC, durante coletiva de imprensa com jornalistas.

Elaborado em parceria com a Athenagro Consultoria, o relatório mostra que 2025 foi um ano histórico para a pecuária brasileira. O país produziu 12,35 milhões de toneladas equivalente carcaça (TEC), abateu 47,79 milhões de bovinos, movimentou R\$ 1,159 trilhão e exportou 3,5 milhões de toneladas de carne bovina para 177 países, com faturamento recorde de US\$ 18 bilhões. O desempenho consolidou o Brasil, pela primeira vez, como o maior produtor mundial de carne bovina e manteve o país na liderança das exportações globais.

O *Beef Report* também evidencia os avanços da produtividade brasileira. Entre 1990 e 2025, a produção nacional de carne bovina cresceu 146,6%, ritmo 3,6 vezes superior ao crescimento do rebanho, que avançou 40% no mesmo período. O rebanho foi estimado em 195,5 milhões de cabeças, o maior comercial do mundo, enquanto o Brasil passou a responder por 16,1% de toda a produção global de carne bovina.

As exportações alcançaram um novo recorde, com crescimento de 20,6% em volume e de 40% em receita em relação a 2024. A China permaneceu como principal destino da carne bovina brasileira, seguida por Estados Unidos, Chile, União Europeia e Rússia. A participação das exportações na produção nacional atingiu 36,7%, o maior patamar da série histórica.

A cadeia da pecuária de corte mo-

vimentou R\$ 1,159 trilhão em 2025, valor equivalente a cerca de 9% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. O mercado interno absorveu 7,87 milhões de TEC, correspondentes a 63,3% da produção nacional, enquanto o consumo per capita foi estimado em 37,04 quilos equivalente carcaça por habitante ao ano. Além disso, 63,6% dos bovinos abatidos passaram por estabelecimentos sob Serviço de Inspeção Federal (SIF), responsáveis por 66,5% de toda a carne produzida no país.

SUSTENTABILIDADE. Os números do *Beef Report* mostram que o crescimento da pecuária brasileira segue baseado no aumento da produtividade e no uso mais eficiente da terra. Nos últimos 30 anos, a produtividade cresceu 183%, enquanto a área de pastagens foi reduzida em 18%, chegando a cerca de 160 milhões de hectares. Nesse período, aproximadamente 27,9 milhões de hectares de pastagens foram convertidos para agricultura e outras atividades. Atualmente, 64% do território brasileiro permanece coberto por vegetação nativa, enquanto as pastagens ocupam cerca de 19% da área do país.

Outro destaque é o avanço da intensificação da produção. Em 2025, os sistemas de confinamento e Terminação Intensiva a Pasto (TIP) responderam por 23% dos bovinos abatidos, enquanto cerca de 19 milhões de animais receberam dietas com altos níveis de concentrado, demonstrando o avanço tecnológico da pecuária brasileira e seu potencial para ampliar a produção utilizando a mesma área. O relatório também aponta participação recorde das fêmeas no abate formal (46,8%), reflexo do avanço do descarte técnico e dos ganhos de produtividade dos rebanhos.

O estudo de descarbonização incorporado ao relatório estima que a

modernização da pecuária poderá reduzir em pelo menos 79,9% a intensidade das emissões por quilo de carne até 2050. Com desmatamento zero, adoção das tecnologias do Plano ABC+, redução da idade de abate e uso de aditivos para mitigação de metano, essa redução poderá alcançar 92,6%.

PROJEÇÕES PARA OS PRÓXIMOS DEZ ANOS. Além de retratar o desempenho atual da cadeia, o *Beef Report* apresenta perspectivas para o futuro da pecuária brasileira. As projeções indicam que a produção poderá atingir 15,18 milhões de toneladas equivalente carcaça (TEC) até 2035, crescimento de cerca de 23% em relação a 2025. As exportações deverão avançar de 4,53 milhões para 7,09 milhões de TEC, alta de 56,5%. Mesmo diante da expectativa de acomodação da produção em 2026, o relatório destaca que o Brasil reúne as melhores condições para responder ao crescimento da demanda mundial por carne bovina, sustentado pelos ganhos de produtividade, competitividade e abertura de mercados.

“O *Beef Report* mostra que a pecuária brasileira vive um dos momentos mais importantes da sua história. Os números comprovam que é possível produzir mais, com mais eficiência, sustentabilidade e competitividade. Essa evolução consolidou o Brasil como maior produtor e exportador mundial de carne bovina e nos coloca em uma posição privilegiada para atender à crescente demanda global por proteína de qualidade”, destacou Roberto Perosa, presidente da ABIEC.

O *Beef Report* 2026 já está disponível em português e inglês no site da ABIEC. As versões em espanhol e mandarim serão disponibilizadas em breve, ampliando o acesso às informações sobre a pecuária brasileira nos principais mercados internacionais. ■



Big Dutchman.



CompoTower

Sistema vertical e fechado de compostagem desenvolvido para transformar o esterco das aves em fertilizante orgânico.



INTEGRAÇÃO ENTRE CADEIAS E EFICIÊNCIA PRODUTIVA PAUTAM OS DEBATES DO SIAVS 2026

O SIAVS CONSOLIDOU-SE COMO UM DOS PRINCIPAIS FÓRUNS GLOBAIS DA PROTEÍNA ANIMAL

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A capacidade do Brasil de ampliar sua participação no abastecimento mundial de alimentos dependerá cada vez mais da integração entre as cadeias de proteína animal, da inovação tecnológica e da sustentabilidade dos sistemas produtivos. Essa foi a principal mensagem transmitida pelas lideranças que participaram do SIAVS 2026, realizado entre os dias 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP), even-

to que reuniu mais de 35 mil visitantes, representantes de 65 países e cerca de 400 empresas expositoras.

Ao longo dos três dias de programação, dirigentes de entidades setoriais, executivos das principais agroindústrias, representantes do governo e especialistas discutiram os desafios para manter a competitividade brasileira em um cenário marcado por mudanças no comércio internacional, novas exigências ambientais, avan-

ços tecnológicos e transformação dos hábitos de consumo.

Na abertura do evento, o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (AB-PA), Ricardo Santin, ressaltou que o Brasil consolidou uma posição estratégica no mercado global por reunir atributos como sanidade, produtividade, capacidade de fornecimento e sustentabilidade. Segundo ele, o momento exige fortalecer a comunicação internacional sobre os diferenciais da produção brasileira.

Santin destacou que o país possui ampla área preservada em propriedades privadas e grande potencial para aumentar a produção por meio da intensificação dos sistemas produtivos, sem necessidade de expansão sobre novas áreas. Para o dirigente, o desafio atual não é apenas produzir mais, mas demonstrar ao mercado internacional que a proteína animal brasileira atende aos mais elevados padrões de biossegurança, responsabilidade ambiental e segurança alimentar.

O tema voltou ao centro das discussões no painel “Cenário da Proteína Animal na Visão Setorial”, que reuniu re-

presentantes das cadeias de aves, suínos, bovinos de corte, leite e pescados. Apesar das particularidades de cada segmento, prevaleceu a avaliação de que o fortalecimento da imagem do agronegócio brasileiro depende de uma atuação coordenada entre as diferentes cadeias produtivas.

Na avaliação de Laudemir Müller, gerente de Agronegócios da ApexBrasil, o Brasil construiu uma reputação internacional baseada na confiabilidade sanitária e na capacidade de atender simultaneamente ao mercado interno e às exportações. Segundo ele, a articulação entre governo, entidades e iniciativa privada foi decisiva para consolidar o país entre os maiores fornecedores mundiais de proteína animal.

Enquanto isso, representantes de outros segmentos destacaram oportunidades de expansão. O presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Pescados (Abipesca), Eduardo Lobo, afirmou que a piscicultura brasileira ainda possui amplo espaço para crescimento e pode ampliar significativamente sua presença no mercado ex-

terno, especialmente com a abertura de novos destinos comerciais.

No setor lácteo, o presidente do Sindilat, Guilherme Portela, defendeu maior integração institucional para elevar a competitividade da cadeia. Embora o Brasil tenha avançado em produtividade, o país ainda importa mais lácteos do que exporta. Segundo ele, ampliar mercados, agregar valor aos produtos e fortalecer a organização da cadeia serão fatores decisivos para ampliar a presença internacional do setor.

A pecuária de corte também foi apresentada como um dos pilares da proteína animal brasileira. O presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Roberto Perosa, lembrou que o segmento movimenta cerca de US\$ 20 bilhões anuais em exportações, mas enfrenta desafios relacionados às tensões geopolíticas e às barreiras comerciais cada vez mais associadas a exigências sanitárias e ambientais.

Apesar desse cenário, Perosa destacou que as exportações fortalecem toda a cadeia produtiva, contribuindo para a manutenção dos investimentos, da renda no campo e da competitividade da carne bovina brasileira.

Além das discussões setoriais, os executivos das principais agroindústrias brasileiras participaram do painel “Futuro das Proteínas”, dedicado às transformações que vêm redesenhando o mercado mundial de alimentos. João Campos, da Seara, Miguel Gulate, da BRF, e Neivor Canton, da Aurora Coop discutiram temas como inovação, comportamento do consumidor, sustentabilidade, eficiência industrial e adaptação às novas exigências dos mercados internacionais.

O consenso entre os participantes foi de que a competitividade futura dependerá menos da expansão da produção e mais da capacidade de agregar tecnologia, aumentar a eficiência dos processos e responder rapidamente às mudanças

do ambiente econômico e regulatório.

Na cerimônia de abertura, o ministro da Agricultura e Pecuária, André de Paula, reforçou que o Brasil

reúne condições para ampliar sua liderança global na produção de proteína animal graças aos investimentos em ciência, genética, inovação, sanidade e sustentabilidade. Segundo o ministro, preservar a credibilidade do sistema brasileiro de defesa agropecuária será essencial para garantir o acesso a mercados cada vez mais exigentes.

Ao encerrar sua edição de 2026 com recorde de público, área de exposição e participação internacional, o SIAVS consolidou-se como um dos principais fóruns globais da proteína animal. Mais do que uma vitrine de tecnologias e negócios, o evento evidenciou que o futuro da cadeia passa por maior integração entre seus diferentes segmentos, fortalecimento da imagem do Brasil no exterior e investimentos contínuos em inovação, sustentabilidade e segurança sanitária — fatores considerados decisivos para manter o protagonismo brasileiro no abastecimento mundial de alimentos. ■

SIAVS
2026
FEIRA E CONGRESSO

BIG DUTCHMAN DESTACA AUTOMAÇÃO, BEM-ESTAR E SUSTENTABILIDADE COM NOVAS TECNOLOGIAS NO SIAVS 2026

A **BIG DUTCHMAN** UTILIZOU O EVENTO PARA FORTALECER SUA PRESENÇA NO MERCADO BRASILEIRO E APRESENTAR SOLUÇÕES VOLTADAS AOS DESAFIOS ATUAIS DA PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL



GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A Big Dutchman aproveitou o SIAVS 2026 para apresentar um conjunto de soluções voltadas à avicultura e à suinocultura que refletem algumas das principais demandas da produção animal moderna: automação, bem-estar, gestão de dados e sustentabilidade. Durante o evento, realizado entre 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP), a empresa reuniu cinco tecnologias direcionadas a diferentes etapas da produção, desde o manejo de resíduos até o monitoramento do desempenho dos animais.

Na avicultura, um dos destaques foi o CompoTower, sistema vertical e fechado de compostagem desenvolvido para transformar o esterco das aves em fertilizante orgânico. A proposta é otimizar o aproveitamento dos resíduos das granjas, reduzindo a necessidade de espaço para o processo de compostagem e agregando valor a um subproduto da produção.

Também voltado às granjas de postura, o NATURA Visio foi apresentado como uma alternativa para sistemas de criação em aviários com dois níveis. O equipamento busca conciliar aspectos de bem-estar animal com eficiência operacional, favorecendo o deslocamento das aves, a qualidade dos ovos e a rotina de coleta.

Para a produção de frangos de corte, a empresa exibiu a EasyCheck, balança móvel e sem fio destinada à pesagem das aves. A tecnologia foi desenvolvida para facilitar o acompanhamento do peso dos lotes, reduzir o estresse durante o manejo e fornecer informações que auxiliem nas decisões relacionadas ao desempenho

produtivo e à uniformidade das aves.

Na área de suínos, a Big Dutchman apresentou a ActiWel, baia de maternidade ajustável projetada para oferecer maior liberdade de movimento às matrizes sem comprometer a proteção dos leitões. O sistema também foi concebido para facilitar as atividades diárias de manejo realizadas nas maternidades, tema que tem recebido atenção crescente em função das exigências relacionadas ao bem-estar animal.

Outro lançamento foi o SmartCounting, sistema automatizado para contagem de suínos em movimento. Segundo a empresa, a solução alcança precisão de 99,9% e permite acompanhar os resultados em tempo real, reduzindo erros operacionais e aumentando a eficiência das rotinas de manejo, transporte e controle dos plantéis.

Em conjunto, as cinco tecnologias evidenciam a tendência de integração entre equipamentos físicos, automação e monitoramento digital nas granjas. A utilização de dados em tempo real, aliada à mecanização de processos, vem ampliando a capacidade de gestão dos produtores, contribuindo para ganhos de eficiência, redução de perdas e melhoria dos indicadores produtivos.

Para Giuliano Tadeu Olivetti, diretor da Big Dutchman Brasil, a participação no SIAVS vai além da apresentação de equipamentos e representa uma oportunidade de acompanhar as transformações do setor e compreender as demandas dos produtores brasileiros.

Segundo o executivo, o contato direto com clientes, integradoras e demais profissionais da cadeia permite identificar necessidades específicas dos diferentes sistemas de produção e direcionar o desenvolvimento de soluções mais alinhadas às exigências do mercado nacional.

Além da vitrine tecnológica, o SIAVS reforçou seu papel como ambiente de intercâmbio entre empresas, produtores e especialistas, im-

pulsionando a discussão sobre inovação, produtividade e sustentabilidade nas cadeias de aves e suínos.

Nesse contexto, a Big Dutchman utilizou o evento para fortalecer sua presença no mercado brasileiro e apresentar soluções voltadas aos desafios atuais da produção de proteína animal, com foco em eficiência operacional, bem-estar animal e gestão cada vez mais baseada em tecnologia. ■



“A PARTICIPAÇÃO NO SIAVS VAI ALÉM DA APRESENTAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E REPRESENTA UMA OPORTUNIDADE DE ACOMPANHAR AS TRANSFORMAÇÕES DO SETOR E COMPREENDER AS DEMANDAS DOS PRODUTORES BRASILEIROS”

GIULIANO TADEU OLIVETTI,
DIRETOR DA BIG DUTCHMAN BRASIL

HENDRIX GENETICS APRESENTA NO SIAVS 2026 INTEGRAÇÃO ENTRE GENÉTICA E NUTRIÇÃO COMO CAMINHO PARA MAIOR EFICIÊNCIA NA AVICULTURA

A EMPRESA REFORÇOU A IMPORTÂNCIA DA TROCA DE CONHECIMENTO TÉCNICO E DA PROXIMIDADE COM A CADEIA PRODUTIVA

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A evolução da genética avícola tem elevado o potencial produtivo das aves, mas transformar esse potencial em resultados nas granjas depende de uma série de fatores que vão além da seleção genética. A integração entre nutrição, manejo e ambiente de criação foi um dos principais temas apresentados pela Hendrix Genetics durante o SIAVS 2026, realizado entre os dias 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP).

Durante o evento, a empresa reuniu especialistas internacionais e brasileiros para discutir como o avan-

ço genético precisa ser acompanhado por estratégias nutricionais e de manejo capazes de expressar todo o desempenho das linhagens modernas. A mensagem central foi que produtividade, eficiência e bem-estar dependem de um sistema integrado, em que genética e nutrição atuam de forma complementar.

Um dos destaques da programação foi a apresentação de Santiago Sasía, nutricionista global de aves da Hendrix Genetics, que abordou a influência da qualidade física da ração sobre o desempenho produti-

vo. Segundo o especialista, características como granulometria, uniformidade e apresentação do alimento exercem impacto direto sobre o consumo, o comportamento das aves e o aproveitamento dos nutrientes.

De acordo com Sasía, a avaliação da qualidade física da ração deve fazer parte da rotina das granjas, uma vez que influencia a acessibilidade ao alimento, reduz desperdícios e contribui para manter elevados índices de produtividade. Em sistemas cada vez mais tecnificados, pequenas variações na qualida-

Flávio Silva, gerente-geral da Hendrix Genetics Brasil e diretor Comercial de Breeding Americas

de da dieta podem resultar em diferenças significativas no desempenho zootécnico e na conversão alimentar.

A abordagem reforça uma tendência crescente na avicultura de postura: o foco não apenas na formulação nutricional, mas também na forma como a ração é disponibilizada às aves. A interação entre genética, nutrição e manejo tem sido considerada um dos fatores decisivos para maximizar a expressão do potencial produtivo das linhagens comerciais.

Outro tema discutido durante o SIAVS foi o desenvolvimento genético das aves de postura. Gosse Veninga, diretor de Product Excellence da Hendrix Genetics, destacou que os avanços obtidos nas últimas décadas são resultado de programas contínuos de pesquisa e seleção, desenvolvidos ao longo de vários ciclos produtivos.

Segundo o executivo, o melhoramento genético exige investimentos permanentes, avaliação criteriosa de dados e planejamento de longo prazo para que características relacionadas à persistência de postura, eficiência alimentar, qualidade dos ovos, robustez e bem-estar possam evoluir de forma equilibrada.

A empresa ressaltou que o desenvolvimento de novas linhagens busca atender às mudanças observadas na avicultura mundial, que incluem sistemas de produção mais sustentáveis, maior longevidade das aves e melhor aproveitamento dos recursos nutricionais.

Além da apresentação de conteúdos técnicos, a Hendrix Genetics utilizou o SIAVS como oportunidade para ampliar o diálogo com produtores e parceiros comerciais. Segundo Humberto Bussada, Breeding Commercial Manager da empresa, o contato direto com o mercado permite compreender as demandas da produção e direcionar os programas de melhoramento às necessidades que surgem nas granjas.

Essa aproximação também foi destacada por Flávio Silva, gerente-geral da Hendrix Genetics Brasil e diretor Comercial de Breeding Americas. Para o executivo, o elevado número de visitantes brasileiros e internacionais reforçou o papel do SIAVS como um dos principais fóruns de discussão sobre o futuro da proteína animal.



“O CONTATO DIRETO COM O MERCADO PERMITE COMPREENDER AS DEMANDAS DA PRODUÇÃO E DIRECIONAR OS PROGRAMAS DE MELHORAMENTO ÀS NECESSIDADES QUE SURGEM NAS GRANJAS”

HUMBERTO BUSSADA, BREEDING COMMERCIAL
MANAGER DA HENDRIX

Segundo Silva, além da apresentação das soluções da empresa, o evento proporcionou debates sobre tendências da genética multiespécie, sustentabilidade, inovação e os desafios que deverão orientar o desenvolvimento da produção animal nos próximos anos.

A participação da Hendrix Genetics evidenciou que o avanço da genética avícola depende cada vez mais de uma abordagem integrada, na qual seleção genética, nutrição de precisão, manejo e ambiente produtivo atuam de forma coordenada. Em um cenário de crescente busca por eficiência, sustentabilidade e bem-estar animal, a combinação desses fatores torna-se essencial para que o potencial genético das aves seja plenamente convertido em desempenho nas granjas.

Ao reunir especialistas de diferentes áreas durante o SIAVS 2026, a empresa reforçou a importância da troca de conhecimento técnico e da proximidade com a cadeia produtiva para acelerar a inovação e apoiar a evolução da avicultura de postura, acompanhando as demandas de um setor cada vez mais tecnológico e orientado por resultados. ■



“Eu acredito que o SIAVS foi um sucesso. O evento se destaca como uma feira internacional e nós temos muito orgulho de estar participando. Eu acho primordial a questão genética. É um setor no qual é necessário muito investimento e por isso nós apostamos na genética da Hendrix. Quem fica para trás, um ovo a mais, dois ovos a mais, um grama de ração a menos, é isso que faz a diferença para nós podermos conquistar o cliente e ganharmos mercado”.

Adriano Paludo,
Vice-presidente de Operação
da Plumagen



“Com a genética da Hendrix nós vimos a melhoria que elas vêm apresentando, ano após ano, com o trabalho intenso dos geneticistas com as aves. Hoje nós temos aves a campo batendo recordes mundiais como os lotes Bovans Brown, que a gente teve agora e tivemos muitos outros recordes, inclusive com a Bovans White. Eu acho que a indústria genética vai caminhar para cada vez mais aves longevas, gerando mais alimentos, com viabilidades mais altas”.

Eduardo Roman,
Diretor Administrativo
e sócio da Mercoaves



OLIGO BASICS RESSALTA ALTERNATIVAS AOS ANTIBIÓTICOS, CONTROLE DE MICOTOXINAS E NUTRIÇÃO DE PRECISÃO NO SIAVS 2026

A **OLIGO BASICS** REFORÇOU SUA ATUAÇÃO EM SEGMENTOS CONSIDERADOS PRIORITÁRIOS PARA A EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO E PARA O FORTALECIMENTO DAS CADEIAS DE AVES, SUÍNOS, RUMINANTES E AQUICULTURA

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A crescente demanda por sistemas de produção mais eficientes, sustentáveis e alinhados às novas exigências sanitárias tem ampliado o espaço para soluções voltadas à nutrição e à saúde animal. No SIAVS 2026, a Oligo Basics, empresa do innovad.group, apresentou um portfólio focado em três áreas consideradas estratégicas

para a produção moderna: substituição de antibióticos melhoradores de desempenho, gerenciamento dos riscos causados por micotoxinas e suplementação nutricional de precisão.

Durante o evento, realizado entre os dias 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP), a empresa reuniu clientes, técnicos e parceiros para apresentar as soluções Essential, Levian e Panbonis, pro-

dutores destinados às cadeias de aves, suínos, ruminantes e aquicultura. Além da exposição do portfólio, a participação teve como foco ampliar o intercâmbio técnico com o mercado e acompanhar as principais tendências da produção animal no Brasil e na América Latina.

Segundo Leticia Montagneiro, gerente-geral da Oligo Basics para Brasil e América Latina, e Francis Chiossi, dire-

tor Comercial Brasil e América Latina, o SIAVS tornou-se um ambiente estratégico para aproximar a empresa dos diferentes segmentos da cadeia de proteína animal e discutir os desafios que vêm transformando a nutrição animal.

Entre os principais destaques apresentados esteve o Essencial, melhorador de desempenho não antibiótico produzido no Brasil. O produto integra uma categoria de aditivos que vem ganhando importância à medida que a produção animal reduz a utilização de antimicrobianos como promotores de crescimento, em resposta às mudanças regulatórias e às exigências de consumidores e mercados importadores.

A busca por alternativas capazes de preservar o desempenho produtivo sem recorrer ao uso de antibióticos tornou-se uma das prioridades da nutrição animal. Nesse cenário, soluções que favorecem o equilíbrio intestinal e melhoram o aproveitamento dos nutrientes vêm sendo incorporadas aos programas nutricionais de aves e suínos, contribuindo para manter índices zootécnicos e reforçar a biosseguridade dos sistemas de produção.

Outro lançamento apresentado pela empresa foi o Levian, adsorvente de micotoxinas associado à plataforma Biomonitoring+. A tecnologia foi desenvolvida para auxiliar o monitoramento da exposição dos animais às micotoxinas, contaminantes que podem comprometer a saúde, o desempenho e a rentabilidade das granjas. Segundo a empresa, o sistema permite identificar até 36 micotoxinas a partir da análise de uma única gota de sangue, oferecendo informações que apoiam decisões relacionadas ao manejo nutricional e à gestão de riscos sanitários.

O monitoramento das micotoxinas vem se tornando cada vez mais relevante na produção animal, especialmente diante das variações climáticas que favorecem o desenvolvimento de fungos em grãos e matérias-primas utilizadas na fabricação de rações. Além das perdas produtivas, esses contaminantes podem afetar a imunidade, a conversão alimentar e o desempenho reprodutivo dos animais, tornando sua prevenção uma prioridade para nutricionistas e gestores das granjas.

O terceiro destaque do estande foi



Francis Chiossi e Letícia Montagneiro: o evento também representa uma oportunidade para compartilhar conhecimento, discutir tendências e ampliar a troca de experiências entre empresas, pesquisadores e profissionais da produção animal.

o Panbonis, aditivo nutricional desenvolvido como fonte natural da forma bioativa da vitamina D3. A suplementação dessa vitamina tem recebido atenção crescente devido à sua participação em processos relacionados ao metabolismo mineral, à formação óssea e ao desempenho dos animais em diferentes fases produtivas.

Com a combinação das três soluções, a Oligo Basics apresentou tecnologias voltadas a desafios distintos, mas complementares, da produção animal moderna: eficiência alimentar, saúde intestinal, controle de contaminantes e nutrição de precisão. O conjunto do portfólio reflete uma tendência observada em toda a cadeia de proteína animal, na qual o desempenho produtivo está cada vez mais associado à integração entre manejo, biosseguridade e formulações nutricionais mais específicas.

Além da apresentação dos produtos, a empresa utilizou o SIAVS para fortalecer o relacionamento com clientes, distribuidores e parceiros estratégicos. A programação da feira propor-

cionou encontros técnicos e comerciais que, segundo a companhia, contribuem para compreender as demandas dos produtores e acompanhar a evolução das tecnologias aplicadas às cadeias de aves, suínos, ruminantes e aquicultura.

Na avaliação de Letícia Montagneiro e Francis Chiossi, o evento também representa uma oportunidade para compartilhar conhecimento, discutir tendências e ampliar a troca de experiências entre empresas, pesquisadores e profissionais da produção animal.

Em um cenário de crescente pressão por produtividade, sustentabilidade e redução dos riscos sanitários, a nutrição animal assume papel cada vez mais estratégico para a competitividade da proteína animal brasileira. Ao reunir soluções voltadas ao desempenho, ao monitoramento de micotoxinas e à suplementação nutricional, a Oligo Basics reforçou, durante o SIAVS 2026, sua atuação em segmentos considerados prioritários para a evolução dos sistemas de produção e para o fortalecimento das cadeias de aves, suínos, ruminantes e aquicultura. ■



SIAVS 2026: SANEX CONSOLIDA SUA ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO BASEADA NA INOVAÇÃO EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

PARA A **SANEX**, A ESTREIA COM ESTANDE PRÓPRIO REPRESENTA UM NOVO PASSO NA APROXIMAÇÃO COM A CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL, ACOMPANHANDO AS MUDANÇAS QUE VÊM REDESENHANDO OS SISTEMAS DE PRODUÇÃO NO BRASIL

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A Sanex marcou presença pela primeira vez como expositora no SIAVS 2026, ampliando sua participação em um dos principais eventos da cadeia de proteína animal da América Latina. Após participar de edições anteriores como visitante, a empresa levou estande próprio ao encontro realizado entre os dias 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP), utilizando o espaço para apresentar seu portfólio, fortalecer o relacionamento com clientes e fornecedores e discutir as

transformações que vêm ocorrendo na nutrição e na saúde animal.

A estreia acontece em um momento de mudanças importantes no setor, especialmente com a crescente adoção de estratégias voltadas à redução do uso de antibióticos melhoradores de desempenho. Nesse cenário, cresce a demanda por alternativas nutricionais capazes de contribuir para a saúde intestinal, o equilíbrio microbiológico e o desempenho produtivo de aves, suínos e outras espécies.

Segundo Marcelo Huber, médico-



-veterinário e diretor-executivo da Sanex, a participação no SIAVS representa uma oportunidade para ampliar o contato com os diferentes elos da cadeia produtiva e apresentar tecnologias desenvolvidas para atender às novas exigências do mercado. “O SIAVS é hoje a maior feira nacional de proteína animal e, talvez, a maior da América Latina. Para a Sanex, é muito importante estar presente. Com o estande, conseguimos receber os clientes de forma mais adequada, divulgar melhor os nossos produtos e trocar informações com empresas e fornecedores do segmento”, afirma.

Entre os destaques apresentados pela empresa está a linha voltada à aquicultura, lançada em 2025 e exibida ao público durante o evento. A expansão para esse segmento acompanha o crescimento da piscicultura brasileira, que vem aumentando a demanda por soluções nutricionais e sanitárias adaptadas às diferentes espécies cultivadas.

Além da aquicultura, a Sanex apresentou produtos voltados à nutrição e à saúde animal, incluindo ácidos orgânicos não tamponados, eletrólitos para

uso na água de bebida, produtos especiais e minerais protegidos. Segundo a empresa, essas tecnologias fazem parte da estratégia de oferecer ferramentas que auxiliem na manutenção da saúde dos animais e na melhoria dos índices produtivos, especialmente em sistemas que buscam reduzir a utilização de antimicrobianos como promotores de crescimento.

A substituição dos antibióticos melhoradores de desempenho tem se consolidado como uma das principais tendências da produção animal. As mudanças regulatórias e a crescente preocupação dos mercados consumidores com o uso racional de antimicrobianos vêm impulsionando investimentos em aditivos nutricionais, programas de saúde intestinal e soluções que contribuam para a manutenção do desempenho zootécnico sem comprometer a biossegurança das granjas.

Huber destaca que a empresa vem consolidando sua atuação justamente nesse segmento. “Temos uma presença muito forte no mercado de substituição de antibióticos utilizados como melhoradores de desempenho. Toda essa linha de produtos para a saúde animal, ligada à nutrição, ganha destaque neste momento do mercado”, observa.

Além da apresentação do portfólio, o SIAVS também foi utilizado pela empresa como plataforma de relacionamento. A Sanex reuniu em seu estande representantes comerciais, clientes e fornecedores brasileiros e internacionais, aproveitando o ambiente da feira para estreitar contatos, discutir projetos e acompanhar as demandas dos diferentes segmentos da proteína animal.

Segundo a empresa, essa proximidade favorece a identificação de oportunidades de negócios e permite compreender com maior rapidez as necessidades do mercado, contribuindo para o desenvolvimento de soluções alinhadas às transformações da produção animal.

A participação no SIAVS faz parte de uma estratégia mais ampla de presença em eventos técnicos e comerciais. Com mais de duas décadas de atuação, a Sanex intensificou sua agenda de feiras em 2026, com participação prevista em 49 eventos no



“A PARTICIPAÇÃO NO SIAVS REPRESENTA UMA OPORTUNIDADE PARA AMPLIAR O CONTATO COM OS DIFERENTES ELOS DA CADEIA PRODUTIVA”

MARCELO HUBER, MÉDICO-VETERINÁRIO E DIRETOR-EXECUTIVO DA SANEX

Brasil e no exterior. Para uma empresa nacional, essa presença é vista como uma ferramenta importante para ampliar a visibilidade da marca, fortalecer relacionamentos e acompanhar a evolução tecnológica do setor.

Em um mercado cada vez mais orientado por eficiência produtiva, biossegurança e sustentabilidade, eventos como o SIAVS consolidam seu papel como espaço para a apresentação de novas tecnologias e para o intercâmbio entre empresas, pesquisadores, técnicos e produtores. Para a Sanex, a estreia com estande próprio representa um novo passo na aproximação com a cadeia de proteína animal e reforça sua estratégia de crescimento baseada na inovação em nutrição e saúde animal, acompanhando as mudanças que vêm redesenhando os sistemas de produção no Brasil. ■



VAXXINOVA REFORÇA NO SIAVS 2026 SEU FOCO COM A INOVAÇÃO EM SAÚDE ANIMAL

AO REUNIR SOLUÇÕES PARA AVICULTURA, AQUACULTURA E SUINOCULTURA EM UM MESMO ESPAÇO, A **VAXXINOVA** REFORÇOU SUA ESTRATÉGIA DE ATUAR DE FORMA INTEGRADA NAS DIFERENTES CADEIAS DA PROTEÍNA ANIMAL

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

A sanidade animal segue entre os principais fatores para a competitividade da produção brasileira de proteína animal. Em um cenário de aumento das exigências sanitárias dos mercados internacionais e de busca por maior eficiência nas granjas, a vacinação vem ganhando papel estratégico dentro dos programas de bios-

seguridade. Foi com esse enfoque que a Vaxxinova participou do SIAVS 2026, realizado entre os dias 4 e 6 de agosto, em São Paulo (SP), destacando soluções voltadas principalmente à avicultura, além de tecnologias para aquicultura e suinocultura.

Durante o evento, considerado um dos principais encontros da cadeia de proteína animal da Améri-

ca Latina, a empresa apresentou seu portfólio de vacinas e aproveitou a proximidade com produtores, integradoras e técnicos para discutir os desafios sanitários que impactam os diferentes segmentos da produção animal.

Na avicultura, o principal destaque ficou para as vacinas inativadas destinadas à imunização de reprodutoras. A estratégia busca fortalecer a proteção das aves e favorecer a transferência de anticorpos para a prole, contribuindo para reduzir a ocorrência de enfermidades logo nas primeiras fases de vida dos pintainhos.

Entre as soluções apresentadas estão a Vaxxon® REO4, desenvolvida para o controle do Reovírus aviário, e a Vaxxon® FAdV, indicada para a prevenção do Adenovírus aviário. As duas enfermidades estão entre os desafios sanitários enfrentados pela avicultura, com potencial para comprometer desempenho zootécnico, uniformidade dos lotes e resultados econômicos das granjas.

Segundo Augusto Eggres, gerente de Produto Avicultura da Vaxxinova Brasil, os investimentos em vacinação acompanham a evolução da própria avicultura nacional, que depende de programas sanitários cada vez mais estratégicos para manter seus elevados índices produtivos. “A avicultura brasileira é referência em produtividade e qualidade sanitária, e isso depende de investimentos constantes em prevenção. Nosso objetivo é oferecer tecnologias que fortaleçam a imunidade das aves e apoiem programas vacinais cada vez mais eficientes, contribuindo para a sustentabilidade e a competitividade de toda a cadeia avícola”, afirma.

Além da apresentação das vacinas, a empresa utilizou o SIAVS como espaço para am-



Augusto Eggres, gerente de Produto Avicultura da Vaxxinova Brasil

pliar o diálogo com a cadeia produtiva. A troca de informações com produtores, médicos-veterinários, pesquisadores e empresas do setor foi apontada como uma oportunidade estratégica para fortalecer relacionamentos e compartilhar conhecimento.

Para Jeovane Pereira, diretor de Negócios Avicultura da Vaxxinova Brasil, a proximidade com o mercado permite compreender com maior precisão os desafios enfrentados pela produção nacional. “Mais do que apresentar nossas soluções, queremos contribuir com informações e tecnologias que promovam eficiência produtiva, biossegurança e sustentabilidade para toda a cadeia”, afirma.

A empresa também reforçou sua atuação em outras cadeias da proteína animal. Na aquicultura, o crescimento da piscicultura brasileira vem amplian-

do a demanda por programas de prevenção capazes de reduzir perdas sanitárias e aumentar a eficiência produtiva.

Segundo Rodrigo Pedralli, gerente de Negócio Aqua da Vaxxinova Brasil, a expansão da atividade exige tecnologias compatíveis com o ritmo de desenvolvimento do setor. A empresa apresentou soluções voltadas à proteção sanitária dos peixes, buscando apoiar o crescimento sustentável da produção aquícola nacional.

Na suinocultura, a Vaxxinova destacou vacinas destinadas à prevenção de enfermidades que afetam o desempenho dos rebanhos, reforçando a importância de programas sanitários estruturados em um segmento que também avança em produtividade e intensificação dos sistemas de produção.

Para Rogério Petri, gerente da Unidade de Negócios Suínos da empresa, biossegurança e inovação são fatores diretamente relacionados à competitividade da suinocultura brasileira, especialmente diante do crescimento da produção e das exigências dos mercados consumidores.

A participação da empresa no SIAVS também evidenciou uma tendência observada em todo o setor de saúde animal: a integração entre vacinação, monitoramento sanitário, assistência técnica e gestão das granjas como ferramentas para reduzir riscos e aumentar a eficiência produtiva.

Eventos como o SIAVS tornam-se importantes pontos de encontro para atualização técnica e troca de experiências entre indústria, pesquisadores e produtores. Além da apresentação de tecnologias, a feira reúne discussões sobre biossegurança, sustentabilidade, inovação e os desafios impostos pela evolução dos sistemas de produção.

Ao reunir soluções para avicultura, aquicultura e suinocultura em um mesmo espaço, a Vaxxinova reforçou sua estratégia de atuar de forma integrada nas diferentes cadeias da proteína animal. A expectativa da empresa é que o contato direto com clientes e parceiros durante o evento contribua para fortalecer relacionamentos, identificar novas demandas do mercado e apoiar o desenvolvimento de programas sanitários cada vez mais eficientes para a produção brasileira. ■

INTENSIFICAÇÃO SUSTENTÁVEL GANHA DESTAQUE NO SIMPÓSIO FEED & FOOD DURANTE O SIAVS 2026

O SIMPÓSIO CONSOLIDOU-SE COMO UM ESPAÇO DE DEBATE SOBRE OS RUMOS DA PRODUÇÃO ANIMAL E DE RECONHECIMENTO A EMPRESAS E INSTITUIÇÕES QUE DESENVOLVEM INICIATIVAS VOLTADAS À **INOVAÇÃO, EFICIÊNCIA PRODUTIVA E RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL**

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A produção de mais alimentos utilizando menos terra, água, energia e insumos foi apontada como um dos principais caminhos para fortalecer a competitividade da proteína animal brasileira durante o 13º **Simpósio Feed & Food de Sustentabilidade**, realizado no SIAVS 2026, em São Paulo (SP). O encontro reuniu lideranças do agronegócio, especialistas e repre-

sentantes de entidades para discutir os desafios da sustentabilidade diante das crescentes exigências dos mercados consumidores e das mudanças no cenário geopolítico internacional.

Promovido pela **Feed&Food**, o Simpósio consolidou-se como um espaço de debate sobre os rumos da produção animal e de reconhecimento a empresas e instituições que desenvolvem iniciativas voltadas à inovação,

eficiência produtiva e responsabilidade socioambiental. Durante o evento também foram entregues os **Troféus Curuca**, concedidos nesta edição às empresas Adisseo, Huvepharma e Vidara, em reconhecimento às contribuições para o avanço sustentável da cadeia de proteína animal.

Na abertura do encontro, o presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin,





Ricardo Santin, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA)



Thomas Tim, presidente da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal

destacou que a sustentabilidade já faz parte da rotina da produção brasileira e representa um dos principais diferenciais competitivos do setor.

Segundo Santin, o país reúne condições únicas para produzir proteínas de origem animal de forma eficiente, apoiado por investimentos em tecnologia, sanidade, bem-estar animal e gestão ambiental. Para o dirigente, a intensificação sustentável permite ampliar a oferta de alimentos sem expandir, na mesma proporção, o uso dos recursos naturais, tornando a atividade mais eficiente e alinhada às demandas globais.

O avanço da sustentabilidade também foi analisado sob a perspectiva do comércio internacional. O ex-secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Luis Rua, afirmou que a posição de liderança conquistada pelo Brasil no mercado mundial de carnes traz consigo uma cobrança crescente por parte dos países importadores.

Na avaliação de Rua, o ambiente internacional tornou-se mais complexo em razão das tensões geopolíticas, das mudanças nas relações comerciais e das novas exigên-

cias ambientais impostas por diferentes mercados. Segundo ele, além de atender aos requisitos técnicos, o setor precisa fortalecer sua capacidade de comunicação para responder a questionamentos e combater informações sem base científica que afetam a imagem da produção brasileira.

Apesar desse cenário, Rua ressaltou que poucos países conseguem reunir simultaneamente atributos como elevada capacidade produtiva, regularidade de fornecimento, qualidade sanitária, competitividade e diversidade de sistemas de produção, características que colocam o Brasil em posição estratégica no comércio internacional de proteína animal.

Outro tema debatido durante o simpósio foi a evolução das práticas de bem-estar animal como componente da sustentabilidade. O presidente da Associação Brasileira de Bem-Estar Animal, Thomas Tim, destacou que a adoção de protocolos de manejo e programas de certificação vem ampliando a confiança dos consumidores e agregando valor aos produ-



Luis Rua, ex-secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura

tos de origem animal.

Segundo ele, iniciativas de certificação contribuem para padronizar procedimentos e demonstrar, de forma transparente, os avanços obtidos pelo setor na melhoria das condições de criação dos animais, tanto na produção quanto em outras cadeias ligadas ao agronegócio.

A necessidade de transformar o potencial agroambiental brasileiro em vantagem econômica também foi tema da apresentação de Marcelo Brito, diretor da FDC Agroambiental. Em sua análise, o especialista argumentou que o Brasil já reúne recursos naturais, capacidade produtiva e conhecimento técnico suficientes para exercer protagonismo global, mas ainda enfrenta dificuldades para converter esse potencial em maior influência internacional e geração de valor.

Para Brito, o principal desafio não está na disponibilidade de recursos, mas na construção de estratégias capazes de integrar inovação, sustentabilidade e competitividade. Segundo ele, decisões relacionadas aos investimentos da próxima década dependerão cada vez mais da capacidade do setor de responder às exigências ambientais sem perder eficiência produtiva.

Ao longo das discussões, um dos consensos foi que a sustentabilidade deixou de ser apenas um diferencial competitivo para tornar-se um requisito de acesso aos mercados. Nesse contexto, a intensificação sustentável foi apresentada como uma estratégia capaz de conciliar crescimento da produção, preservação dos recursos naturais e ren- ►

tabilidade das propriedades, apoiada por tecnologias de nutrição, genética, sanidade, manejo e gestão.

Após treze edições, o Simpósio Feed & Food de Sustentabilidade reafirma seu papel como um dos principais fóruns de debate sobre os rumos da produção de proteína animal no Brasil. Ao reunir representantes da indústria, entidades setoriais, especialistas e empresas inovadoras, o evento reforçou que o futuro da competitividade brasileira passa pela capacidade de produzir mais com menos recursos, ampliar a eficiência dos sistemas produtivos e transformar sustentabilidade em valor para toda a cadeia.

ADISSEO, HUVEPHARMA E VIDARA RECEBEM “TROFÉU CURUCA”

ADISSEO

O SustainWay, promovido pela Adisseo, leva dados ambientais à tomada de decisão na produção animal. O case inscrito no Troféu Curuca combina avaliação de ciclo de vida, capacitação e análise de formulações para conectar sustentabilidade, desempenho e custo.

A iniciativa foi estruturada para apoiar empresas que já possuem metas ambientais, mas ainda precisam de dados, metodologia e ferramentas capazes de relacionar sustentabilidade com nutrição, eficiência produtiva e viabilidade econômica.

Segundo **Guilherme Vasconcellos**, gerente de Categoria Feed Digestibility da Adisseo Latam, a agenda está ligada à necessidade de ampliar a produção de proteína animal com melhor uso dos recursos naturais. “O mundo vai precisar produzir cada vez mais proteína animal para uma população que cresce a cada segundo. É preciso produzir com melhor uso de recursos naturais, menor impacto ambiental e sistemas mais preparados para os desafios climáticos”, afirma.

Essa visão passou a orientar investimentos industriais, inovação, desenvolvimento de produtos e o relacionamento com clientes. Para Vasconcellos, o SustainWay representa a aplicação prática desse conhecimento. “Não é



um projeto feito para ficar bonito no papel. É um serviço que ajuda o cliente a medir, comparar e tomar decisões melhores de forma prática”, destacou.

O SustainWay foi dividido em quatro etapas. A primeira oferece acesso às Avaliações de Ciclo de Vida (ACV) dos produtos da Adisseo, permitindo comparar soluções com base científica e acompanhar sua pegada ambiental. A segunda reúne treinamentos personalizados sobre sustentabilidade, critérios ambientais, sociais e de governança e metodologia de ACV.

Na terceira etapa, o trabalho chega à formulação das dietas. De acordo com Vasconcellos, entre 60% e 80% do impacto ambiental da produção de animais monogástricos está relacionado à nutrição. Por meio da ferramenta ADICT, podem ser comparados cenários que consideram a origem das matérias-primas, o uso de aditivos, a eficiência zootécnica, o consumo de água, a acidificação e a eutrofização. “Hoje, nossa base considera mais de 1.500 ingredientes e origens, o que permite ao nutricionista formular olhando para desempenho, custo e impacto ambiental ao mesmo tempo. Com o ADICT, estas informações são conectadas diretamente com o programa de formulação do nutricionista, sem a necessidade de usar plataformas externas”, explicou.

A quarta etapa consiste no desenvolvimento, em conjunto com o cliente, de uma Avaliação de Ciclo de Vi-

da da própria ração ou do sistema de produção animal. O estudo utiliza dados reais e metodologia verificada para identificar os pontos de maior impacto e orientar estratégias, relatórios e planos de melhoria. “O cliente deixa de trabalhar com percepções e passa a ter informação técnica para orientar sua estratégia, seus relatórios e suas decisões”, ressaltou.

Guilherme Vasconcellos explica que quando a gente olha principalmente emissões de carbono, falando do contexto de sustentabilidade na proteína animal, existe uma preocupação muito grande relacionada à emissão do carbono, vindo dos ingredientes utilizados na formulação das rações, de tudo o que um animal pode emitir, principalmente aves e suínos, entre 60 a 80% vai estar relacionado à nutrição. “Hoje, uma das grandes demandas e um dos grandes desafios que os nossos clientes e nossos parceiros enfrentam é como aplicar a sustentabilidade na prática, de forma que eles consigam implementar projetos e também mensurar suas respostas”, disse. “É por isso que desenvolvemos a iniciativa, que hoje se chama Sustain Way. Ele é um serviço desenvolvido pela discussão, com foco em melhorar e facilitar a prática da aplicação de projetos de sustentabilidade. Não é um modelo padrão nem um modelo fixo ou engessado. É justamente entender que a gente precisa ser flexível para ser sustentável”, detalhou.



VIDARA

A empresa está apostando em gestão hídrica para fortalecer sustentabilidade na operação e o case inscrito no Troféu Curuca mostra como estação de tratamento de água, reaproveitamento de efluentes, energia solar e indicadores ESG passaram a integrar a estratégia da empresa para reduzir impactos e ampliar eficiência.

O case foi desenvolvido a partir de uma reflexão estratégica sobre como expandir reduzindo impactos. A gestão hídrica foi identificada como uma oportunidade relevante para tornar a operação mais eficiente e responsável. A partir disso, a empresa estruturou a implantação da estação de tratamento de água com foco no uso consciente e eficiente dos recursos. A iniciativa surgiu de uma reflexão estratégica sobre como expandir reduzindo impactos, identificando na gestão hídrica uma oportunidade relevante. Assim, a empresa estruturou o projeto de implantação da estação de tratamento de água com foco no uso consciente e eficiente.

Segundo **Marina Bonatelli de Lima**, gerente de Assuntos Regulatórios e Qualidade da Vidara, o investimento reflete a forma como a empresa entende a sustentabilidade dentro do negócio. “Na Vidara, a sustentabilidade é um pilar estratégico do negócio, alinhado aos valores do Grupo Ravago. Mais do que uma tendência, entendemos que a gestão respon-

sável dos recursos naturais é essencial para garantir a continuidade das operações, a competitividade e a geração de valor no longo prazo”, afirmou.

Para Marina, a estação de tratamento de água materializa esse compromisso na prática. “A implantação da estação de tratamento de água, realizada em 2026, foi a ação que mais gerou orgulho à empresa. O projeto materializa nosso compromisso com a sustentabilidade, garantindo o tratamento adequado de efluentes e promovendo o reaproveitamento da água, com redução significativa do impacto ambiental”, destacou. “Em 2024, implementamos na empresa a estação de energia fotovoltaica. Hoje, boa parte da energia consumida dentro do processo da empresa é gerado de forma sustentável. Então, com isso nos incentivou ao que mais a gente poderia fazer”, destacou.

Gabriel Souza, Analista de Qualidade da Vidara, explicou que com toda a criação do projeto e implementação foram motivadas primeiramente pela conquista do Prêmio Curuca de 2024. “Isso norteou muito bem nossa vida, no sentido de entender que a gente está no caminho certo, na busca pela sustentabilidade dentro do mercado de nutrição animal. O desenvolvimento do projeto teve um apoio muito importante da alta diretoria. Tínhamos uma forma de tratar esse resíduo. Buscávamos uma forma mais sustentável e interessante economicamente para lidar com esse efluente”, afirmou. “Ven-

do o crescimento da empresa durante os anos e o crescimento também desse efluente, começamos a nos preocupar mais com uma forma mais sustentável de lidar com ele, tirando essa sobrecarga do sistema de tratamento da cidade, trazendo uma responsabilidade ambiental maior para a vida. O tratamento de água desenvolvido nos últimos meses tem como principal objetivo a redução da carga físico-química do nosso efluente. Esse efluente é oriundo da limpeza da fábrica, da limpeza das instalações, dos filtros e é uma água que acaba ficando carregada com uma carga físico-química”, detalhou. “A gente consegue, no nosso tratamento, hoje remover essa carga, fazendo com que a água residual atenda a portaria e possa ser utilizada como um reuso, até mesmo para irrigação de plantas, para limpeza de áreas produtivas. Então, o objetivo principal é reduzir a carga no efluente para poder também utilizar essa água dentro do nosso processo. Esse reconhecimento fortaleceu ainda mais a cultura de sustentabilidade dentro da empresa, fez com que os colaboradores se engajassem mais nos projetos e dessem mais importância às ações sustentáveis”, afirmou.

HUVEPHARMA

A principal meta ambiental da empresa é atingir a neutralidade de carbono nos Escopos 1 e 2 até 2030. Segundo **Marcos Branco**, Diretor da Huvepharma Brasil, a motivação da empre- ►

sa está fundamentada em um compromisso de longa data com o fornecimento de alimentos seguros e de alta qualidade para a população atual e para aquelas que virão no futuro. “Acreditamos que alimentos seguros e nutritivos, aliados a um ambiente saudável, são pilares essenciais para esse futuro”, explica. “Para nós, sustentabilidade não se resume a iniciativas pontuais, mas sim a um compromisso contínuo de longo prazo. Como empresa, temos orgulho de nosso histórico de engajamento com as comunidades”, pontua.

Destaque Troféu Curuca: animais monogástricos não conseguem digerir fibras de forma eficiente, fazendo com que nutrientes valiosos fiquem retidos na matriz fibrosa. Esse efeito antinutricional ocorre em todos os tipos de formulações de dieta, inclusive nas dietas tradicionais à base de milho e farelo de soja.

Após anos de pesquisa sobre degradação de fibras em parceria com a Universidade de Wageningen, a empresa desenvolveu o Huvezym neXo, um complexo enzimático de nova geração composto por xilanase, glucanase e xiloglucanase. A combinação dessas enzimas é capaz de quebrar estruturas fibrosas complexas, liberando energia do milho e melhorando o aproveitamento do nitrogênio proveniente do farelo de soja. Como resultado, os animais utilizam a proteína de forma mais eficiente e excretam menos nitrogênio no ambiente.

O Huvezym neXo também ajuda os produtores a extrair mais valor de coprodutos, como o DDGS. Ao melhorar a digestibilidade da proteína, permite níveis maiores de inclusão sem comprometer o desempenho dos animais.

Experiências na Europa já demonstraram que ingredientes alternativos ricos em fibras, como farelo de girassol e farelo de trigo, podem ser utilizados em níveis mais elevados graças à redução dos efeitos antinutricionais da fibra. Ao melhorar a degradação das fibras, o Huvezym neXo favorece o uso mais eficiente das matérias-primas disponíveis, amplia a utilização de coprodutos, fortalece a economia circular na produção animal e contribui para uma pecuária mais sustentável.

Branco explica que o mercado en-



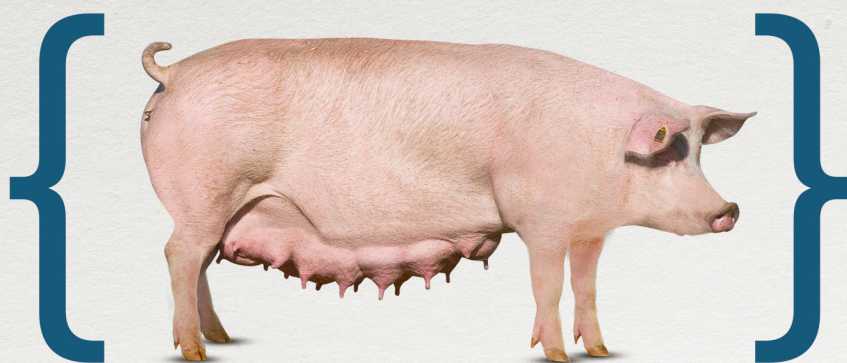
frenta um grande desafio, que é produzir cada vez mais alimentos de forma mais sustentável e com melhor produtividade. “Os nutrientes presentes na dieta nem sempre são digeridos pelos animais devido as fibras altamente complexas que existem na dieta, principalmente de aves e suínos”, explicou.

Isso reduz a eficiência produtiva e aumenta a excreção de nutrientes e nitrogênio no ambiente”, afirmou. “Acompanhar o setor há muitos anos motivou a Huvepharma a realizar pesquisas de desenvolvimento para achar uma solução inovadora para esse problema. Após anos de pesquisa desenvolvemos o Huvezym neXo, um complexo enzimático que auxilia na degradação dessas fibras, melhorando a digestibilidade dos nutrientes presentes nos alimentos. Com isso, nós conseguimos fazer com que os animais absorvam melhor a energia presente no milho e a proteína do farelo de soja, diminuindo a excreção de nutrientes no ambiente e melhorando o desempenho desses animais, aumentando a eficiência nutricional. Assim, automaticamente, diminuimos o desperdício e ampliamos as possibilidades de formulação de dietas”, explicou. “Com isso, a gente contribui para sistemas de produção mais resilientes e mais sustentáveis”, afirmou. “A Huvepharma também vem fazendo o

“Eu cresci vendo o meu pai se preocupar e promover o debate sobre o tema e para nós, nada mais natural do que dar voz às empresas que promovem e valorizam a sustentabilidade, seja ambiental, social ou econômica”, afirmou. “Sustentabilidade, nesse contexto, vai muito além da preservação ambiental. Trata-se da integração equilibrada entre eficiência econômica, responsabilidade social e gestão ambiental. Um sistema produtivo só é verdadeiramente sustentável quando consegue produzir de forma rentável, respeitando recursos naturais e promovendo desenvolvimento nas comunidades onde está inserido”.

Diogo Ciasulli, CEO
da Feed & Food e seu pai,
Oswaldo Ciasulli

seu papel. Desde 2020, nós conseguimos reduzir 30% na pegada absoluta de carbono, 15% na redução do consumo de água, mantendo o nosso crescimento operacional. Então, o Huvezym neXo demonstra que é possível produzir mais e melhor utilizando os recursos já disponíveis”, concluiu. ■



**Feito com
bi-quelato.**

Mineral Orgânico Bi-quelatado

MINTREX®

Um produto NOVUS

novusint.com/swineminerals

**SOMENTE MINTREX® MINERAIS ORGÂNICOS
BI-QUELATADOS OFERECEM A ABSORÇÃO PROATIVA
QUE VOCÊ PRECISA PARA MAXIMIZAR A NUTRIÇÃO.**

Nossos minerais orgânicos bi-quelatados são os únicos minerais que demonstraram que podem passar intactos pelo trato digestivo e chegar ao sítio de absorção, promovendo maior enriquecimento tecidual. MINTREX® minerais orgânicos bi-quelatados elevam o desempenho reprodutivo – desde as taxas de parto até a qualidade da progênie. Assim, suas matrizes se tornam mais fortes, saudáveis e produtivas – resultando em mais leitões desmamados e maior retorno por cada real investido.

® **NOVUS** e MINTREX são marcas comerciais da Novus International, Inc. e estão registradas nos Estados Unidos e em outros países.
©2026 Novus International, Inc. Todos os direitos reservados.





PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA: A EVOLUÇÃO DAS BAIAS DE MATERNIDADE NA SUINOCULTURA

POR DIEGO PALOMBO

A maternidade é uma das etapas mais estratégicas da produção de suínos, pois influencia diretamente a sobrevivência dos leitões, o desempenho das matrizes e a rentabilidade da granja. As baias de maternidade Plasson foram desenvolvidas para atender às demandas da suinocultura moderna, combinando bem-estar animal, biossegurança, durabilidade e praticidade operacional em uma solução robusta para o dia a dia da produção.

Seu projeto favorece o conforto da matriz e dos leitões, otimiza o manejo diário e facilita a higienização, reduzindo o tempo de limpeza e contribuindo para um

ambiente sanitariamente mais seguro. Além disso, a utilização de materiais de alta resistência proporciona maior vida útil ao equipamento e menor necessidade de manutenção, garantindo excelente retorno sobre o investimento.

Com soluções desenvolvidas a partir da experiência de campo e da inovação tecnológica, a Plasson reforça seu compromisso em oferecer equipamentos que elevam a eficiência produtiva e agregam valor às granjas. ■

Diego Palombo, Gerente Comercial Suinocultura da Plasson do Brasil

BAIA DE MATERNIDADE

mais resultado com a Plasson

Reduza perdas, aumente a eficiência e eleve os resultados da sua granja com as baias de maternidade Plasson.

Nossas soluções reduzem o esmagamento de leitões, melhoram a ambiência e garantem mais conforto. Refletindo diretamente em maior produtividade e desempenho da sua granja.

Mais tecnologia, mais controle e mais retorno para o seu investimento.

PLASSON.
TECNOLOGIA
QUE GERA
PRODUTIVIDADE.



PLASSON
Livestock

Elias Zydek,
diretor
executivo
da Frimesa

PROGRAMA SUÍNO CERTIFICADO FRIMESA É ELO ENTRE SUSTENTABILIDADE E RENDIMENTO

OS RESULTADOS DESSES FATORES
**BENEFICIAM DIRETAMENTE OS
PRODUTORES ASSOCIADOS**, POR
MEIO DA AGREGAÇÃO DE VALOR
AO SEU PRODUTO

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A Frimesa se posiciona no mercado como uma empresa que produz “alimentos de valor para as pessoas”. Para atender sua missão de forma ética e responsável mantém do fomento à produção procedimentos que visam, principalmente, o bem-estar animal e a segurança alimentar. Os resultados desses fatores beneficiam diretamente os produtores associados, por meio da agregação de valor ao seu produto.

A estruturação dessa prática pode ser comprovada pelo programa Suíno Certificado Frimesa, implanta-

do em 2012, que estabelece políticas, normas e processos. Os pilares do programa abrangem as questões sanitárias, de bem-estar animal, biossegurança, rastreabilidade, proteção ao meio ambiente e a segurança do trabalhador. A proposta é bastante arrojada: conseguir o controle de toda a cadeia, com a adoção de procedimentos operacionais para garantir a padronização do sistema de criação e a produção de alimentos seguros.

ADERÊNCIA NO CAMPO. De acordo com Marlon Vanderlei Weirich Papen, os produtores entendem que melho-



rando o bem-estar animal, integralmente, através da sinergia, melhora também o trabalho deles melhorar a saúde animal também. “E eles percebem isso também como um ativo principal no campo. Você melhora a qualidade de vida dos animais e decorrência a isso você tem um incremento da

produção ali com melhora do desempenho dos animais”, explica.

A melhora, segundo Papen, é verificada na diminuição das condenações no frigorífico e também na melhora na produção. “Há melhora na conversão alimentar e de Ganho de Peso Diário (GPD) na produção.

PILARES DO PROGRAMA SUÍNO CERTIFICADO FRIMESA



Segurança do alimento: Análise de Pontos Críticos de Controle e Biossegurança.

Esse item atende aos critérios e normas de prevenção de doenças nas granjas por meio da implementação das boas práticas agropecuárias, do uso responsável de medicamentos e do controle de resíduos. Pelas regras, a dosagem de qualquer medicamento é prescrita exclusivamente por um médico veterinário, e todo o processo é registrado e documentado;



Bem-estar animal: Estabelece critérios que atendem aos requisitos do bem-estar animal.

Nesse ponto a Frimesa está comprometida com a produção de alimentos mais justos e sustentáveis, trabalhando para que todas as granjas integradas migrem para o alojamento coletivo de porcas reprodutoras na fase de gestação. Para garantir a efetividade desse comprometimento a empresa concluirá a transição até 2026;



Proteção ambiental: Boas práticas agropecuárias e atendimento aos requisitos legais;



Saúde ocupacional, segurança e bem-estar: Critérios para segurança e responsabilidade social;



Rastreabilidade: Traçar o histórico, a aplicação ou a localização de um item por meio de informações registradas. Esse requisito busca trazer para a empresa uma maior confiança do consumidor, pois é possível divulgar informações sobre a origem dos produtos e se proteger em casos de questionamentos quanto à qualidade.

Segundo Marlon Vanderlei Weirich Papen, Gerente de Suprimentos da Frimesa, o selo é desenvolvido através de auditoria nas granjas. “Os produtores, eles têm que preencher um checklist em cima dos cinco pilares da produção, que são segurança alimentar, bem-estar animal, proteção ambiental, saúde ocupacional e rastreabilidade”, explicou. “Hoje o nosso trabalho é composto, ele está dentro da cadeia de suprimentos, com o qual eu sou gerente, e daí nós temos três auditoras, que elas fazem auditoria em todas as granjas que entregam o suíno nos frigoríficos da Frimesa”, detalha.



Melhoramos os lotes, melhoramos a qualidade do leitão a cada dia. Então, são passos que você vai ‘afinando’ a produção até que você tenha um desempenho cada vez melhor. E isso mostra os resultados dessas práticas no frigorífico, em que você tem um rendimento melhor da qualidade da carne, você tem um rendimento melhor do teu produto, e isso faz com que tenha maior rentabilidade dentro da indústria.

A sustentabilidade entrou na minha formação, eu venho atuando como médico veterinário na inspeção, em frigoríficos, e em 2018 eu tive uma transição de carreira, na qual eu fui da parte de inspetor para a parte de produção, onde eu iniciei o processo de estar atuando como sanitarista. Então, eu realizava essa ponte entre o frigorífico e o campo, fazendo esse elo. E, em consequência a isso, a gente veio melhorando as condições do desempenho dos suínos, através do bem-estar e da sanidade. Então, são dois aspectos que caminham juntos na produção do suíno”. ■

Marlon Vanderlei Weirich Papen,
Gerente de Suprimentos da Frimesa



SUPLEMENTAÇÃO MINERAL GANHA ESPAÇO NA BUSCA POR EFICIÊNCIA NA PECUÁRIA

COM VENDAS **4% MAIORES E AVANÇO DE 8%** NO NÚMERO DE ANIMAIS SUPLEMENTADOS, ASBRAM VÊ TECNOLOGIA E NUTRIÇÃO COMO VETORES DE PRODUTIVIDADE NO CAMPO

KEVIN NASCIMENTO

kevin@dc7comunica.com.br

O avanço da tecnologia no campo vem mudando a forma como o produtor brasileiro olha para a produtividade. Na pecuária, essa transformação também passa pela nutrição. O movimento ganhou destaque durante encontro promovido pela Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM), em julho, em São Paulo (SP), que reuniu associados, executivos e especialistas para discutir estratégias, gestão e perspectivas para o setor.

A programação percorreu temas que vão da inteligência artificial à capacitação comercial, liderança e planejamento tributário. Mais do que discutir ferramentas de gestão, porém, o encontro refletiu um momento de maior profissionalização da atividade pecuária e de busca por eficiência.

Na abertura, o presidente da ASBRAM, Rodrigo Miguel, definiu a reunião como “um projeto em construção”, pensado para apoiar as empresas associadas na revisão e consolidação de suas estratégias para o segundo semestre.

Em entrevista exclusiva à **Feed & Food**, Miguel avaliou positivamente o desempenho do primeiro semestre. Entre os principais indicadores apresentados pela entidade está o crescimento de 4% nas vendas de suplementos minerais das empresas associadas no primeiro quadrimestre.

O dado que mais chama atenção, contudo, está no número de animais suplementados. Segundo o executivo, houve crescimento de aproximadamente 8%, alcançando 68 milhões



Rodrigo Miguel, presidente da ASBRAM: “O pecuarista brasileiro está entendendo cada vez mais que produtividade não depende apenas de ter mais animais ou mais área, mas de produzir mais e melhor com os recursos disponíveis”

de cabeças. “Tivemos um mercado pecuário bastante aquecido e, principalmente, uma evolução importante na adoção de tecnologia e suplementação pelos produtores”, afirmou.

Para o presidente da ASBRAM, os números sinalizam uma mudança estrutural na mentalidade do produtor. A expansão da suplementação estaria relacionada a uma compreensão maior de que o aumento da produtividade não depende exclusivamente da ampliação do rebanho ou da área disponível. “O pecuarista brasileiro está entendendo cada vez mais que produtividade não depende apenas de ter mais animais ou mais área, mas de produzir mais e melhor com

os recursos disponíveis”, ressaltou.

Nesse cenário, segundo ele, a nutrição se consolida como uma das ferramentas para aumentar a eficiência da produção. “O melhor aproveitamento das pastagens e dos demais recursos disponíveis permite ao produtor buscar maior produtividade por animal e, consequentemente, mais eficiência na transformação do alimento em proteína”.

CAPITAL PARA INVESTIR. O avanço da suplementação ocorreu em um ambiente considerado favorável para a pecuária. De acordo com Miguel, os preços sustentados do boi, a demanda internacional aquecida e a capitalização do setor produtivo contribuíram para estimular investimentos. “Tivemos preços sustentados do boi, demanda internacional muito forte e um setor produtivo capitalizado e disposto a investir”, afirmou.

A combinação desses fatores ajudou a sustentar o desempenho do mercado de suplementos minerais no primeiro semestre. Para a ASBRAM, entretanto, o resultado mais relevante não está apenas no crescimento das vendas, mas na evolução da utilização das tecnologias disponíveis no campo.

O aumento de animais suplementados indica que soluções de nutrição vêm ganhando espaço dentro de uma estratégia mais ampla de eficiência produtiva. Em um cenário no qual o produtor busca extrair mais resultado dos mesmos recursos, a suplementação passa a integrar cada vez mais as decisões de manejo. ■

EPOTON

Solução injetável

ideatore

Hepatoprotetor e antitóxico

Mais proteção, desempenho e rentabilidade.

Quando intoxicações comprometem a saúde do animal, EPOTON auxilia na recuperação da função hepática, contribuindo para a eliminação de toxinas e para o retorno do vigor e da produtividade.

- » Auxilia na recuperação da função hepática.
- » Favorece a eliminação de toxinas do organismo.
- » Contribui para o vigor e desempenho dos animais.



www.biofarm.com.br
(16) 3209-3500 | 0800 702 3551

Consulte um médico-veterinário.

BIOFARM
Tecnologia em veterinária



EL NIÑO VOLTA AO RADAR E ACENDE ALERTA PARA A CADEIA DA PROTEÍNA ANIMAL

FENÔMENO CLIMÁTICO EM FORMAÇÃO DEVE INFLUENCIAR A PRODUÇÃO AGRÍCOLA, ELEVAR OS CUSTOS DA ALIMENTAÇÃO ANIMAL E PRESSIONAR PREÇOS AO CONSUMIDOR AO LONGO DE 2027

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

O retorno do El Niño ao cenário climático mundial já começa a mobilizar meteorologistas, economistas e representantes do agronegócio. Embora ainda esteja em fase de formação, o fenômeno desperta preocupação por seus efeitos sobre a produção agropecuária e pela capacidade de influenciar diretamente os custos da cadeia de proteína animal.

Conhecido por alterar o padrão das chuvas e das temperaturas em diferentes regiões do planeta, o El Niño tende a provocar excesso de precipitações na Região Sul do Brasil, períodos mais secos em parte do Norte e do Nordeste e temperaturas acima da média em praticamente todo o território nacional. Esses efeitos, entretanto, vão muito além das mudanças no clima. Eles podem afetar a produtividade agrícola, elevar os custos de produção e pressionar a inflação dos alimentos.

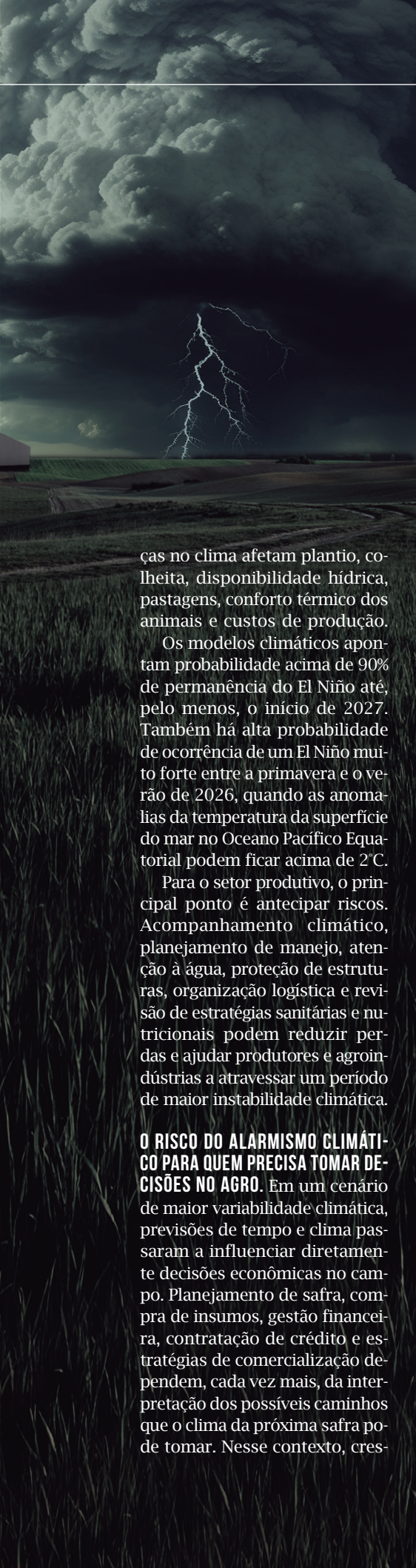
Para os setores de aves, suínos e bovinos, o principal ponto de atenção está justamente na produção de grãos. Milho e soja, principais componentes das rações utilizadas na alimentação animal, costumam ser os primeiros produtos a sentir os impactos das irregularidades climáticas. Quebras de safra ou redução da produtividade diminuem a oferta, elevam os preços e aumentam significativamente os custos dentro das granjas e confinamentos. O resultado é um efeito em cadeia que percorre toda a indústria da proteína animal até chegar ao consumidor final.

El Niño deve seguir influenciando o clima brasileiro ao longo do segundo semestre de 2026 e, pelo menos, até o início de 2027. O alerta consta no Boletim nº 1 no final de junho por órgãos nacionais oficiais de meteorologia, clima, gestão de riscos, recursos hídricos e defesa civil.

O documento foi elaborado em conjunto pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN), Serviço Geológico do Brasil (SGB) e Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (SEDEC).

Segundo o boletim, as condições observadas em junho mostram um padrão típico de El Niño, caracterizado por uma faixa de águas mais quentes em grande parte do Oceano Pacífico Equatorial. Próximo à costa da América do Sul, as anomalias de temperatura da superfície do mar superam 2°C.

Esse aquecimento influencia a circulação atmosférica e pode alterar o regime de chuvas e temperaturas em diferentes regiões do País. Para a agropecuária, o acompanhamento é importante porque mudan-



ças no clima afetam plantio, colheita, disponibilidade hídrica, pastagens, conforto térmico dos animais e custos de produção.

Os modelos climáticos apontam probabilidade acima de 90% de permanência do El Niño até, pelo menos, o início de 2027. Também há alta probabilidade de ocorrência de um El Niño muito forte entre a primavera e o verão de 2026, quando as anomalias da temperatura da superfície do mar no Oceano Pacífico Equatorial podem ficar acima de 2°C.

Para o setor produtivo, o principal ponto é antecipar riscos. Acompanhamento climático, planejamento de manejo, atenção à água, proteção de estruturas, organização logística e revisão de estratégias sanitárias e nutricionais podem reduzir perdas e ajudar produtores e agroindústrias a atravessar um período de maior instabilidade climática.

O RISCO DO ALARMISMO CLIMÁTICO PARA QUEM PRECISA TOMAR DECISÕES NO AGRO. Em um cenário de maior variabilidade climática, previsões de tempo e clima passaram a influenciar diretamente decisões econômicas no campo. Planejamento de safra, compra de insumos, gestão financeira, contratação de crédito e estratégias de comercialização dependem, cada vez mais, da interpretação dos possíveis caminhos que o clima da próxima safra pode tomar. Nesse contexto, cres-

ce também a responsabilidade sobre a forma como fenômenos climáticos são comunicados ao setor produtivo. O debate recente em torno de um possível “Super El Niño” para a safra 2026/2027 evidencia justamente os riscos de transformar projeções probabilísticas em certezas antecipadas.

Segundo Rodolfo Armando Pereira, especialista em agrometeorologia da Pícel, há evidências consistentes de formação de um evento de El Niño ao longo do segundo semestre de 2026. No entanto, ainda é prematuro afirmar que o Brasil enfrentará um “Super El Niño”. “Pela definição do ECMWF, esse cenário extremo ocorre quando as anomalias de temperatura da superfície do mar no Pacífico Equatorial superam +2 °C. Alguns modelos climáticos apontam nessa direção, mas os próprios centros meteorológicos internacionais ainda trabalham com elevada incerteza. A NOAA, por exemplo, atribui cerca de 36% de probabilidade para um evento dessa magnitude entre novembro e janeiro”, diz.

Pereira aponta que existe ainda um aspecto técnico pouco discutido fora do meio científico: as limitações inerentes à previsibilidade climática em horizontes mais longos. “Os cenários mais intensos projetados para o fenômeno concentram-se justamente no final do ano, um horizonte de previsão longo onde aumenta-se a incerteza. Soma-se a isso a chamada Spring Predictability Barrier, uma limitação reconhecida na modelagem do ENOS que reduz a confiabilidade das previsões iniciadas no outono para o hemisfério sul. Ignorar essas restrições cria uma percepção equivocada de precisão que a própria ciência não sustenta neste momento”, aponta.

Outro erro recorrente destacado por ele é transformar automaticamente um fenômeno climático global em impactos lineares sobre a produção agrícola. Na prática, os efeitos observados em campo dependem de uma interação muito mais complexa entre distribuição temporal das chuvas, variabilidade regional, características de solo e estratégias de manejo adotadas pelo produtor. “Embora o padrão climático do El Niño historicamente aumente a probabilidade de chuvas mais intensas no Sul do Brasil e de redução das precipitações

em partes do Norte e Nordeste, ainda não existem dados científicos que justifiquem afirmações categóricas sobre “chuvas catastróficas” ou “estiagem histórica” para a próxima safra”, afirma. “A discussão mais relevante para o setor deveria estar concentrada em mitigação de risco e adaptação produtiva. Pesquisadores da Embrapa destacam que, em cenários de excesso hídrico, preservar a palhada e evitar intervenções mecânicas que comprometam a estrutura do solo são medidas importantes para reduzir erosão e perdas operacionais. Já em condições de menor volume de chuva, a manutenção da cobertura vegetal torna-se ainda mais estratégica para conservação da umidade, enquanto o cultivo prévio de espécies com sistema radicular profundo favorece a infiltração da água no perfil do solo”, diz.

A escolha de cultivares mais tolerantes ao excesso ou à escassez hídrica também amplia a resiliência das lavouras. “Além disso, o escalonamento da semeadura reduz a exposição simultânea das áreas agrícolas aos períodos climáticos mais críticos. Nesse contexto, seguir as recomendações do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) continua sendo uma das ferramentas mais sólidas disponíveis para suporte à tomada de decisão no campo, independentemente da ocorrência de El Niño ou La Niña”, afirma.

EL NIÑO ACENDE ALERTA PARA A CADEIA LOGÍSTICA DO AGRONEGÓCIO E PRESSÃO NA INFRAESTRUTURA DE ARMAZENAGEM.

Quando o regime de chuvas se altera, o calendário agrícola se desorganiza e, com ele, o fluxo de insumos, movimentação portuária e a demanda por estocagem emergencial. Enchentes no Sul isolam regiões produtoras e encarecem o frete, assim como a seca nos rios da bacia amazônica trava o transporte hidroviário essencial para levar a produção aos portos de exportação.

Segundo Sergio Gallucci, Diretor Comercial e de Marketing da Tópico, o El Niño impacta a lavoura e reorganiza toda a logística do agronegócio. Ele destaca que quando o escoamento sofre uma paralização e os insumos precisam ser estocados com urgência, a procura por soluções flexíveis de armazenagem cresce de forma imediata. “A cadeia de fertili- ►

zantes é um exemplo direto desse impacto. O Brasil figura entre os maiores importadores mundiais do insumo, e requer estruturas de armazenagem nesse segmento que vem crescendo cerca de 15% ao ano. Alterações climáticas que afetam o plantio intensificam esse movimento, seja pelo estoque antecipado de insumos por precaução ou necessidade de acomodar volumes que não chegam a tempo de ser distribuídos”, destaca.

GRÃOS SÃO O ELO MAIS SENSÍVEL. A produção brasileira de proteína animal depende fortemente da disponibilidade de milho e farelo de soja. Em sistemas intensivos, especialmente na avicultura e na suinocultura, a alimentação representa entre 60% e 80% do custo total de produção.

Qualquer oscilação no mercado desses insumos repercute rapidamente na rentabilidade dos produtores.

Quando o El Niño altera o regime de chuvas, algumas regiões produtoras enfrentam excesso de precipitações durante períodos críticos do cultivo, enquanto outras registram estiagens prolongadas. Ambos os cenários reduzem o potencial produtivo das lavouras.

Caso a oferta diminua, os preços internacionais e domésticos dos grãos tendem a subir. Como consequência, fabricantes de ração precisam reajustar seus custos, que acabam sendo absorvidos, inicialmente, pelos produtores rurais. Em um primeiro momento, muitos sistemas produtivos operam com margens menores para evitar aumentos bruscos nos preços ao consumidor. Porém, se o período de custos elevados se prolonga, os reajustes tornam-se inevitáveis.

Segundo o engenheiro Guilherme Zílio, o impacto do calor sobre os grãos vai além da elevação da temperatura interna do silo. “Estudos fitossanitários da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) demonstram que o estresse térmico prolongado acelera a taxa respiratória da massa armazenada, intensificando o consumo de matéria seca pelo próprio grão. Esse processo biológico faz com que o grão consuma carboidratos de reserva para manter sua atividade metabólica. Isso reduz o peso efetivo da carga e aumen-

ta a geração de vapor d’água”, explica.

Essa liberação de calor metabólico dentro do silo, de acordo com o especialista, cria zonas localizadas de deterioração acelerada. O fenômeno favorece a formação de focos de fungos, fermentação e proliferação de insetos, comprometendo a qualidade física e o valor comercial final da mercadoria na hora da entrega.

A mudança climática também alterou a lógica tradicional da ventilação em armazéns. Em períodos de calor extremo, o acionamento indiscriminado de ventiladores pode introduzir ar quente e úmido para dentro da estrutura, agravando a instabilidade térmica da massa armazenada. “O desafio atual não é apenas movimentar ar, mas entender a condição psicrométrica ideal para cada momento operacional”, afirma Zílio. Nesse contexto, sistemas baseados em engenharia preditiva passaram a ganhar relevância ao cruzar dados de temperatura ambiente, umidade relativa e ponto de orvalho para definir o instante correto de ativação dos exaustores.

Para mitigar essas perdas financeiras diante do clima tropical, o gerenciamento de risco passou a exigir ferramentas projetadas especificamente para a realidade de alta temperatura e umidade das regiões agrícolas brasileiras. O monitoramento automatizado, que integra cabos de termometria de alta resolução a exaustores inteligentes, substitui as checagens manuais e cria uma barreira de engenharia preventiva contra o superaquecimento do silo.

IMPACTOS CHEGAM LENTAMENTE AO CONSUMIDOR. Diferentemente de outros choques econômicos, os efeitos do El Niño sobre os preços dos alimentos não costumam ser imediatos.

Existe um intervalo entre o impacto climático na lavoura, a redução da oferta de grãos, o aumento dos custos da alimentação animal, a produção das proteínas e a chegada dos produtos aos supermercados.

Por isso, embora o fenômeno esteja apenas se consolidando em 2026,

os maiores reflexos econômicos tendem a aparecer ao longo de 2027.

Estudos econômicos indicam que eventos de El Niño podem acrescentar entre 1 e 3,4 pontos percentuais à inflação de alimentos, dependendo da intensidade do fenômeno e das respostas dos mercados agrícolas.

Em situações extremas, como ocorreu durante o forte episódio registrado entre 2015 e 2016, esse impacto pode alcançar até 6,78 pontos percentuais, elevando significativamente os preços pagos pelas famílias brasileiras.

Carnes, leite, ovos e diversos alimentos processados tornam-se mais caros à medida que aumenta o custo da matéria-prima utilizada em sua produção.

ENERGIA TAMBÉM ENTRA NA EQUAÇÃO.

Os efeitos econômicos do El Niño não se restringem ao campo. As alterações no regime de chuvas também podem comprometer a geração de energia elétrica em determinadas regiões do país, especialmente quando reduzem os níveis dos reservatórios das hidrelétricas ou pro-

Rodolfo Armando Pereira,
especialista em
agrometeorologia da Pícsel



Foto: divulgação

vocam maior necessidade de acionamento de usinas termelétricas.

Essa mudança eleva o custo da eletricidade, aumentando as despesas de frigoríficos, fábricas de ração, incubatórios, granjas climatizadas, sistemas de irrigação, armazenagem refrigerada e unidades industriais.

Na cadeia da proteína animal, a energia elétrica ocupa papel estratégico. Ambientes climatizados são fundamentais para manter o bem-estar animal, especialmente na avicultura moderna, altamente dependente de controle ambiental. O aumento da conta de energia representa mais um componente de custo que reduz a competitividade da produção.

Além disso, custos maiores de eletricidade acabam sendo repassados para diferentes setores da economia, contribuindo para a inflação e reduzindo o poder de compra da população.

CLIMA EXIGE PLANEJAMENTO. Embora o El Niño costume ser associado apenas às mudanças no tempo, seus efeitos econômicos refor-

çam a importância do planejamento estratégico dentro das propriedades rurais e das agroindústrias.

Empresas que adotam políticas de gestão de risco, realizam compras antecipadas de insumos ou utilizam mecanismos de proteção de preços tendem a enfrentar melhor períodos de maior volatilidade.

O armazenamento adequado de grãos, contratos futuros, diversificação de fornecedores e investimentos em eficiência produtiva tornam-se ferramentas importantes para reduzir impactos financeiros.

Também cresce a relevância das tecnologias voltadas ao monitoramento climático. Informações meteorológicas cada vez mais precisas permitem antecipar decisões relacionadas ao plantio, colheita, logística e aquisição de matérias-primas.

Na produção animal, sistemas de ambiência, automação, ventilação e manejo térmico passam a desempenhar papel ainda mais importante durante períodos de temperaturas elevadas, reduzindo per-

das produtivas e preservando o desempenho zootécnico dos rebanhos.

BRASIL PODE ENFRENTAR IMPACTOS REGIONAIS DISTINTOS. Outro aspecto importante é que o El Niño não produz efeitos homogêneos em todo o território nacional. Enquanto estados do Sul podem enfrentar excesso de chuvas, dificuldades na colheita e aumento da incidência de doenças nas lavouras, parte do Centro-Oeste e do Mato-piba pode registrar redução das precipitações em fases importantes do desenvolvimento das culturas.

Essa diversidade de impactos exige acompanhamento constante das previsões climáticas e adaptação das estratégias produtivas conforme as características de cada região.

Para a pecuária de corte baseada em pastagens, por exemplo, alterações no regime hídrico podem afetar diretamente a disponibilidade de forragem, exigindo suplementação alimentar em períodos mais prolongados.

Na avicultura e na suinocultura, o desafio concentra-se principal- ►

Biochem
Feed Safety for Food Safety®

B.I.O.Sol

TECHNOspore
Powered by *Bacillus coagulans*

BCH Solutions

**Melhor Desempenho e Suporte
para a Saúde Intestinal na Avicultura**

Redução da desidratação aliada à
colonização precoce, promovendo alto
rendimento no desempenho inicial das aves.



mente na elevação dos custos das rações e na necessidade de maior controle ambiental das instalações.

MERCADO ATENTO AOS PRÓXIMOS MESES. Especialistas destacam que ainda é cedo para estimar a magnitude definitiva dos impactos econômicos do novo El Niño. A intensidade do fenômeno dependerá da evolução das temperaturas do Oceano Pacífico e da interação com outros sistemas climáticos ao longo dos próximos meses.

Entretanto, o histórico mostra que eventos dessa natureza costumam provocar oscilações importantes tanto na produção agrícola quanto nos mercados de commodities.

Para a cadeia brasileira de proteína animal, o momento exige monitoramento constante dos indicadores climáticos, atenção ao comportamento dos mercados de grãos e planejamento financeiro para enfrentar possíveis períodos de maior pressão sobre os custos.

Se as previsões se confirmarem, o consumidor deverá sentir os efeitos apenas gradualmente. Mas, ao longo de 2027, a combinação entre menor oferta agrícola, aumento dos custos da alimentação animal, despesas maiores com energia e reajustes na produção poderá exercer pressão significativa sobre os preços das carnes, dos ovos e de outros alimentos de origem animal.

Mais do que um fenômeno meteorológico, o El Niño representa um desafio econômico que atravessa toda a cadeia produtiva — do campo à mesa do consumidor —, reforçando a necessidade de estratégias de adaptação, gestão eficiente e maior resiliência em um setor cada vez mais dependente da previsibilidade climática.

RENTABILIDADE DESAFIA PECUÁRIA LEITEIRA EM CENÁRIO DE CUSTOS ELEVADOS E CLIMA INSTÁVEL. A pecuária leiteira superou 38 bilhões de litros em 2025, posicionando o Brasil entre os maiores produtores mundiais, mas é cada vez mais desafiador transformar volume em rentabilidade. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), o indicador de preço do leite cru pago ao produtor atingiu a média nacional de R\$ 2,66 por litro em abril



“A escassez de alimentos e água pode elevar os níveis de estresse, comprometendo o bem-estar e, por consequência, a saúde geral dos animais”. **Vanessa Amorim Teixeira**, médica-veterinária, mestre e doutora em zootecnia pela UFMG

deste ano (último dado disponível).

Embora o resultado represente melhora em relação aos meses anteriores, o valor ainda está abaixo dos R\$ 2,74 registrados em abril de 2025 e distante do recorde histórico de R\$ 3,57 por litro alcançado em julho de 2022, o maior patamar da série iniciada em 2004 e divulgada pelo órgão. Apesar da recuperação observada desde dezembro passado, as margens continuam pressionadas por custos operacionais elevados, desafios climáticos e necessidade constante de ganhos de eficiência dentro da porteira.

De acordo com Vanessa Amorim Teixeira, médica-veterinária, mestre e doutora em zootecnia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), isso significa que o desafio do produtor não é apenas produzir mais. Ele tem de produzir de forma (ainda) mais eficiente. Mesmo com o alívio recente nos custos de alguns insumos, como milho e soja, despesas com energia elétrica, mão de obra e suplementação alimentar continuam impactando as despesas e limitando a rentabilidade da atividade. “Da mesma forma, as condições climáticas exigem atenção: a formação do fenômeno El Niño, caracterizado pelo aquecimento acima da média da superfície do mar por um longo período, pode aumentar a temperatura e a irregu-

laridade das chuvas em algumas regiões do Brasil, afetando a formação das pastagens e elevando os custos com alimentação do rebanho”, destaca.

A especialista aponta que com a baixa disponibilidade e a menor qualidade das citadas pastagens, principal fonte de alimentação em muitos sistemas leiteiros, as vacas tendem a reduzir o consumo de nutrientes, impactando a produção de leite. “Além disso, a escassez de alimentos e água pode elevar os níveis de estresse, comprometendo o bem-estar e, por consequência, a saúde geral dos animais”, diz. “Como a rentabilidade da atividade leiteira depende cada vez mais da eficiência produtiva, o planejamento da propriedade e o uso eficiente dos recursos disponíveis se tornam cada vez mais importantes. Nesse sentido, o primeiro passo é investir no planejamento”, aponta. Isso inclui, segundo ela, elaborar estratégias para períodos de seca, garantir reservas alimentares, monitorar indicadores produtivos e econômicos e buscar maior eficiência no uso da terra, por meio do manejo adequado das pastagens, adoção do pastejo rotacionado, produção de forragem, controle rigoroso das despesas e foco em infraestrutura que aumente a produtividade por área.

Tecnologias voltadas para a gestão das pastagens e do rebanho podem gerar ganhos expressivos de produtividade e competitividade. O investimento em infraestrutura durável e de qualidade, como um cercamento estratégico, permite ampliar a eficiência do uso das pastagens e otimizar o manejo dos animais. “Essa estrutura possibilita a divisão das áreas em piquetes, o que favorece o controle do tempo de ocupação e descanso do pasto, contribui para a recuperação das forrageiras, amplia a capacidade de suporte da propriedade e reduz a dependência de suplementação alimentar externa, um dos principais custos da atividade. Com isso, a propriedade ganha maior estabilidade econômica, mesmo em cenários de preços desfavoráveis”, aponta. “Investimentos em infraestrutura de qualidade ajudam a construir sistemas mais resilientes, sustentáveis e preparados para os desafios do futuro”, conclui Vanessa Amorim Teixeira. ■

QUANDO SUSTENTABILIDADE TAMBÉM REDUZ CUSTOS

POR PEDRO BITTAR

Durante muito tempo, sustentabilidade e competitividade foram apresentadas como objetivos que caminhavam em direções opostas. A ideia era simples: produzir de forma mais sustentável significaria, inevitavelmente, aumentar custos. Felizmente, a reciclagem animal demonstra exatamente o contrário.

Todos os anos, a indústria brasileira processa cerca de 13,6 milhões de toneladas de subprodutos de origem animal, transformando esse material em aproximadamente 5,8 milhões de toneladas de farinhas e gorduras. É um trabalho realizado sob rigorosos controles sanitários, de rastreabilidade e de qualidade, que garante o aproveitamento seguro desses recursos e sua transformação em ingredientes de elevado valor nutricional.

Mas o aspecto que mais chama atenção talvez seja outro: sustentabilidade também pode ser uma excelente decisão econômica. Mais do que evitar desperdícios, a reciclagem animal é um dos exemplos mais consolidados de bioeconomia circular aplicada ao agronegócio, reinserindo nutrientes na cadeia produtiva de forma segura, eficiente e sustentável.

As farinhas e gorduras de origem animal concentram proteína, energia, aminoácidos essenciais e minerais altamente biodisponíveis, especialmente cálcio e fósforo, reduzindo inclusive a necessidade de suplementação com fontes minerais inorgânicas, em uma única matriz nutricional. Isso permite formular dietas mais eficientes e reduzir a dependência de ingredientes sujeitos à volatilidade do mercado internacional. Além disso, diferentemente das matérias-primas vegetais, esses ingredientes são naturalmente isentos de fatores antinutricio-

nais, favorecendo maior aproveitamento dos nutrientes pelos animais.

Os resultados aparecem de forma concreta. Na avicultura de corte, inclusões entre 3% e 8% de farinhas e gorduras de origem animal podem reduzir o custo da ração em até 6%. Para poedeiras e suínos, níveis entre 2,5% e 5% proporcionam economias que chegam a 5%, mantendo o desempenho produtivo e a qualidade nutricional das dietas.

Na aquicultura, dependendo da espécie e da formulação, esses ingredientes podem representar de 5% a 50% da composição das rações, contribuindo para melhor digestibilidade, conversão alimentar e desempenho zootécnico. Já no segmento pet, formulações com até 40% de farinhas e gorduras de origem animal contribuem para elevada palatabilidade, reduzindo a necessidade de realçadores artificiais de sabor, enquanto ainda favorecem a saúde da pelagem, da imunidade e da longevidade de cães e gatos.

Esses benefícios econômicos caminham lado a lado com ganhos ambientais. Cada tonelada de matéria-prima reaproveitada representa menos desperdício, melhor aproveitamento dos recursos disponíveis e menor pegada de carbono para toda a cadeia da proteína animal. Trata-se de uma lógica em que todos ganham: a indústria, o produtor, os animais, o consumidor e o meio ambiente.

Talvez esse seja o maior mérito da reciclagem animal. Mostrar que inovação, sustentabilidade e eficiência econômica não apenas podem caminhar juntas, como dependem uma da outra para responder aos desafios da produção de alimentos nas próximas décadas. ■

Pedro Bittar é presidente do Conselho Diretivo da ABRA





MOVIMENTO CENTRAL MINEIRA: A NOVA FRONTEIRA DA AGROPECUÁRIA SUSTENTÁVEL DO BRASIL

MINAS GERAIS SE DESTACA NA CRIAÇÃO DE OPORTUNIDADES E NA **MITIGAÇÃO DE RISCOS ECONÔMICOS E AMBIENTAIS**, COM PROTAGONISMO SINGULAR NA RELEVÂNCIA DA EXPANSÃO DA ECONOMIA NACIONAL

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A Embrapa Milho e Sorgo, em um contexto de desenvolvimento da ciência com propósito, fundamentou dados baseados em inteligência territorial estratégica e governança multissetorial integrada, para referendar o conceito Movimento Central Mineira. Para esse fim, elaborou o documento “Movimento Central Mineira: a nova fronteira agropecuária e agroindustrial do Brasil” em que comprova a potência do Estado de Minas Gerais no contexto nacional agropecuario e de conservação ambiental. O estudo científico aponta que Minas Gerais possui ativos estratégicos com significativa aptidão para o desenvolvimento econômico

sustentável. Esta pesquisa conceitua e delimita a identificação geográfica e metodológica adequada para a caracterização do Movimento Central Mineira (MCM), uma nova fronteira agropecuária e agroindustrial no Brasil.

O Decreto que instituiu a Política Estadual de Desenvolvimento Agrícola da Região Central Mineira foi assinado pelo governador de Minas Gerais, Mateus Simões no último mês de maio. A iniciativa tem a finalidade de promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável, a articulação interinstitucional e a integração entre a produção agropecuária e agroindustrial, a infraestrutura logística, a inovação tecnológi-

ca e a sustentabilidade ambiental.

De acordo com a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), o decreto anuncia a criação da Câmara Técnica da Região Central Mineira (CT-Central), no âmbito do Conselho Estadual de Política Agrícola (Cepa) e é considerado um marco para o planejamento territorial e para o desenvolvimento agropecuario do Estado. A proposta de trabalho inclui a integração do Estado e do setor produtivo, em que instituições públicas e privadas definirão ações estratégicas para o setor. Participam da Câmara Técnica a Embrapa Milho e Sorgo, as secretarias Seapa e a de Desenvolvimento



Mateus Simões, governador de Minas Gerais: "A assinatura desse Decreto é um compromisso do Governo do Estado, formalmente, de inaugurar um processo de diagnóstico e propostas para que nós possamos transformar essa região".

Econômico (Sede-MG) e o Sistema Faemg/Senar.

A análise dos quadros naturais e das dinâmicas de oportunidades para o Movimento Central Mineira foi construída com foco em cadeias produtivas de valor como grãos e proteína animal, que oferecem elementos para a sua delimitação territorial. O objetivo é oferecer suporte à formulação de políticas públicas e mobilizar parceiros para o uso nacional de recursos e o desenvolvimento econômico sustentável do eixo. Tudo baseado em pesquisa, desenvolvimento e inovação e inclusão sócio-produtiva.

Frederico Botelho, chefe-adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Milho e Sorgo, destacou que o Decreto é um marco para um movimento idealizado pela Embrapa, e uma condição essencial para a evolução planejada da Região Central Mineira é a união de instituições públicas e privadas que atuam como vetores de transformação social e territorial. "Nesse propósito, junto com a Embrapa, integram o movimento o Sistema Faemg/Senar e o governo de Minas Gerais", comentou.

MAPEAMENTO DE AÇÕES E METAS. O mapeamento de ações e metas foi realizado em diferentes frentes, que estão detalhadas no documento Movimento Central Mineira: a nova fronteira agropecuária e agroindustrial do Brasil. Entre elas a orientação estratégica por eixos territoriais e cadeias de valor a partir de um Sistema de Inteligência Territorial Estratégica. O estudo abrange ainda o fomento e o financiamento às ações de Pesquisa e Desenvolvimento de novas tecnologias e processos, as ações de assistência técnica e de transferência de conhecimentos e tecnologias, e estudos de créditos, políticas setoriais e inclusão digital, energética e socioprodutiva.■

Fotos: banco de imagens F&F e divulgação

Selko® Alpha

É via água que começa o melhor desempenho



Suporte à digestão

Reduz o pH gástrico e suporta a digestão, com efeito positivo sobre a absorção de nutrientes.



Balanço microbiano

Contribui para a qualidade microbiológica da água e do trato gastrointestinal, reduzindo o risco de disbioses.



Animais de alto desempenho

Ao melhorar a digestão, a qualidade intestinal e equilibrar a microbiota, os animais atingem o seu máximo potencial.

SAC: 0800 779 1600

www.trouwnutrition.com.br

[@trouwnutritionbrasil](https://www.facebook.com/trouwnutritionbrasil)

trouw nutrition
a Nutreco company

SAÚDE INTESTINAL COMO FUNDAMENTO DA EFICIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE PRODUTIVA

POR JULIO CONEGUNDES

Na produção de monogástricos, a eficiência começa no trato gastrointestinal. Um intestino funcional precisa reunir três condições essenciais: microbiota equilibrada, mucosa íntegra e capacidade eficiente de digestão e absorção.

Quando esse equilíbrio é rompido, parte dos nutrientes deixa de ser direcionada ao crescimento e passa a sustentar respostas inflamatórias e processos de reparação tecidual.

MICROBIOTA EQUILIBRADA COMO PRIMEIRA LINHA DE DEFESA. Entre essas soluções está B-Act®, probiótico composto por esporos viáveis de *Bacillus licheniformis*. A forma esporulada confere estabilidade durante o armazenamento, o processamento da ração e a passagem pelo trato gastrointestinal.

No intestino, a cepa atua por exclusão competitiva, ocupando sítios de adesão e competindo por nutrientes com microrganismos potencialmente patogênicos. Também produz lichenidina, peptídeo antimicrobiano associado à inibição de *Clostridium perfringens*. Esse mecanismo é relevante diante da enterite necrótica em aves e dos desequilíbrios entéricos que comprometem o desempenho dos suínos.

Em estudo com frangos submetidos a desafio por *Eimeria maxima* e *C. perfringens*, essa estratégia elevou o ganho de peso, melhorou a conversão alimentar e reduziu a mortalidade, resultados que

demonstram como a modulação da microbiota pode preservar o desempenho mesmo sob elevada pressão entérica.

BUTIRATO PRODUZIDO NO LOCAL DE AÇÃO. TopGut® amplia essa abordagem ao fornecer esporos viáveis de *Clostridium butyricum*. Esses esporos alcançam as porções finais do trato gastrointestinal, onde encontram condições adequadas para germinar e produzir butirato diretamente no local de ação.

A produção local de butirato auxilia na redução do oxigênio disponível no lúmen intestinal. Isso torna o ambiente menos favorável à multiplicação de *Salmonella*, que se beneficia de condições de maior oxigenação. Em frangos e leitões, estudos demonstraram aumento significativo da concentração de butirato no ceco após o uso dessa estratégia.

SUPORTE AOS DESAFIOS ESPECÍFICOS DE CADA ESPÉCIE. Na avicultura, Clarity-Q® oferece um extrato padronizado e encapsulado de *Quillaja saponaria*. As saponinas interagem com componentes das membranas de protozoários e bactérias, além de contribuírem para a modulação da resposta imune.

Os processos de extração e encapsulamento padronizam os compostos ativos e favorecem sua liberação ao longo do trato intestinal. A solução foi desenvolvida para complementar programas nutricionais, especialmente em períodos de maior pressão de coc-

cidiose, apoiando a integridade intestinal e a regularidade do desempenho.

Na suinocultura, Flavomycin® atua predominantemente no lúmen gastrointestinal, auxiliando no manejo seletivo da microbiota. Sua ação sobre microrganismos como *Salmonella spp.* e *Escherichia coli*, com preservação de grupos bacterianos benéficos, favorece o aproveitamento da dieta, o ganho de peso e a eficiência alimentar.

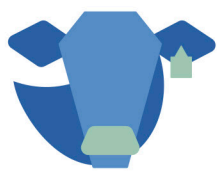
PRECISÃO PARA PRODUZIR COM MAIOR PREVISIBILIDADE. A saúde intestinal não depende de uma única ferramenta. A estratégia mais consistente considera a espécie, a fase produtiva, a dieta, o ambiente e a pressão sanitária de cada sistema.

Com soluções voltadas à modulação da microbiota, à proteção da mucosa e ao controle de desafios entéricos, a Huvepharma® contribui para uma produção mais eficiente, previsível e responsável.

Proteger o intestino significa transformar melhor os nutrientes em desempenho, reduzir perdas e sustentar resultados ao longo de todo o ciclo produtivo. ■

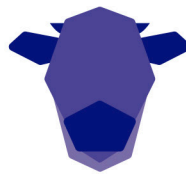
Julio Conegundes,
Gerente
Comercial da
Huvepharma
Brasil





15º SIMPÓSIO
BRASIL SUL DE
**BOVINOCULTURA
DE LEITE**
10ª BRASIL SUL
MILK FAIR

15
ANOS



5º FÓRUM
BRASIL SUL DE
**BOVINOCULTURA
DE CORTE**

SIMPÓSIO BRASIL SUL DE BOVINOCULTURA DE LEITE

Três dias de conhecimento,
atualização técnica e conexão
com os principais profissionais
e empresas da cadeia leiteira.

Participe!



**06 A 08 DE
OUTUBRO
DE 2026**



CENTRO DE
CULTURA
E EVENTOS
PLÍNIO ARLINDO
DE NES, EM
CHAPECÓ/SC


NUCLEOVET
Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas/SC

55
ANOS

VOXBRASIL.COM.BR

PROJETO INÉDITO PREVÊ MOVIMENTAÇÃO DE R\$ 24 MILHÕES COM INCLUSÃO DO LEITE EM AÇÕES SOCIAIS

IDEALIZADO PELO SETOR PRODUTIVO, **PROGRAMA DE SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR** ENTRA EM FASE PILOTO PARA BENEFICIAR, NO ÁPICE, 120 MIL PESSOAS EM CAMPO GRANDE (MS)

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, deu um passo decisivo no avanço da Lei Municipal nº 7.603. No último mês de maio, representantes do setor produtivo e da Semades (Secretaria Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Econômico), iniciaram a fase de regulamentação do Programa Municipal de Suplementação Alimentar com Leite e Derivados Frescos. O projeto idealizado pelo Núcleo Girolando MS e articulada na Câmara Municipal pelos vereadores Salineiro e Papi, projeta injetar R\$ 24,6 milhões na economia municipal através do fomento à produção local. O pontapé inicial ocorre ainda este ano, em formato piloto.

O programa foca diretamente no pequeno e médio produtor de Campo Grande, perfil que compõe a base da bacia leiteira local com uma produção média de aproximadamente 100 litros por dia. O projeto prevê beneficiar entre 130 e 140 produtores rurais, podendo aumentar no período de seca, onde a produção cai mais de 50%, garantindo a eles uma renda bruta anual de aproximadamente R\$ 106.200,00. Essa previsibilidade busca mitigar as diferenças regionais e fortalecendo a pecuária leiteira.

O plano inicial prevê o atendimento

a duas escolas e dois centros de idosos, que serão formalmente eleitos pela Semades. Embora o cronograma exato e as instituições beneficiadas ainda não tenham sido definidos, o foco do comitê organizador é colocar a estrutura em funcionamento nos próximos meses. A estratégia de começar pequeno visa garantir que o modelo seja testado de forma assertiva antes de ganhar escala.

“Nosso objetivo imediato é verificar o potencial de consumo desse público para, então, darmos passos firmes. Queremos construir a base para que, em 2027, possamos expandir o projeto de forma bem mais robusta, buscando atender a maioria das escolas, o público da terceira idade e as pessoas em situação de extrema vulnerabilidade. Vamos trabalhar esse passo a passo de forma muito próxima entre a indústria e os produtores locais, cientes da complexidade logística e estrutural do projeto”, explica o presidente do Núcleo, Alessandro Coelho.

A rapidez na tramitação e validação da lei, foi classificada como um marco na celeridade de proposições que visam eficiência e governança na gestão pública. Para o Chefe da Assessoria Técnica da Semades, Oto Cândido, o momento atual é de diagnóstico minucioso para garantir a segurança jurídica e operacional do programa. “Es-

sa reunião faz parte de uma etapa primordial de levantamento de dados e escuta das entidades do setor, para compreendermos melhor a realidade da cadeia produtiva do leite em Campo Grande. A partir desse diagnóstico, poderemos avançar com mais segurança nas próximas etapas, inclusive na regulamentação da legislação, garantindo que as ações sejam construídas com base na realidade dos produtores, com viabilidade técnica, jurídica e operacional”, destaca Oto.

A meta de atendimento da lei estipula o alcance de 120 mil pessoas. Um dos diferenciais do projeto está na associação do leite ao mel de abelha floral. O ingrediente substituirá os açúcares industriais e refinados na merenda, atuando como um potencializador natural de energia para o aprendizado e aprimorando a qualidade nutricional das refeições oferecidas pelo município. ■





O FORTALECIMENTO DA PECUÁRIA BRASILEIRA PASSA PELA INTEGRAÇÃO DE DIFERENTES AGENDAS

ANA DORALINA MENEZES

A pecuária brasileira atravessa um momento decisivo. À medida que a demanda global por alimentos cresce e os mercados ampliam sua atenção para aspectos relacionados à origem da produção, eficiência e sustentabilidade, o setor também avança na construção de soluções capazes de fortalecer sua competitividade sem perder de vista a diversidade dos sistemas produtivos existentes no país. Mais do que atender expectativas externas, esse movimento representa uma oportunidade para agregar valor à atividade e impulsionar seu desenvolvimento de forma consistente.

Essa perspectiva permeou as discussões do 6º Fórum da Pecuária Sustentável, realizado nos dias 2 e 3 de julho, em Mato Grosso do Sul. Ao reunir produtores, empresas, instituições financeiras, pesquisadores, organizações da sociedade civil e representantes do poder público, o encontro evidenciou que os principais desafios da cadeia não podem ser tratados de forma isolada. Pelo contrário, produtividade, sustentabilidade, inclusão produtiva e acesso a mercados fazem parte de uma mesma agenda, construída a partir da cooperação entre os diferentes elos do setor.

Um dos pontos recorrentes ao longo da programação foi o reconhecimento de que o produtor rural é protagonista dessa transformação, mas não cabe somente a ele está conduzindo. A construção de uma pecuária mais preparada para o futuro depende de um ambiente favorável, que combine assistência técnica, políticas públicas, instrumentos financeiros, inovação e compartilhamento de respon-

sabilidades, permitindo que as boas práticas sejam ampliadas em diferentes regiões e realidades produtivas.

Essa visão ficou evidente já no Dia de Campo, realizado na Fazenda Gabinete. As experiências apresentadas mostraram que eficiência produtiva está diretamente relacionada à gestão da propriedade, ao planejamento e à correta aplicação de processos. Em vez de associar sustentabilidade exclusivamente à incorporação de novas tecnologias, as discussões demonstraram que o uso estratégico das ferramentas já disponíveis pode gerar ganhos expressivos de produtividade e contribuir para o melhor aproveitamento das áreas produtivas, fortalecendo iniciativas voltadas à recuperação de pastagens e à intensificação sustentável da produção.

Ao longo dos debates, outro aspecto ganhou destaque: ampliar a competitividade da pecuária brasileira também passa por criar condições para que mais produtores possam participar desse processo. Os participantes defenderam que construir caminhos para a regularização e a reinserção de produtores nos mercados formais significa fortalecer toda a cadeia, desde que esse avanço esteja fundamentado em segurança jurídica, orientação técnica, recursos e acompanhamento contínuo. A inclusão produtiva, nesse contexto, foi apresentada como uma estratégia capaz de gerar benefícios econômicos, sociais e ambientais.

A mesma lógica se aplica à rastreabilidade. Durante o Fórum, representantes dos diferentes segmentos da cadeia destacaram que seu potencial vai muito além do atendimento às exigências comerciais. Quando integrada

à gestão das propriedades, ela contribui para organizar informações, comprovar a origem da produção, ampliar a transparência e fortalecer a confiança entre produtores, indústria, varejo e consumidores. Mais do que uma obrigação, trata-se de uma ferramenta que gera valor e cria novas oportunidades para a pecuária brasileira.

Outro consenso construído ao longo do encontro foi a importância de produzir evidências capazes de demonstrar os diferenciais da produção nacional. O fortalecimento de métricas adaptadas à realidade da pecuária tropical, aliado ao uso de dados e à valorização da ciência, foi apontado como um passo essencial para ampliar o reconhecimento das boas práticas desenvolvidas no campo e fortalecer a posição do Brasil nos mercados nacional e internacional.

Mais do que reunir diferentes segmentos da cadeia, o 6º Fórum da Pecuária Sustentável demonstrou que as agendas que moldam o futuro da atividade são complementares. Recuperar áreas produtivas, ampliar a rastreabilidade, fortalecer a inclusão de produtores, investir em assistência técnica, acesso a recursos e aprimorar os mecanismos de gestão fazem parte de um mesmo processo de transformação.

À medida que essas iniciativas avançam de forma integrada, a pecuária brasileira amplia sua capacidade de produzir com eficiência, gerar valor para toda a cadeia e responder aos desafios de um setor cada vez mais dinâmico. Consolidar esse caminho depende da continuidade do diálogo e da construção coletiva de soluções. ■

Ana Doralina, presidente da Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável



MOSCA-DOS-ESTÁBULOS VOLTA A PREOCUPAR SETOR SUCROPECUÁRIO NO INÍCIO DA SAFRA 2026

O PROBLEMA TENDE A SE INTENSIFICAR NESTA ÉPOCA DO ANO, **ESPECIALMENTE EM REGIÕES ONDE HÁ PROXIMIDADE ENTRE LAVOURAS DE CANA E ÁREAS DE PECUÁRIA**, COMBINAÇÃO QUE FAVORECE O CICLO DE PROLIFERAÇÃO DA PRAGA E AMPLIA SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

Com o avanço da safra de cana-de-açúcar em 2026, um velho desafio volta ao centro das atenções de produtores rurais e usinas: o aumento da população da mosca-dos-estábulos (*Stomoxys calcitrans*).

O problema tende a se intensificar nesta época do ano, especialmente em regiões onde há proximidade entre lavouras de cana e áreas de pecuária — uma combinação que favorece o ciclo de proliferação da praga e amplia seus impactos econômicos.

Taciany Ferreira, bióloga e doutora em monitoramento para controle de

Stomoxys calcitrans nas proximidades de usinas sucroalcooleiras, com mais de 20 anos de atuação no setor, explica que, embora o período de plantio seja frequentemente associado ao aumento da infestação, o principal fator desencadeador está ligado ao início da moagem da cana. “Esse processo gera grandes volumes de vinhaça, subproduto utilizado como fertilizante nos canaviais. Para cada litro de etanol produzido, são gerados entre 10 e 12 litros de vinhaça, que, ao ser aplicada sobre a palhada, cria um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento da mosca”, explica.

A mistura de matéria orgânica em decomposição com alta umidade forma o substrato ideal para a postura de ovos e desenvolvimento das fases imaturas do inseto. “Com isso, áreas de canaviais passam a funcionar como grandes criadouros, impulsionando rapidamente o crescimento populacional da praga”, explica.

A especialista explica que durante a entressafra, a mosca-dos-estábulo se mantém em níveis mais baixos, concentrada principalmente em áreas de pecuária. No entanto, com o início da aplicação de vinhaça, há uma migração significativa para os



canaviais, onde encontram condições ideais para reprodução. “Após emergirem, os insetos adultos retornam às áreas com presença de animais, já que dependem de sangue para sobreviver, reforçando o ciclo entre agricultura e pecuária”, diz. “Esse fluxo constante entre lavoura e rebanho é um dos principais fatores que explicam a ocorrência de surtos, especialmente em regiões do Centro-Sul do Brasil. Estados como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul concentram tanto a produção sucroenergética quanto a pecuária intensiva, o que amplia o risco de infestação”, aponta.

Além da disponibilidade de substrato, condições climáticas típicas do início do ano, como aumento das chuvas e temperaturas elevadas, aceleram o ciclo biológico da mosca e elevam a taxa de sobrevivência das larvas. Esse cenário cria um ambiente propício para explosões populacionais em curto espaço de tempo, detalha Taciany.

IMPACTOS DIRETOS NA PECUÁRIA. A mosca-dos-estábulo é um inseto hematófago, ou seja, alimenta-se de sangue. Suas picadas são dolorosas e causam intenso estresse nos animais. “Em situações de alta infestação, o comportamento do rebanho muda significativamente: os bovinos passam a se alimentar menos, se movimentam constantemente para tentar se livrar dos insetos e tendem a se agrupar ou buscar abrigo em áreas sombreadas”, diz Taciany Ferreira.

Ela aponta que essas alterações comportamentais resultam em prejuízos produtivos importantes. “Entre os principais impactos estão a redução no ganho de peso em bovinos de corte, queda na produção de leite e piora na eficiência alimentar. O estresse contínuo também pode comprometer a reprodução, afetando taxas de prenhez e o desempenho reprodutivo geral”, afirma.

Estudos indicam que níveis relativamente baixos de infestação já são suficientes para gerar perdas significativas. A presença de cerca de 10 moscas por pata pode causar redução de até 0,5 kg no ganho de peso diário por animal. Em um período de três meses, isso pode representar uma perda acumulada superior a ►

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO

A picada dolorosa provoca forte estresse nos animais, levando a alterações comportamentais significativas, como:



Redução do tempo de pastejo.



Agitação constante (movimentação da cabeça em direção as patas, batimento de patas e cauda, agrupamento).



Afugentamento para matas na tentativa de evitar o ataque.

Como consequência, ocorrem prejuízos produtivos relevantes, incluindo:



Redução no ganho de peso em bovinos de corte.



Queda na produção de leite.



Piora na eficiência alimentar.

Além disso, o estresse contínuo pode impactar negativamente a reprodução, com possíveis reflexos em taxa de prenhez e desempenho reprodutivo. Em situações mais severas, pode haver perda de condição corporal e maior suscetibilidade a outras enfermidades.



AÇÕES PRIORITÁRIAS

1 Escarificação da palhada antes da aplicação de vinhaça, promovendo a incorporação da palha e reduzindo a formação de microambientes favoráveis ao desenvolvimento das formas imaturas.

2 Aplicação preventiva de inseticidas reguladores com baixa toxicidade nos talhões, com o objetivo de tratar a área antes da entrada da vinhaça, atuando diretamente na fase mais sensível do ciclo da praga.

3 Realizar a aplicação de vinhaça de forma criteriosa, evitando excesso e acúmulo sobre a palhada, especialmente em condições de alta umidade.

4 Evitar o acúmulo de resíduos orgânicos (palhada úmida, torta de filtro, vazamentos e empoçamentos de vinhaça) em camadas espessas e mal manejadas.

5 Monitorar áreas críticas, principalmente aquelas próximas a propriedades pecuárias.

Além disso, a integração entre usinas e produtores rurais é fundamental para o sucesso das medidas preventivas, permitindo alinhamento de práticas e atuação antecipada em possíveis focos.

EM ÁREAS PECUÁRIAS

 Intensificar o monitoramento da infestação nos animais.

 Adotar medidas de manejo para reduzir o estresse do rebanho, como limpeza dos locais com acúmulo de dejetos e resíduos alimentares.

 Implementar estratégias de controle quando necessário, de forma planejada e não apenas reativa, como adoção de armadilhas de controle.

De forma geral, a prevenção está diretamente ligada à redução da oferta de substrato adequado para o desenvolvimento das formas imaturas, sendo essa a estratégia mais eficaz para evitar surtos populacionais.

Fonte: Taciany Ferreira

50 kg por bovino. “Na pecuária leiteira, o impacto também é relevante. Vacas expostas a infestações moderadas podem apresentar queda na produção diária de leite, afetando diretamente a rentabilidade da atividade. Além disso, o comportamento de defesa dos animais — como agitação e agrupamento — intensifica o estresse térmico, agravando ainda mais as perdas produtivas”, detalha.

PREJUÍZOS ECONÔMICOS E DESAFIOS NO CONTROLE. Os efeitos da infestação vão além da queda na produtividade. Os produtores também enfrentam aumento de custos com medidas emergenciais de controle, como uso de inseticidas, reforço de manejo e necessidade de mão de obra adicional. “Em casos mais graves, pode haver desvalorização do rebanho e prejuízos expressivos em curto prazo. “Outro desafio crescente é a resistência da mosca a determinados produtos químicos, resultado do uso intensivo e, muitas vezes, inadequado de inseticidas. Esse cenário tem levado especialistas a reforçar a importância de estratégias mais sustentáveis e integradas de controle”, afirma.

PREVENÇÃO É A PRINCIPAL ESTRATÉGIA. Diante desse cenário, o consenso técnico é claro: o controle da mosca-dos-estábulo deve ser preventivo, e não reativo. A adoção de boas práticas de manejo é considerada a forma mais eficaz de reduzir o risco de surtos.

Entre as principais medidas recomendadas por Taciany Ferreira está o manejo adequado da palhada antes da aplicação de vinhaça, por meio da escarificação, que ajuda a incorporar o material orgânico ao solo

e reduzir a formação de criadouros. “Também é fundamental evitar o excesso de vinhaça e o acúmulo de resíduos orgânicos em condições de alta umidade. O monitoramento constante das áreas críticas, especialmente aquelas próximas a propriedades pecuárias, é outro ponto-chave. A identificação precoce de focos permite intervenções mais rápidas e eficientes, evitando que a população da praga atinja níveis críticos”, afirma.

Nas propriedades pecuárias, recomenda-se intensificar a observação dos animais e adotar medidas que reduzam o estresse, como limpeza de áreas com acúmulo de dejetos e uso de estratégias de controle planejadas. “A integração entre usinas e produtores rurais também é essencial. A atuação coordenada entre os diferentes elos da cadeia produtiva aumenta a eficácia das ações preventivas e reduz o risco de disseminação da praga”, explica.

INOVAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS. Além das práticas tradicionais, novas tecnologias vêm ganhando espaço no combate à mosca-dos-estábulo. O controle biológico, por exemplo, tem sido alvo de pesquisas que investigam o uso de organismos naturais — como fungos, bactérias e ácaros — para atuar nas fases imaturas do inseto, detalha Taciany. “Outra tendência é o uso de ferramentas digitais para monito-

Taciany Ferreira, bióloga e doutora em monitoramento para controle de *Stomoxys calcitrans*: “O controle da mosca-dos-estábulo deve ser preventivo, e não reativo. A adoção de boas práticas de manejo é considerada a forma mais eficaz de reduzir o risco de surtos”

ramento populacional. Aplicativos com inteligência artificial já permitem a contagem automática de moscas e a identificação de áreas de risco, possibilitando uma gestão mais precisa e baseada em dados”, afirma. “Essas inovações representam uma mudança de paradigma, transformando o controle da praga de uma ação emergencial para uma estratégia preventiva e orientada por informação”, diz

ATENÇÃO REDOBRADA NESTE PERÍODO DO ANO. Com o avanço da safra e o aumento das aplicações de vinhaça, especialistas reforçam que este período do ano é decisivo para o controle da mosca-dos-estábulo. A adoção antecipada de medidas preventivas pode evitar prejuízos significativos e garantir maior eficiência produtiva tanto na agricultura quanto na pecuária. “Mais do que uma questão pontual, o controle da praga exige planejamento, monitoramento contínuo e integração entre setores. Em um cenário de produção cada vez mais intensiva, a gestão adequada desse risco se torna um diferencial estratégico para o campo brasileiro”, afirma. ■



NELORE MOSTRA QUE PRODUZIR COM QUALIDADE É O ÚNICO CAMINHO PARA A PECUÁRIA

PROJETO DA ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL (ACNB) TEM **ENTREVISTAS SEMANAIS COM CRIADORES, DIRIGENTES E PERSONALIDADES DO AGRONEGÓCIO** NO SPOTIFY E YOUTUBE DA ENTIDADE

POR VICTOR PAULO SILVA MIRANDA

Os resultados da pecuária no Brasil mostram que estamos no caminho certo, mas também deixam claro que os desafios aumentaram. Em 2025, o Brasil registrou um novo recorde nas exportações de carne bovina, com 3,5 milhões de toneladas embarcadas para 177 países, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). É uma conquista importante, que mostra a força da nossa produção. Entretanto, isso também traz mais responsabilidade para quem está dentro da porteira. Quanto mais espaço a carne brasileira conquista no mundo, maior é a cobrança por qualidade.

Essa mudança tem transformado a forma como enxergamos a pecuária. Se, há alguns anos, investir em genética, manejo e eficiência era visto como um diferencial, agora esses fatores passaram a ser indispensáveis. Quem pretende permanecer competitivo precisa entregar um produto cada vez mais alinhado às demandas da indústria e, principalmente, dos consumidores, que buscam carne de qualidade, produzida com responsabilidade.

Essa evolução não aconteceu por acaso. Ela é fruto de um trabalho realizado por produtores, técnicos da área, pesquisadores e entidades que acreditam na melhoria dos sistemas de produção. A raça Nelore ocupa um papel de destaque nisso tudo. Ao longo das últimas décadas, a seleção genética permitiu avanços em características como fertilidade, ganho de peso, rendimento de carcaça, marmoreio e precocidade, tornando

o Nelore um dos grandes responsáveis pela competitividade da pecuária.

Só que a qualidade não se constrói apenas no discurso. Ela precisa ser medida, comparada e aperfeiçoada. É exatamente esse o intuito do Circuito Nelore de Qualidade, iniciativa da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), que se destaca como o maior campeonato de avaliação de carcaças bovinas do mundo.

Os números da edição de 2025 mostram a dimensão desse trabalho. Ao longo do ano, foram avaliados 49.700 animais em etapas realizadas em 12 estados brasileiros, além do Paraguai e da Bolívia. Ao todo, 388 pecuaristas participaram da iniciativa. O Circuito ainda registrou dois recordes históricos. O primeiro em Diamantino (MT), com 5.908 animais avaliados, e, logo depois, em Mozarlândia (GO), onde 6.650 bovinos passaram pela avaliação. Para este ano de 2026, nossa expectativa é superar os resultados: em sete etapas de um total de 38, já analisamos cerca de 6 mil carcaças.

Esse é um dos maiores avanços da pecuária nos últimos anos. O produtor deixou de olhar apenas para o volume produzido e passou a enxergar valor nos indicadores que impactam a rentabilidade da fazenda. Hoje, entender

o desempenho das carcaças, acompanhar índices e investir em genética são medidas que fazem parte da gestão.

O Nelore tem demonstrado, ano após ano, que está preparado para responder a esse desafio. Tenho certeza de que esse movimento continuará nos próximos anos. A competitividade da pecuária dependerá, cada vez mais, da capacidade de produzir animais superiores e de utilizar informações para orientar decisões dentro da fazenda. O Circuito Nelore de Qualidade mostra que esse caminho já está sendo percorrido por centenas de produtores, e os resultados comprovam que investir em qualidade gera retorno. ■

Victor Paulo Silva Miranda, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB)



A FORÇA DA PISCICULTURA BRASILEIRA DIANTE DE UM MERCADO EM TRANSFORMAÇÃO

A piscicultura brasileira concluiu o primeiro semestre de 2026 em um cenário de crescimento do mercado interno e expectativas favoráveis para a segunda metade do ano. O consumo de peixes de cultivo permaneceu aquecido nos três primeiros meses, impulsionado pela Quaresma e pela Semana Santa.

Ao mesmo tempo, o setor enfrentou desafios relacionados às importações, ao mercado internacional e a questões regulatórias, mas espera um ambiente mais equilibrado nos próximos meses.

A tilápia, responsável por aproximadamente 70% da produção nacional, manteve sua liderança como a espécie mais consumida pelos brasileiros. Entre os peixes nativos, o tambaqui continuou entre as principais escolhas dos consumidores, reforçando a consolidação da piscicultura como uma importante fornecedora de proteína animal.

Porém, é importante pontuar que após um primeiro trimestre bastante positivo, o mercado da tilápia perdeu ritmo no segundo trimestre. A desaceleração sazonal do consumo com a chegada do inverno coincidiu com o crescimento das importações de pescado do Vietnã, aumentando a oferta

e pressionando os preços pagos aos produtores. Esse movimento reduziu a rentabilidade em parte da cadeia produtiva e repetiu um comportamento observado em anos anteriores.

Apesar desse cenário, as perspectivas para o segundo semestre são otimistas. Historicamente, o consumo de peixes aumenta a partir do fim do terceiro trimestre, acompanhando a elevação das temperaturas, especialmente nas regiões Sul e Sudeste.

Além disso, medidas adotadas por estados como Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco para restringir a comercialização da tilápia importada do Vietnã tendem a reduzir a pressão sobre o mercado interno e favorecer a recuperação gradual dos preços ao produtor.

No recorte do mercado externo, o primeiro semestre foi marcado por cautela. Embora a piscicultura brasileira tenha ampliado os embarques para o Canadá e avançado nas negociações com novos mercados, as alterações nas tarifas aplicadas pelos Estados Unidos limitaram o desempenho esperado das exportações.

A expectativa é de que, com maior estabilidade nas relações comerciais

internacionais, o setor volte a ampliar seus volumes exportados ao longo da segunda metade do ano.

Como principais acontecimentos nesse período, a atividade acompanhou importantes debates regulatórios, entre eles a inclusão do tambaqui na lista federal de espécies em risco de extinção e a discussão sobre a inclusão da tilápia Lista Nacional Oficial de Espécies Exóticas Invasoras.

Contudo, mesmo diante dos desafios enfrentados nos primeiros seis meses de 2026, o consumo interno continua em trajetória de crescimento, a cadeia produtiva segue investindo em eficiência e competitividade e os custos de produção apresentam maior estabilidade em comparação aos últimos anos.

Diante desse cenário, a expectativa é de recuperação dos preços da tilápia, possibilidade de retomada das exportações e maior equilíbrio entre oferta e demanda. Ou seja, a piscicultura brasileira reúne condições para encerrar 2026 mantendo o ciclo de crescimento observado ao longo da última década e ampliando sua participação na produção nacional de proteína animal. ■



// 3ª Edição //



EM PARALELO COM



2
EVENTOS
SIMULTÂNEOS

14-16

SETEMBRO
2027

EXPO CENTER NORTE
SÃO PAULO, BRASIL

EVENTO EXCLUSIVO DE EQUIPAMENTOS PARA **PROCESSAMENTO DE GRÃOS PARA FÁBRICAS DE RAÇÃO**

Principal ponto de encontro da **indústria de grãos**, reunindo as mais recentes inovações, tecnologias e soluções voltadas para toda a cadeia produtiva. Desde o **trigo, arroz, soja e milho** que saem das fazendas até os produtos finais que chegam ao consumidor.

PERFIL DO EXPOSITOR



FABRICANTES E FORNECEDORES
DE EQUIPAMENTOS DE MOAGEM



ARMAZENAGEM
E TRANSPORTE



SISTEMAS DE RESFRIAMENTO
E SEGURANÇA INDUSTRIAL



EMBALAGEM E MANUSEIO
DE PRODUTOS

PERFIL DO VISITANTE



Indústrias de moagem



Laboratórios



Operadores logísticos



Portuários



Centros de pesquisa em
qualidade de grãos



Empresas de armazenagem
e distribuição

SEJA EXPOSITOR!
RESERVE JÁ O SEU STAND



+55 11 93536-7785

victamlatam@interlinkexhibitions.com

grapaslatam.com

O PAPEL DA AQUICULTURA EM CONTRAPONTO AOS RISCOS ASSOCIADOS AO “SUPER EL NIÑO 2026”

ITAMAR ROCHA

A medida que se intensifica o movimento rumo à 31ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP31), a agenda “BlueCOP” destaca o papel crucial do oceano no enfrentamento da crise climática. Refletindo esse crescente apelo global à ação, mais de 150 líderes e especialistas globais na área de aquicultura, assinaram uma carta aberta aos anfitriões da COP31, a ser realizada na Austrália e na Turquia em 2031, alertando para a necessidade de colocar os oceanos no centro da ação climática global.

A carta chama a atenção das li-

deranças da COP31 para que tornem as ações que tragam soluções para mitigar o clima e os seus efeitos adversos sobre os oceanos, numa prioridade política, incluindo um foco específico na Cúpula de Líderes Mundiais, com compromissos políticos e financiamentos climáticos.

Nesse mesmo contexto, as referidas lideranças fazem também um apelo para que haja uma reforçada integração das prioridades oceânicas e costeiras em todas as vertentes de negociação da COP31, incluindo ações mitigadoras e respectivos financiamentos, envolvendo sessões de alto

nível, dedicadas à análise e às definições da implementação das iniciativas já existentes, como a “**Força-Tarefa de Implementação do Desafio das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) Azuis e o Pacote Azul da Agenda de Ação**”, lançadas na COP30 (Belém - Pará - Brasil, 2025).

A pertinência dessa iniciativa está associada, acima de tudo, ao fato de que “a saúde dos nossos oceanos, bem como a segurança alimentar, a nutrição global e o fornecimento de proteínas nobres, são inseparáveis do futuro da aquicultura/carcinicultura sustentáveis”. Por outro la-

do, como os oceanos têm uma enorme influência sobre os sistemas climáticos globais, tanto aquáticos como terrestres, estando intrinsecamente interligados, não se pode separar a sua saúde da saúde do planeta.

COLOCANDO OS OCEANOS NO CENTRO DAS DISCUSSÕES CLIMÁTICAS NA COP31.

Os signatários enfatizam que o oceano é fundamental para a estabilidade climática, absorvendo mais de 90% do excesso de calor e cerca de um quarto das emissões globais de CO₂, além de sustentar bilhões de pessoas por meio da segurança alimentar, meios de subsistência e resiliência costeira.

No entanto, apesar de seu papel crucial, as soluções baseadas nos oceanos permanecem significativamente sub-representadas nas políticas e no financiamento para minimizar os efeitos climáticos adversos. De forma que, a ampliação de ações que envolvam soluções para a produção de alimentos azuis sustentáveis, bem como, a descarbonização do transporte marítimo, a produção de energia renovável offshore e a proteção e restauração de ecossistemas de carbono azul, poderiam reduzir em até 35%, as emissões

de carbono necessárias para atingir a meta de 1,5°C do Acordo de Paris.

Isso, tendo em vista que o aquecimento das águas oceânicas, reduz a capacidade de reter oxigênio dissolvido, pelo que a elevação da temperatura durante o “Super El Niño” representará um risco crítico para a produção aquícola mundial.

Na verdade, as mudanças climáticas modificam a composição microbiana e, o estresse térmico altera os padrões de alimentação dos camarões e demais organismos aquáticos cultivados, gerando sobre alimentação e acumulação de matéria orgânica, contribuindo para incrementar os níveis de nitritos e os riscos tóxicos associados.

Por outro lado, o incremento da temperatura nos viveiros de aquicultura/carcinicultura, em decorrência do “El Niño”, modificará rapidamente as suas dinâmicas microbianas, com as comunidades bacterianas, inclusive, mudando suas composições, o que favorecerá o predomínio de espécies de rápido crescimento, que, por sua vez, aceleram a degradação da matéria orgânica.

Dessa forma, com a real perspectiva de que a aquicultura/carcinicultura, graças aos seus vitais e crescentes papéis na produção aquícola, será a alternativa mais racionalmente viável, com muito menos impacto ambiental, para proporcionar esses benefícios, inclusive com um efeito adverso menor do que a alternativa do fornecimento de proteína animal terrestre, será preciso dobrar todo o esforço para assegurar suas sustentabilidades.

Por isso é que, para garantir todos esses futuros benefícios, será exigido um responsável dever de casa, no contexto da produção dos alimentos azuis, “quer sejam cultivados ou pescados, de forma sustentável”, o que passa pela “certificação ambiental”, no tocante a um gerenciamento responsável e abrangente dos ecossistemas aquáticos, incluindo os oceanos, estuários e demais corpos hídricos explorados, para que continuem com explorações sustentáveis, proporcionando meios de subsistência, resiliência planetária e a produção de um alimento nobre, de fun-

damental importância para a nutrição das gerações presentes e futuras.

Nesse contexto, o “**processo de certificação da aquicultura/carcinicultura**”, por meio de requisitos baseados na ciência, desenvolvidos e revisados por meio de processos multissetoriais, abrangendo “**biodiversidade, bem-estar animal, redução das emissões de gases de efeito estufa, fornecimento de ingredientes para rações e, inegáveis contribuições sociais**”, constituem-se uma ferramenta de competitividade da maior importância, uma vez que gera procedimentos mensuráveis sobre as qualidades dos produtos, disponibilizados aos

O OCEANO É FUNDAMENTAL PARA A ESTABILIDADE CLIMÁTICA, **ABSORVENDO MAIS DE 90% DO EXCESSO DE CALOR** E CERCA DE UM QUARTO DAS EMISSÕES GLOBAIS DE CO₂, ALÉM DE SUSTENTAR BILHÕES DE PESSOAS POR MEIO DA SEGURANÇA ALIMENTAR, MEIOS DE SUBSISTÊNCIA E RESILIÊNCIA COSTEIRA

potenciais consumidores com “**verificação de forma independente**”.

Por outro lado, o “**selo de qualidade**”, sequenciando a referida certificação dos produtos aquícolas, assegura aos seus consumidores, que os “frutos do mar”, provenientes de “**fazendas aquícolas certificadas**”, segundo um rigoroso padrão ambiental e social, com comprovação confiável das alegações de origem, tornam seus produtos, reconhecidos e confiáveis globalmente. ■

Itamar Rocha, Engº de Pesca (1974), CONFEA 1805055020; Presidente ABCC / FENACAM'26; Diretor do DEAGRO/FIESP; Membro do CONAPE e da CSPA/MAPA.



MECANIZAÇÃO COM BIOCOMBUSTÍVEL DO BRASIL. O AGRO NÃO PODE ESPERAR MAIS

Participando do 41º Simpósio da Agroindústria da Cana de Açúcar, de Alagoas, com FMC, após uma extraordinária programação da STAB, no maior evento do setor sucroenergético do Norte Nordeste, uma grande pergunta me veio à cabeça: por que a mecanização da agropecuária brasileira não usou até hoje motores movidos com os biocombustíveis do Brasil, seja o etanol, o biodiesel o próprio biometano? Uma daquelas perguntas tão óbvias que nos traz a necessidade de ouvir mais as crianças, pois delas somos sempre surpreendidos com perguntas simples e que paramos para pensar.

Temos no Brasil uma experiência extraordinária e bem-sucedida do etanol, surgida nos desafios da primeira crise do petróleo anos 70 com o Proálcool. Temos agora também a opção do biodiesel, e com biogás gerarmos biometano. O que nos falta? Por incrível que pareça nos faltam tratores, colheitadeiras, implementos autopropelidos com motores para os nossos biocombustíveis.

Fui pesquisar e vi que iniciativas como essas começam a ocorrer, por exemplo, pela fabricante de motores e geradores a MWM, empresa hoje nacional do grupo Tupy. Desenvolveu um motor para etanol que pode ser colocado em tratores zero ou adaptados nos usados.

Qual a gigantesca importância da urgência de um planejamento para que todo agro brasileiro utilize biocombustível brasileiro? Além de um extraordinário impulsionamento de investimentos, empregos e renda dentro do país e com grandes oportunidades de exportação, iríamos dar segurança aos planos de transformação de áreas degradadas em agriculturas modernas e regenerativas com um merca-

do para a cana de açúcar, o milho, a soja, madeiras, gigantesco com sua utilização em toda mobilidade da agro mecanização do país.

Mas além disso, hoje algo ainda invisível mas que será fator crítico de sucesso em pouquíssimos anos daqui pra frente: “sustentabilidade de alimentos, fibras, energia não será medido somente pelos aspectos dos tratos culturais, mas por modelos que não utilizem mais a energia fóssil para a sua produção dentro das porteiras das fazendas”.

Portanto, será impossível dizer que nosso agro tende ao carbono zero, se usamos energia fóssil no movimento dos tratores, pulverizadores, plantadeiras, etc, mas vem aí novo agravante, e na logística do antes e do pós-porteira das fazendas? Somos hoje totalmente dependentes das energias fósseis, na chegada dos insumos, fertilizantes, como também nas saídas dos grãos, da cana, do café, algodão, frutas, hortaliças, carnes, tudo.

Não dá para esperar mais. Assim como num país de carros flex não ultrapassarmos 30% de participação no uso do biocombustível comparado com a gasolina é esquisito. Temos uma grande oportunidade, que a tornemos realidade.

Parabenizo ainda a criação de um início de rede de postos “só etanol”, da usina Caeté lá de Alagoas. Gostei, me deixou esperançoso. Um dia veremos a mobilidade brasileira todinha movida com biocombustíveis do Brasil. Eles são nossos. E o biogás com biodigestores já significa uma realidade na proteína animal, também destaco a cooperativa Primato, de Toledo (PR), investindo em bioplantas com a MWM gerando biofertilizantes com ótimas perspectivas no mercado de carbono. Alimento é saúde em todos os sentidos da palavra! ■



José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocere e da Jacto S/A.

DE
simplesmente
adicionar mais

produtos à dieta dos animais,
o portfólio completo da Cargill
Micronutrição & Saúde Animal
substitui volume por precisão,
promovendo a saúde animal,
fortalecendo a resiliência
e entregando resultados
mensuráveis,

PARA
gerar maior
impacto.


Diamond V™


Biostrong™


Cinergy™


Notox™


Enzae™

 | Animal Nutrition
& Health



Quando os desafios aumentam, a eficiência faz a diferença.

Em um cenário de pressão sobre custos, clima e produtividade, a nutrição estratégica é um caminho para manter a competitividade da pecuária.



O XTRACT® Ruminant, com sua tecnologia fitogênica baseada em ciência, contribui para otimizar o aproveitamento dos nutrientes, a estabilidade produtiva e a eficiência dos sistemas de corte e leite.



Compatível com o uso de ionóforos;



Contribui para a eficiência alimentar e estabilidade de consumo em gado de corte e leite;



Auxilia na modulação da microbiota ruminal e no aproveitamento dos nutrientes;



Contribui para a redução das emissões de gases de efeito estufa;



Alternativa fitogênica para estratégias nutricionais alinhadas à evolução do uso responsável de antimicrobianos.

A ADM desenvolve soluções nutricionais baseadas em ciência, tecnologia e conhecimento técnico para apoiar a evolução da pecuária moderna. Com um portfólio completo de ingredientes, premixes e aditivos, auxilia produtores a superar desafios do setor com mais previsibilidade, desempenho e sustentabilidade.

Tecnologia e inovação para transformar desafios em resultados.

